

A man with dark hair and a beard, wearing a grey t-shirt, is holding a baby in his arms. The baby is wearing a brown onesie and is looking towards the right. They are in a field with dry grass, and the background is a bright sunset or sunrise with a warm orange glow. In the top left corner, there is a blue geometric pattern.

HARLEQUIN
Special

PAIXÃO TOTAL

JACKIE BRAUN



Jackie Braun

PAIXÃO TOTAL

Tradução
Fabia Vitiello



Rio de Janeiro, 2020

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: CONFIDENTIAL: EXPECTING!

Copyright © 2009 by Jackie Braun Fridline

Diretora editorial:

Raquel Cozer

Editora:

Julia Barreto

Editoração eletrônica e conversão para e-book:

ABREU'S SYSTEM

Adaptação de capa:

Lucio Pimentel e Wesley Jhonatha

Editora HR Ltda.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B835p

Braun, Jackie

Paixão total [recurso eletrônico] / Jackie Braun; tradução Fabia Vitiello. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harlequin, 2020.

recurso digital (Special; 28)

Tradução de: Confidential: expecting!

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9786586012941 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Vitiello, Fabia. II. Título. III. Série.

20-65257

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

CAPÍTULO UM

— ESTE LUGAR está ocupado?

Mallory Stevens conhecia aquela voz profunda e sedutora. Ela fez o melhor que pôde para se controlar, antes de levantar a cabeça e se deparar um par de olhos verde-acinzentados sorridentes, e com um rosto que teria feito Adonis parecer medíocre se comparado a ele. Não adiantou.

Zip-zap-zing!

Rápidos como um raio, os hormônios dela entraram em alerta máximo e seus membros pareciam ter virado geleia. Era uma reação bizarra, mas ela estaria mentindo se dissesse que era desagradável. E também não era algo inédito. Ela havia passado por aquilo havia apenas uma semana, quando conhecera Logan Bartholomew.

Eles estavam no escritório dele, e ela tentara ver a situação como um fato isolado. Ela andava trabalhando demais. Mal havia dormido na noite anterior. E não tinha a companhia de um homem havia muito, muito tempo.

Mas um fato isolado, como o nome indica, não acontecia duas vezes. Se acontecesse e envolvesse um membro do sexo oposto, tinha outro nome: atração.

Mallory respirou fundo antes de expirar lentamente pela boca. Ela certamente não tinha nada contra se socializar com membros do sexo oposto. Ela gostava de homens, mas tinha uma regra sobre misturar negócios com prazer. Era um “não” categórico. Logan Bartholomew era apenas assunto de trabalho, ainda que tudo a respeito dele deixasse o corpo dela elétrico.

— Fique à vontade para se juntar a mim, doutor — ela disse a ele.

Embora exigisse certo esforço, era uma bênção que ela conseguisse manter um tom displicente na voz. Ela esperava que o mesmo acontecesse com o sorriso que deu para ele.

Ele acomodou seu corpo atlético na cadeira, parecendo, ao mesmo tempo, elegante e masculino. Pela enésima vez durante o tempo curto em que se conheciam, ela se flagrou pensando que o visual incrível dele estava sendo

desperdiçado na rádio. Ele apresentava um programa com a participação dos ouvintes, que causava furor em toda a cidade de Chicago.

— Pensei que tínhamos concordado que você me chamaria apenas de Logan — ele disse.

Mallory sabia que ele estava errado. Agora que *ele* chegara, o almoço das Mulheres de Ação da Cidade dos Ventos que ela estava cobrindo parecia bem mais interessante, mas uma palavra como *apenas* simplesmente não se aplicava a um homem como Logan. Tudo a respeito dele era impressionante, desde sua aparência de estrela de cinema e físico de triatleta até o modo com que seu programa de rádio tinha chegado rapidamente ao topo dos índices de audiência em pouco mais de um ano. Não era surpresa que ele tivesse sido eleito o solteiro mais cobiçado de Chicago, em uma recente pesquisa patrocinada pelo jornal em que ela trabalhava.

Como repórter, Mallory lembrou a si mesma de que estava interessada em algo mais do que o visual dele, que era de fazer o coração acelerar, e sua postura, que inspirava suspiros. Ela estava interessada em uma história, e estava farejando uma muito boa ali. Não necessariamente do tipo que se encaixava com a colônia sofisticada e a gravata de grife que ele usava, e certamente não do tipo trivial que a fizera acabar no escritório dele na semana anterior.

A experiência dela lhe dizia que ninguém podia ser tão perfeito quanto aquele homem parecia, com seu diploma de Harvard e sua reputação de apoiar causas humanitárias. Ela pretendia descobrir os segredos dele e depois revelá-los, um por um. Talvez, então, o editor dela pudesse perdoá-la pela gafe embaraçosa que resultara nos advogados do jornal tendo que enfrentar um processo de calúnia, e Mallory rebaixada e obrigada a escrever o tipo de matéria geral, que normalmente era trabalho dos estagiários.

— Eu preciso lhe agradecer pelo artigo que escreveu sobre o meu discurso para os alunos e professores da Escola Alternativa Chesterfield — ele disse.

Generalidades, definitivamente. Tanto que a matéria acabara sendo publicada no meio da seção de *Estilo de Vida* do *Chicago Herald*.

— Você leu? — ela perguntou, surpresa com o fato de que ele havia encontrado o artigo.

— Todos os quatro parágrafos — respondeu, secamente.

Na verdade, Mallory precisara enfeitar a matéria com o histórico dele, para conseguir escrever quatro parágrafos. Deus, como ela sentia falta da agitação da prefeitura. Dois meses escrevendo sobre bobagens, e ela estava se sentindo como uma carnívora numa convenção de vegetarianos. Ela precisava de carne, de preferência malpassada, e, a menos que seus instintos estivessem errados, Logan era um bife de primeira.

Inclinando a cabeça para o lado, ela perguntou:

— Então, existe um fundo de verdade no boato que ouvi, que o seu programa *Doutor Sabe-Tudo* pode ser veiculado em rede nacional? E que certa emissora de TV a cabo lhe fez uma oferta para um programa em horário nobre?

Se ele ficou surpreso com as perguntas dela, não deixou transparecer. Na verdade, ele nem piscou. Em vez disso, num tom neutro, respondeu:

— Oficialmente, ou extraoficialmente?

— Oficialmente, é claro — ela disse.

— Bem, então a resposta é não.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— E extraoficialmente?

Logan se inclinou na direção dela, perto o suficiente para que ela pudesse sentir o calor que irradiava de sua pele. Ela imaginou sua boca, os lábios a menos de um centímetro de tocarem o lóbulo da orelha dela, quando ele sussurrou:

— Sem comentários.

Apesar de seu autocontrole, Mallory estremeceu. O homem era simplesmente letal, uma dose de sexo sem gelo, servida em um terno que provavelmente custava o equivalente a um mês do salário dela. Ela gastara uma fortuna na saia preta justa e no paletó acinturado que usava, mas, mesmo assim, suas roupas estavam longe de ser assinadas por estilistas. Obviamente, Mallory estava na profissão errada, mas não tinha nenhum plano de mudar de vida. Ela adorava seu trabalho. Até recentemente, sua carreira era a coisa mais satisfatória e confiável em sua vida, e ela pretendia que as coisas voltassem a ser daquela maneira.

Recostando-se em sua cadeira, Mallory sorriu para Logan.

— Vou acabar descobrindo, você sabe. Desenterrar os segredos das pessoas é o que eu sei fazer melhor.

— Eu ouvi exatamente isso a seu respeito — ele respondeu, amigavelmente. — Na verdade, a minha agente telefonou para me alertar quando você foi ao meu escritório para a entrevista, na semana passada. Ela disse que eu devia tomar cuidado e que você é uma *pitbull*.

— Uma *pitbull*, hein? — Mallory passou a língua pelos dentes.

— Na verdade, ela disse que você é uma *pitbull raivosa*. — Logan riu, como se quisesse suavizar a descrição, e completou: — Espero que você não tenha ficado ofendida.

— Ofendida? — ela disparou, secamente. — Por favor. Estou lisonjeada com a descrição dela.

— Não acho que ela teve a intenção de elogiá-la.

— Tenho certeza de que não. — Mallory deu de ombros. — Vou considerar como um elogio, de qualquer modo. No meu tipo de trabalho, acredito em atacar direto na garganta. É isso que dá os melhores resultados.

Ela baixou o olhar ao dizer aquilo. Com aquela gravata de seda afrouxada e o colarinho da camisa desabotoado, Logan Bartholomew tinha um pescocinho delicioso.

— E fora do trabalho?

A pergunta dele interrompeu os devaneios dela. Os olhos de Mallory voltaram para o rosto dele, em que brilhava um sorriso potente e muito masculino.

— O... o que você quer dizer com isso? — Ela odiava o fato de ter gaguejado, como uma estudante tímida conversando com o astro do futebol da escola.

— O que você faz fora do expediente? Para relaxar? — A expressão dele era quase desafiadora.

— Eu costumo trabalhar até tarde. — E depois ela ia para casa sozinha, comprando o jantar em um restaurante durante a sua caminhada até o metrô. Depois de tirar as roupas de trabalho, geralmente comia enquanto assistia televisão, antes de desmaiar de cansaço em sua cama gigante. Sozinha.

— Nenhum... namorado? — ele inquiriu.

Os olhos dela se estreitaram.

— Não no momento. — Embora “não nos últimos dois anos” estivesse mais perto da realidade.

— Humm.

— Está me analisando, doutor? — Mallory perguntou.

— Logan — ele lembrou a ela com um sorrisinho afável.

— Sim, mas no momento você está soando horivelmente parecido com alguém com uma especialização em psiquiatria.

— Ah! — Ele fez uma careta para fazê-la rir. — Sinto muito. Esse é um risco da minha profissão, imagino. É que acho difícil de acreditar que uma mulher tão inteligente, interessante e, bem, atraente como você não tenha um relacionamento sério.

— Boa saída — ela respondeu, seca, esperando poder camuflar a onda de prazer que a invadira ao ouvir os elogios dele.

Inteligente, interessante, atraente. Que mulher não gostaria de ser chamada assim, especialmente por um homem que tinha aquela aparência?

Os garçons apareceram, com pratos de salada e cestas de pão. Mallory escolheu um brioche. No primeiro encontro deles, o tempo de Logan estava curto, e ela só tivera a oportunidade de lhe fazer perguntas relacionadas ao discurso. Agora, com a desculpa de manter uma conversa social, ela perguntou:

— E você? O que você faz quando não está na emissora de rádio?

— Bem, para começar, eu gosto de comer. — Ele apanhou algumas ervilhas ao molho de framboesa com o garfo.

— É, eu posso ver. — Logan era uma propaganda ambulante de boa forma. Se o homem já era bonito daquele jeito vestido, ela não queria nem imaginar como ele pareceria sem as roupas. O pensamento fez com que ela comesse a tossir.

Ele lhe deu tapinhas nas costas.

— Você está bem?

— Estou — ela conseguiu responder. — Nunca estive melhor. Você estava dizendo alguma coisa a respeito de comida?

— Eu gosto de comer. E, por esse motivo, aprendi a cozinhar.

Mallory apertou os olhos.

— “Aprendeu a cozinhar” quer dizer que sabe como o micro-ondas funciona, ou aprendeu a cozinhar...

— Eu sei me virar na cozinha — ele interrompeu. — Por exemplo, para esta noite, estou planejando grelhar um filé marinado e acompanhar com *noodles* de arroz e uma salada verde.

Mallory ficou com água na boca.

— Só para você?

— Na grande maioria das vezes.

— Estou impressionada. — E estava. — Nunca consegui fazer muito mais do que ferver água, o que na verdade é bastante útil, considerando que é um dos passos mais importantes quando se cozinha macarrão com queijo.

— Do tipo instantâneo — ele deduziu. — Existem outras maneiras de se cozinhar, você sabe.

Não, ela não sabia. Em sua experiência limitada, tudo o que era necessário era ferver a água e adicionar o macarrão. Quando estava cozido, ela escorria a água, esquentava meio copo de leite e misturava com o pacotinho de queijo ralado. *Voilà!* Jantar.

Logan estava dizendo:

— Descobri que cozinhar é uma válvula de escape surpreendentemente eficaz para a minha energia criativa.

Ela achou a admissão dele surpreendente também, mas, quando se tratava de segredos, bem, a notícia de que o novo filho favorito da cidade de Chicago gostava de brincar de *chef* nas horas vagas não tinha muitas chances de impressionar o editor de Mallory.

Então, ela perguntou:

— E o que mais você faz nas horas de folga? Eu sei que você não frequenta os lugares da moda.

Ela havia checado.

— Estou um pouco velho para isso.

— Trinta e seis não é exatamente uma idade avançada. — Especialmente quando se tinha ombros largos, quadris estreitos e uma cabeleira loura deslumbrante.

Os ombros em questão se ergueram.

— Boates não são exatamente a minha praia.

E nem a de Mallory. Ela gostava de dançar, tomar um coquetel e se divertir de vez em quando, mas já fazia muito tempo que cansara da cena de “mercado de carne” que a maioria das boates da moda promovia. Ultimamente, quando ela saía, era normalmente com uma velha amiga da faculdade, para tomar *margueritas* em um pequeno restaurante mexicano cujo *status* estava apenas um pouco acima de decadente.

— Então, qual é a sua praia? — ela perguntou.

Logan não disse nada por um longo momento. Em vez disso, ele a examinou com um olhar ao mesmo tempo desafiador e curioso. E foi por

isso que Mallory se viu prendendo o fôlego até que ele finalmente respondeu:

— Eu gosto de velejar.

O ar escapou dos pulmões dela de uma vez.

— Velejar. Você quer dizer, barcos? — Mallory não podia evitar se sentir decepcionada. A menos que ele fosse lhe contar que escondia drogas no barco, aquela revelação era tão digna da primeira página quanto ele ser um *chef* amador.

— E o que mais eu poderia querer dizer? — Ele estava sorrindo. — Meus pais tinham um catamarã quando eu era garoto. Eu adorava ficar na água. Então, comprei um barco de 31 pés, há alguns anos. Saio para velejar no Lago Michigan sempre que posso. Mas a temporada é curta demais por aqui.

Mallory não se considerava do tipo romântico, mas não via problema algum em imaginar Logan de pé no convés, manejando o leme de um veleiro enquanto o horizonte de Chicago desaparecia às suas costas e as águas de um azul profundo do grande lago lhe serviam de pano de fundo.

— Parece divertido — ela disse, com um fiapo de voz. Por Deus, o que havia de errado com ela?

— E é. Especialmente bem cedo, de manhã. Não há nada como sentar ao convés, tomando uma xícara de café e observando o sol nascer no horizonte.

Mallory engoliu em seco. *Mantenha o foco*, disse a si mesma, quando sua mente ameaçou devanear mais uma vez.

— Você fala como se dormisse em seu barco.

— Faço isso às vezes. Tudo é tão calmo no lago, você sabia? Nada do barulho da cidade. Apenas o som da água e o grito das gaivotas, de vez em quando.

Ela pensou no trem que passava perto de seu apartamento em intervalos regulares. Do ponto de vista dela, ele estava falando do paraíso. E aquilo foi antes de ela imaginá-lo vestindo... humm... o que será que o bom doutor usava para dormir? Uma curiosidade levou a outra.

— E você dorme lá sozinho? — Quando as sobrancelhas dele se ergueram, ela consertou a pergunta. — Com quem você sai para velejar?

A gargalhada de Logan soou forte e profunda, provocando um arrepio que subiu pela espinha de Mallory.

— Você está me perguntando se estou envolvido com alguém?

Ela limpou a garganta, mantendo o tom neutro de repórter.

— Várias mulheres solteiras que leem o *Herald* estão morrendo de vontade de saber quão disponível o solteiro mais cobiçado de Chicago está.

— Tudo por causa daquela maldita lista.

— Sim — ela respondeu. — E todo homem em Chicago desejaria ter a sorte de ver seu nome naquela lista.

— Será que eu preciso lhe agradecer pela minha... sorte?

Mallory sacudiu a cabeça.

— Eu não fazia parte da equipe de *Estilos de Vida* naquela época.

Ele não se deteve.

— Mas você é uma delas? Você sabe, as votantes, as mulheres interessadas na minha vida pessoal?

— Votante, não. Mas você pode apostar que eu estou interessada na sua vida pessoal. — Ela retirou uma caneta e um bloquinho da bolsa pendurada no encosto da cadeira. — Então?

O bom humor desapareceu da expressão de Logan quando ele disse:

— Eu não havia percebido que você veio a este almoço para escrever sobre mim.

Era censura aquilo que ela viu no rosto dele, ou seria decepção?

Mallory não gostava de nenhuma das alternativas, mas não estava disposta a recuar. A agente de Logan a havia chamado de “*pitbull* raivosa”. Bem, ela possuía aquela reputação por um motivo.

— Sinto muito. Risco da minha profissão. E eu não posso evitar pensar que você é uma história muito mais interessante do que a vencedora do Prêmio de Ação deste ano. — Ela inclinou a cabeça na direção da mesa principal. — Você é uma celebridade local, Logan. Um filho da cidade, que subiu pelos próprios méritos e se tornou extremamente bem-sucedido. E é, também, um tanto misterioso. Não se sabe muita coisa a seu respeito, além de onde você estudou e de suas estatísticas pessoais.

Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Gosto da minha privacidade.

— Sim, e os leitores adoram invadi-la. — Mallory inclinou a cabeça para o lado. — É uma boa estratégia de relações públicas jogar um osso para eles de vez em quando. Você sabe, já que são eles que sintonizam o seu

programa de rádio. — Mirando na jugular dele, ela completou: — De certa forma, bastante realista, você poderia dizer que deve seu sucesso a eles.

— Bem, quando você coloca as coisas desse jeito... — Um sorriso se espalhou lentamente pelo rosto dele. Letal, Mallory pensou novamente, enquanto seus hormônios pulavam dentro dela como bolinhas numeradas numa máquina de bingo. Ela se flagrou inclinada na direção dele, atraída como uma mariposa para a chama. Ela não ficou surpresa quando uma onda de calor começou a invadi-la.

— Bem? — Era a voz dela que soava tão sem fôlego, tão miseravelmente ansiosa?

— Eu não estou... em um relacionamento.

Ela umedeceu os lábios e se recostou na cadeira.

— Ah.

O que exatamente aquilo significava? Homens, como ela sabia por experiência própria, definiam relacionamentos de forma diferente das mulheres.

— Mais alguma pergunta? — Logan inquiriu.

Mallory tinha dúzias de perguntas, e aquele homem, aquele bife de primeira, o ingresso VIP para a sua redenção profissional, estava lhe oferecendo a oportunidade de fazê-las. Infelizmente, quando ele olhava para ela com aquela expressão avaliadora, a mente de Mallory se esvaziava. Ela sacudiu a cabeça lentamente, e se sentiu grata quando as entradas chegaram, salvando-a de parecer incapaz de falar, algo que lhe acontecia pela primeira vez na vida.

Eles comeram o frango sem gosto e o arroz *pilaf* que passara do ponto em silêncio, e durante todo o tempo Mallory se lembrou da menção que ele fizera ao filé marinado grelhado. Foi quase um alívio quando os garçons tiraram os pratos da mesa e a cerimônia de premiação começou. Exceto pelo fato de que, enquanto a presidenta do clube de mulheres tagarelava sobre as muitas virtudes da premiada, Mallory pôde ver, pelo canto do olho, que Logan a observava.

Que diabos ele poderia estar pensando?

LOGAN ESTUDOU Mallory atentamente. Ele fora sincero quando lhe dissera que ela era brilhante, interessante e atraente.

Atraente. Que diabos! Ela era simplesmente linda, com aqueles cabelos castanhos emoldurando um rosto oval dominado pelo par de olhos escuros mais impressionantes que ele já tinha visto. Mas, apesar da beleza física dela, era a sua personalidade que o cativava. Ele gostava de mulheres inteligentes. Quanto mais inteligentes, melhor. Somando à beleza, era uma combinação mortal, na opinião dele. Mallory certamente preenchia todos os requisitos. E aquilo era um problema.

Logan havia conhecido alguém do tipo dela uma vez, havia muitos anos. Ele havia se apaixonado profundamente na época, tão profundamente que quase chegara ao altar, pronto e disposto para prometer seu amor e devoção infinitos. Um mês antes do casamento, entretanto, sua noiva tinha desfeito o compromisso. Felicia havia alegado que precisava de tempo e de espaço. Ela precisava pensar, refletir. Logo, ficou claro que ela não precisava dele. Ela acabou se casando com outro homem.

Quase uma década se passara. Logan tivera notícias dela apenas uma vez, pouco depois do casamento. Ela havia lhe enviado uma carta, e o carimbo do correio era de Portland, Oregon. Na nota curta, ela lhe pedira que a perdoasse, mas, mesmo querendo, ele não conseguira. Ela não incluía endereço ou número de telefone, e ele entendera a mensagem.

Ele se tornara avesso a qualquer compromisso desde então.

O que não significava que não gostasse de mulheres, ou de passar algum tempo com elas. Significava apenas que ele não deixava que as coisas evoluíssem para algo mais sério.

Ele olhou de esguelha para Mallory. Ela estava tomando notas, aparentemente absorvida no discurso nada excitante da premiada. Enquanto a observava, seu interesse, entre outras coisas, foi despertado.

Pitbull raivosa.

A agente de Logan tinha sido clara, alertando-o para ficar bem longe daquela repórter em particular. Mallory tinha uma reputação de arruinar com as pessoas, insistira Nina Lowman. Talvez fosse o lado masoquista dele que considerasse a reputação dela um desafio. Além disso, ele sabia lidar com repórteres. Ele lidava com repórteres o tempo todo, desde que seu programa de rádio se tornara líder de audiência.

Então, quando o almoço se aproximava do fim, Logan se inclinou para Mallory e perguntou:

— Já que estamos jogando limpo, eu também tenho uma pergunta para você.

— É?

— O que você vai fazer esta tarde?

Ela piscou, antes de apertar os olhos. Por que é que ele achava a desconfiança dela *sexy*?

— Escrever uma matéria. Por quê?

— Quanto tempo isso vai levar?

— Para fazer isso? — Os lábios dela se torceram, demonstrando seu desgosto. Não era a primeira vez em que ele se perguntava por que uma repórter com a reputação dela havia sido designada para cobrir um assunto sem importância. — Eu preciso de algumas declarações da vencedora, uma declaração de alguém do comitê de premiação, e então tenho que escrever um ou dois parágrafos resumindo os motivos de a vencedora ter sido escolhida.

— Em outras palavras, você poderia escrever essa matéria dormindo — ele concluiu.

Ela agradeceu a avaliação direta dele com um sorriso.

— Depois que eu fizer algumas entrevistas, devo levar meia hora, no máximo. Por quê?

Logan estava brincando com fogo, o que não era seu hábito. Embora ele gostasse de desafios, não era do tipo que corria riscos desnecessariamente. Mesmo assim, ele se ouviu dizer:

— Alguma vez você já viu a cidade da água?

— Não — ela respondeu, lentamente.

— Bem, se você quiser, o meu veleiro, o *Tangled Sheets*, está atracado no iate clube. Estou planejando sair por volta das cinco.

Algo fez com que os olhos escuros dela brilhassem. Interesse? Excitação? Ele se perguntou, brevemente, se era a repórter ou a mulher que estava por trás daquela emoção. Para sua surpresa, ele percebeu que não se importava.

— Que iate clube? — ela perguntou.

Logan não estava disposto a tornar as coisas muito fáceis para ela. Então, ele se levantou, e, com um gesto de saudação, andou alguns passos de costas em direção à saída.

Pouco antes de se virar, ele disse:

— Você é uma repórter, Mallory. Se você quiser mesmo me encontrar, vai descobrir.

CAPÍTULO DOIS

APESAR DE ter trocado de roupa e estar vestindo uma blusa leve e um par de calças bem cortadas, Mallory estava derretendo com o calor do final da tarde quando chegou ao local onde Logan atracava seu barco, no Iate Clube de Chicago. Não ajudava em nada o fato de que ela havia praticamente corrido meia dúzia de quarteirões deste a estação do metrô. Ela possuía um carro, mas frequentemente achava que usar o transporte público era menos estressante do que tentar encontrar um local para estacionar.

Depois de sair do almoço, ela havia escrito a matéria apressadamente, submetendo-a então a uma revisão rápida e a uma checagem ortográfica no computador. Não era do estilo dela se apressar, principalmente por causa de um homem. Mas Logan era muito mais do que um homem. Ele era uma história.

A *história* lhe tirou o fôlego quando ela o viu de pé no convés de um veleiro. Atrás dele, a luz do sol refletia a superfície suave e azul do lago, fazendo com que ele parecesse algo saído diretamente de alguma fantasia.

Ele estava de costas para ela, com um telefone celular encaixado entre seu pescoço e seu ombro, e ela teve algum tempo para examiná-lo. Ele também havia trocado de roupas. Em vez do terno caro que vestira mais cedo, ele usava uma camisa de mangas curtas que mostrava um par de braços musculosos, e calças marrons informais que delineavam um belo e firme traseiro. Mallory se abanou. Maldito calor. Embora ainda fosse junho, o termômetro devia estar se aproximando dos 38 graus à sombra.

Com uma leve mudança no vento, ela conseguiu ouvir o que Logan falava.

— Você não precisa se preocupar... Não. De verdade. Você conhece o ditado “Mantenha seus amigos próximos, e seus inimigos *mais* próximos”? — A risada dele ecoou, forte e profunda, antes de continuar. — Exatamente... Sim, eu ligo para você.

Ele se despediu e desligou o telefone. Logo que ele se virou e avistou Mallory, um interesse bastante masculino acendeu seus olhos, e um rubor

de constrangimento lhe subiu ao rosto.

Ele tossiu.

— Eu não percebi que você estava aqui.

— Obviamente.

O rubor dele ficou ainda mais forte.

Mallory podia ter fingido não ter escutado nada. Aquela teria sido a coisa educada a se fazer. Mas ela era uma repórter, o que significava que a curiosidade atropelava a polidez.

— Então, o que é que eu sou? — Quando ele franziu a testa, ela continuou: — Amiga ou inimiga?

Ela teve que dar o crédito a ele. Logan se recuperou de seu constrangimento mortal com impressionante rapidez e agilidade. Mas, afinal, ele era um veterano de transmissões ao vivo na rádio, o que significava que ele era muito bom em pensar rápido.

Aproximando-se da grade do veleiro, ele perguntou a ela:

— Como você se considera?

— Ah, muito esperto, jogando a questão de volta para mim. É isso que eles ensinam na faculdade de psiquiatria?

— Entre outras coisas — ele respondeu.

O que quer que houvesse sobrado do constrangimento evaporou completamente no momento em que a mão dele segurou a de Mallory, para ajudá-la a subir a bordo. A palma dele estava quente contra a dela; agradavelmente quente, apesar do calor.

Foi uma pena quando ele soltou a mão dela, embora ela imaginasse que poderia ser estranho se ele continuasse com o contato.

— Então — ela disse, quebrando o silêncio.

— Então — um dos cantos da boca de Logan se ergueu, mas ele recuou um passo, e ela gostou de saber que conseguia desequilibrá-lo tão facilmente quanto ele fazia com ela. Colocando as mãos nos bolsos da frente da calça, ele disse: — Eu não estava certo de que você viria, ou de que conseguiria me encontrar.

Embora a cidade tivesse mais de um iate clube, ela não precisara fazer muito esforço. O barco dele era registrado. Além disso, o Iate Clube de Chicago, que datava do final do século XIX, era bastante exclusivo. Parecia o lugar mais provável para uma celebridade em ascensão que valorizava sua privacidade.

Mallory fez um gesto com a cabeça na direção da garrafa de vinho tinto que estava aberta em cima de uma pequena mesa.

— Eu diria que você desconfiava que eu viesse.

Ele deu de ombros.

— Eu tinha esperanças. Além disso, eu apostava nos seus instintos jornalísticos.

— Eu aposto neles, também, já que eles raramente me falham.

— Eu deveria estar nervoso?

— Diga-me você — ela retrucou.

— Eu acho que isso depende do motivo de você estar aqui.

— Eu fui convidada — ela lembrou a ele.

— Isso é verdade.

Na realidade, Mallory ainda estava perplexa com a oferta espontânea de Logan de levá-la para velejar ao cair da tarde. Aquele era um dos motivos para ela estar ali. O que exatamente o homem tinha em mente?

— Por quê? — A pergunta rompeu o silêncio com a delicadeza de um grito de gaivota.

— Como?

— Por que você me convidou?

— Nossa, isso foi direto. — Ele riu.

Mallory deu de ombros.

— Eu não gosto de fazer rodeios.

— Não, eu não acho que você faça o tipo. — Com o dedo indicador, ele deu uma batidinha no telefone celular. — Você sabe, a minha agente também queria saber a resposta para esta pergunta.

— O que você disse a ela, além de “não se preocupe”?

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Na verdade, eu não tive uma resposta para dar a ela.

— Além do adágio *amigos e inimigos* — Mallory retrucou.

— Além disso — ele concordou. — Por que você veio? E, sim, eu estou devolvendo a pergunta.

— Curiosidade — ela respondeu, honestamente. — Como eu poderia recusar quando eu acho você tão intrigante?

— Acho que estou lisonjeado. Especialmente se for a mulher que estiver falando, e não a repórter.

— As duas são a mesma pessoa, você se lembra?

O olhar de Logan se intensificou.

— Você está certa disso?

Ela estava, ou pelo menos estivera até o momento em que ele a encurralara com aquele olhar fixo e fizera a pergunta. O barco se moveu sob os pés dela, um movimento leve que a fez se lembrar da cama d'água que tivera quando adolescente. Ela costumava dormir como um bebê, então. Agora, sorte dela se conseguisse ter algumas horas de sono ininterrupto antes de seus olhos se abrirem e sua mente começar a operar como um retroprojeto, em que os itens de sua lista do que fazer durante o dia de trabalho passavam como *slides*, juntamente com os objetivos relacionados com os seus planos de carreira.

— Eu adoraria uma taça daquele vinho — ela disse, optando por mudar de assunto.

— Eu também não me importaria em tomar uma. — Enquanto ele os servia, comentou: — Como exatamente você me encontrou? Eu só estou perguntando para poder impedir que outros façam o mesmo.

— Desculpe. — Ela sacudiu a cabeça e, depois de tomar um gole do *Merlot*, completou: — Por mais que eu queira ajudá-lo, e por mais que eu queira manter outros repórteres longe de você, não posso revelar minhas fontes.

Ele assentiu, sabiamente.

— Isso seria ruim?

— Tanto quanto um mágico que revelasse o segredo sobre como serra sua assistente ao meio — ela disse com uma seriedade fingida.

O sorriso dele parecia o de um garoto, e era muito mais charmoso exatamente por isso.

— Eu sempre quis saber como eles fazem aquilo.

— Eu sei como. — Ela não conseguiu deixar de se vangloriar. — Logo depois de terminar a faculdade, fui designada para escrever uma matéria sobre um homem que fazia mágicas em uma boate local. Depois da entrevista, ele me mostrou.

— Mas você não vai me contar, vai? — Logan provocou.

— E arruinar a ilusão?

— Certo. — Logan riu. — Então, você está com fome?

— Estou chegando lá — ela respondeu, casualmente.

Na verdade, Mallory estava faminta. Ela mal havia tocado no almoço, e seu café da manhã, um *bagel* tostado com requeijão, que ela comera no escritório pouco depois do amanhecer, era uma lembrança distante agora.

— Ótimo. Eu me adiantei e já preparei o jantar.

A boca de Mallory se encheu d'água.

— O filé marinado que você mencionou no almoço? — Quando ele assentiu, ela perguntou: — Você quer dizer que cozinhou aqui?

— Eu cozinhei a carne naquela grelha portátil a gás, e o resto foi preparado lá embaixo.

A refeição que ele descrevera mais cedo parecia do tipo que alguém prepararia em uma cozinha *gourmet*, e o tom dela era desconfiado quando perguntou:

— Você tem um fogão de verdade lá embaixo?

Ele sorriu.

— O espaço pode ser um pouco apertado, mas você vai ver que o meu barco tem todos os confortos de uma casa.

Por que aquela simples frase fazia com que o sangue fervesse em suas veias?

— T-todos? — ela gaguejou, e limpou a garganta. Com um tom mais profissional, ela inquiriu: — Como isso é possível? Quero dizer, essa coisa tem só... o quê? Trinta pés de comprimento?

— Trinta e um, na verdade. Mas você ficaria surpresa ao ver o que pode ser colocado neste espaço, usando um pouco de engenhosidade. Quer fazer um *tour*?

— Eu adoraria — ela respondeu, ainda que a ideia de descer com ele a fizesse se sentir subitamente nervosa. Não era Logan que a tornava cautelosa; sua preocupação tinha mais a ver com ela própria. Uma história, ela repetiu para si mesma pelo que parecia a milionésima vez desde que o conhecera.

Por sorte, ela teve uma chance de adiar o problema.

— Você pode esperar até depois do jantar?

— Claro que sim. — Ela deu de ombros. — Não estou com pressa.

Mallory sentou-se à mesa e deixou que Logan a servisse, já que ele parecia ter tudo sob controle. Mais do que sob controle, ela decidiu, quando ele reapareceu, depois de ir até a parte de baixo do barco, trazendo dois

pratos de comida cuidadosamente preparados. A refeição parecia algo saído da capa da revista *Bon Appetit*.

— Uau. Se o gosto for tão bom quanto a aparência, vou direto para o paraíso.

Ela falava sinceramente. Embora desmascarar os talentos de Logan na cozinha jamais fosse lhe dar um prêmio *Pulitzer*, e muito menos o perdão de seu editor, era difícil não admirar um homem capaz de preparar uma refeição cinco estrelas a bordo de um barco no final da tarde sem nem sequer suar, como a testa seca dele atestava.

Logan se acomodou na cadeira à frente dela.

— Obrigado.

— Humm. Definitivamente, é o paraíso — Mallory comentou depois de dar a primeira garfada no filé marinado. A comida derreteu em sua boca como manteiga. Depois, ela levantou sua taça. — Um brinde ao cozinheiro. Estou impressionada.

— Isso é um grande cumprimento, vindo de você. Eu tenho a impressão de que você não é o tipo de mulher que faz elogios com frequência.

— Apenas quando eles são merecidos.

Ele sorriu e tomou um gole de vinho. Depois de colocar a taça de volta na mesa, ele disse: — Então, mal posso esperar até você experimentar a torta de maçã com canela que eu fiz para a sobremesa.

— É tão boa assim?

— Melhor do que você pensa — ele garantiu, com uma piscadela que deu um golpe certeiro na libido dela. — Esqueça os elogios. Você vai ficar sem palavras.

— Seria a primeira vez. — Ela riu. — Mas, afinal de contas, você já provou que é um homem de muitos talentos.

— Sim, e estou ansioso para apresentá-la a outro dos meus talentos mais tarde.

O calor começou a aumentar novamente.

— É?

— Velejar. — O sorriso torto de Logan disse a Mallory que ele sabia exatamente a direção que os pensamentos dela haviam tomado, e que ele gostava de saber que podia inspirar um erro daqueles.

Durante o jantar, a conversa progrediu, ou foi desviada, para a vida pessoal dela. Mallory não gostava de falar sobre si mesma, mas, como

repórter, descobrira que divulgar alguns detalhes sobre seu passado frequentemente ajudava suas fontes a confiarem mais nela e falarem. Portanto, quando ele lhe perguntou se ela era natural de Chicago, ela respondeu:

— Não. Na verdade, eu não sou uma garota do meio-oeste. Eu cresci em uma pequena cidade em Massachusetts.

— Isso explica o som das suas vogais. — Ele sorriu. — O que a trouxe para Chicago?

Não havia nada de muito pessoal na pergunta; então, ela respondeu:

— A faculdade. Eu ganhei uma bolsa de estudos na Northwestern.

— E depois foi contratada pelo *Herald* — ele concluiu.

— Finalmente. Passei os três primeiros meses depois da formatura trabalhando de graça como estagiária, na esperança de que os editores percebessem o meu trabalho e me oferecessem um emprego de expediente inteiro. Naquela época, embora o *Herald* não tivesse anunciado vagas na redação, a competição, em geral, era feroz.

— E você quis se certificar de ter um pé na porta. Muito engenhoso, mesmo que um pouco arriscado. — Ainda assim, ele assentiu, com admiração. — O que os seus pais acharam da sua decisão de trabalhar de graça?

Ela tomou um gole de vinho.

— Eu só tinha a minha mãe, e ela pensou que eu havia perdido o juízo.

— Por que ela pensaria isso?

A gargalhada arranhou a garganta dela.

— Eu não quis dizer isso literalmente, doutor.

— Ótimo, porque eu estou fora do horário de expediente. Bem?

Mais do que ser direto, o olhar dele a fazia se sentir... segura. Aquele pensamento lhe causou um calor de um tipo diferente. Ela sentia como se pudesse contar qualquer coisa para ele, e ele não a julgaria da forma com que sua mãe sempre fizera, e ainda fazia.

— A minha mãe achou que eu estava sendo uma tola. Ela queria que eu fosse financeiramente independente, e não conseguia entender como trabalhar de graça poderia me levar a algum lugar.

— Um objetivo razoável — ele comentou.

— Sim, mas isso era um mantra que ela repetia sem parar depois que meus pais se divorciaram.

— Eu... eu acho que pensei que seu pai não estivesse mais vivo. Quando eu perguntei o que seus pais acharam, você disse que tinha apenas a sua mãe.

— E tenho, e é o que sempre tive. — Ela teve que se esforçar para manter a amargura longe de sua voz. — Meu pai não está morto. Ele é um peso morto.

— Ah. — Ele fez uma careta. — Sinto muito. Quantos anos você tinha?

— Onze. Minha mãe fora sempre uma dona de casa, e não tinha nenhuma habilidade para o mercado de trabalho quando o casamento deles terminou. Ela teve muita dificuldade para conseguir um emprego. E ela não queria que eu acabasse dependendo de um homem.

Mallory apanhou sua taça de vinho, pelo simples motivo que tomar um gole iria lhe dar uma desculpa para calar a boca. A única outra pessoa para quem ela havia mencionado aquele assunto era Vicki, sua antiga colega de quarto na faculdade, e, mesmo assim, só depois de muitas *margueritas*.

Como ela fazia uma boa ideia do que Logan poderia estar pensando, decidiu falar primeiro:

— Mas não é esse o motivo pelo qual eu sou casada com o meu trabalho. Acontece que eu realmente gosto do que faço.

— Eu não duvido. — Ele também bebeu um gole de vinho.

Era o momento de mudar o foco da conversa.

— E a sua família? Você tem irmãos?

— Um irmão e uma irmã, ambos mais novos do que eu.

— E os seus pais? Eles ainda estão juntos? — Ela sabia que estavam, mas admitir aquilo faria parecer que ela andara investigando a vida dele. E era exatamente o que ela havia feito.

— Sim. — A nostalgia aqueceu o sorriso dele. — Estão com quase quarenta anos de casados, e ainda andam de mãos dadas.

A resposta foi a deixa para uma pergunta que ela estava louca para fazer, e que desviaria os holofotes de sua vida pessoal.

— E, mesmo assim, você tem 36 anos e continua solteiro. Por quê?

Uma sombra passou pelo rosto dele, e desapareceu tão rapidamente que ela se perguntou se não a teria imaginado. Mas, então, ele deu um sorriso afável (seria um mecanismo de defesa?) que a deixou ainda mais curiosa.

— Eu acho que poderia dizer que, quando a maçã caiu, rolou para bem longe da árvore.

E esta maçã também rolou, pensou Mallory, sufocando as lembranças de sua infância e empurrando-as mais uma vez para debaixo do tapete. E com bons motivos, no seu caso. Mas por que alguém cujos pais tinham o que parecia ser a união perfeita seria tão relutante quando se tratava de um compromisso? Aquilo merecia uma investigação. Mais tarde.

Por enquanto, ela se contentou em perguntar:

— Os seus irmãos ainda moram em Chicago?

Ela sabia que os pais dele ainda moravam lá. Os Bartholomews não eram estranhos às colunas sociais dos jornais da cidade.

— Sim. Minha irmã, Laurel, frequenta a *Loyola*. Ela já tem quase trinta anos, estuda há mais de uma década e não consegue se decidir por um curso. Isso deixa meus pais loucos. Luke, meu irmão, é dono de um restaurante.

— Aqui mesmo?

Ele assentiu.

— O *Berkley Grill*, a alguns quarteirões de distância do *Navy Pier*.

— Eu adoro aquele lugar! — Mallory exclamou. — Especialmente o sanduíche grelhado de cogumelos *portabella* com queijo provolone.

— Esse também é um dos meus favoritos.

— O seu irmão é *chef*, então? — ela perguntou.

— Não. Assim como eu, ele sabe se virar na cozinha, mas é um homem de negócios, e tem um ótimo olho para notar potencial. — A voz dele estava cheia de orgulho. — O restaurante precisava de um cardápio novo, de uma reforma na sala de jantar e de uma estratégia de *marketing* melhor, para capitalizar sobre o movimento de turistas. Desde que ele o comprou e fez as mudanças, o lugar tem ido muito bem, mesmo com a economia do jeito que está, e conseguiu publicidade grátis com uma matéria num especial da *Food Network*.

— Você já anunciou o restaurante dele no seu programa de rádio?

— Isto seria um conflito de interesses, e não exatamente ético. Além disso, ele não precisa da minha ajuda.

Mallory assentiu.

Os olhos dele se estreitaram.

— Você está desapontada com a minha resposta?

— É claro que não. Por que estaria?

Ele não respondeu imediatamente. Em vez disso, fez uma pergunta:

— O que fez você decidir ser jornalista?

— Curiosidade — ela disse, novamente. — Eu gosto de saber por que as coisas acontecem do jeito que acontecem, e por que as pessoas fazem as escolhas que fazem. Eu nunca fico feliz, a não ser que chegue ao fundo dos fatos.

— Então, o que você estava fazendo cobrindo o almoço de hoje? Não havia muita sujeira para descobrir ali.

— Castigo — Mallory resmungou, antes de poder pensar melhor.

Ela esperava que ele aproveitasse a deixa, já que chegar ao fundo das coisas era uma das marcas registradas de sua profissão, também. Mas, do mesmo jeito que ele a desequilibrara com o convite para velejar, ele a surpreendeu agora ao mudar de assunto.

Levantando-se da cadeira, ele perguntou:

— Você está pronta para o café e a sobremesa?

— Talvez só o café. — Ela se levantou, também, e o ajudou a tirar a mesa.

— A sobremesa fica para outra vez, então?

Mallory gostou de como aquilo soava. Daria a ela uma desculpa para procurá-lo novamente, e outra chance para cavar uma história que tinha que existir sobre o passado dele.

— Certo.

Cinco passos cobriam a distância que separava o convés do barco da cabine aconchegante, cheia dos confortos que Logan mencionara. A pequena área da cozinha tinha uma pia, uma bancada, um fogão, um micro-ondas e alguns armários de madeira que mereciam elogios pela funcionalidade e pela beleza. Dois bancos estofados acompanhavam a mesa encostada à parede oposta. Mais para o fundo, ficava uma confortável área de estar, e havia uma porta que ela imaginou que levasse ao quarto, já que a porta do banheiro estava claramente sinalizada com a palavra “Chefe”.

— Muito bonito — ela comentou.

E estava sendo sincera. Mallory não sabia muita coisa a respeito de velejar. Na verdade, ela nunca havia estado em um barco como aquele. Mas a madeira polida, os tecidos discretos e a decoração eram aconchegantes e convidativos. O movimento suave do barco também não era nada desagradável.

— Eu gosto.

— Este é um barco mais antigo, não é?

— Ela foi construída na década de 70 — ele confirmou.

— Ela. — Mallory torceu a boca.

Logan estava sorrindo, quando tirou os pratos das mãos dela e os colocou na pia.

— Eu imagino que você considere machista o fato de que barcos são geralmente chamados por nomes femininos.

— Não exatamente machista. Só um pouco... irritante.

— Certo. De agora em diante, vou chamar meu barco de Bob — ele brincou. — Melhor?

— Eu não sei. — Ela deu de ombros. — Ele se parece mais com Duke. E, além disso, já tem um nome.

— *Tangled Sheets*.^{*} — Ele sorriu e ela lutou contra a vontade de se abanar.

— Esse é um nome interessante para um barco. Pode-se dizer até que é um pouco ousado.

— Por quê? É simplesmente outra forma de se chamar uma vela, Mallory.

O rosto dele era o retrato da inocência agora, mas ficou claro que ele entendia muito bem o duplo sentido, porque, quando se virou para tirar duas xícaras de café do armário, o sorrisinho retornara.

— Bem, ou alguém cuidou excepcionalmente bem deste barco, ou ele foi restaurado.

— Foi restaurado — Logan confirmou. Por sobre o ombro, ele perguntou: — Creme ou açúcar?

— Puro.

Ele estendeu uma xícara fumegante para ela, e serviu uma para si mesmo. Encostando-se na pia, ele disse:

— Levou um inverno inteiro, todos os finais de semana, depois que eu a comprei... — Ele limpou a garganta — Quero dizer, depois que eu comprei Duke, para terminar a reforma. Eu basicamente destruí tudo para construir de novo. E ainda estou trabalhando, na maioria dos finais de semana.

Ela olhou em volta e assentiu. Mesmo que ainda estivesse trabalhando na reforma, a expressão dele deixava claro que estava satisfeito com o progresso até então. Mallory podia entender o motivo. Logan podia não parecer o tipo de homem que sabe diferenciar um martelo de um sanduíche de presunto, mas obviamente ele sabia se virar tão bem quanto os caras da

HGTV.** Ternos poderosos e ferramentas poderosas normalmente não combinavam. As perguntas continuavam a surgir.

— Onde foi que você aprendeu carpintaria, e... — ela fez um gesto com a mão — a fazer reformas e manutenção?

— Um dos passatempos do meu pai é trabalhar com madeira, e ele sempre foi bom com reparos em casa. Meu irmão e eu passamos muito tempo com ele na oficina, ajudando-o a consertar e construir coisas. E eu aprendi alguns truques.

— Eu estou *vendo*.

— Você está surpresa.

— Talvez, um pouco. Você não parece ser o tipo de homem que é...

— Bom com as mãos? — ele completou.

Ele colocou o café na mesa e estendeu as duas mãos, com as palmas para cima. Os dedos dele eram longos e elegantes, mas as palmas eram calejadas. O homem era definitivamente difícil de entender, mas ela não estava realmente tentando naquele momento. Ela estava olhando para aquelas mãos endurecidas pelo trabalho e imaginando como seria senti-las em sua pele.

Mallory engoliu em seco e disse a si mesma para manter o foco.

— Por que simplesmente não comprar algo totalmente novo?

— Eu não sei. Acho que você poderia dizer que eu prefiro um desafio.

O modo com que os olhos dele brilharam fez Mallory imaginar se era assim que ele a via.

Logan estava dizendo:

— Além disso, ela possuía uma estrutura linda e uma história melhor ainda. O antigo proprietário velejou com ela de Massachusetts até Saint Thomas um ano antes de eu comprá-la, e quase a perdeu em um furacão no meio do caminho.

— Então, o seu barco é um sobrevivente e você deu uma ajudinha para ressuscitá-la... ressuscitá-lo.

— Duke.

— Duke — ela repetiu.

A risada dele era seca.

— Sim, mas eu posso lhe garantir que não sofro de nenhum complexo de Deus.

— Então, por que você escolheu psiquiatria? Você não queria salvar as pessoas?

— Eu queria *ajudar* as pessoas. — Estranhamente, ele franziu a testa depois de dizer aquilo, e deu um gole no café. A expressão desapareceu quando ele continuou: — A maioria das pessoas tem as ferramentas para mudar a direção de suas vidas sozinhas. Elas só precisam de um pouco de orientação para reconhecer estas ferramentas e aprender como usá-las.

— Boa analogia. Acho que você realmente é o filho de um carpinteiro.

— Sim. — Ele riu, e era novamente aquele cara *sexy* quando perguntou:

— Está pronta para velejar?

— Claro que sim. Foi por isso que eu vim.

* A palavra “sheet” pode se referir a um lençol de cama ou uma vela de barco, e o nome do veleiro pode ser traduzido como “Lençóis Emaranhados” ou “Velas Enroladas”. (Nota da T.)

** Programa de TV sobre decoração e reforma de casas, etc. (Nota da T.)

CAPÍTULO TRÊS

LOGAN USOU o motor para manobrar o barco para fora de sua doca no iate clube. Uma vez longe da costa, ele desligou o motor e pediu a Mallory que o ajudasse a içar as velas. Ele poderia ter feito aquilo sozinho; era o que fazia normalmente, ainda que fosse um grande esforço para uma pessoa só e lhe tirasse parte do prazer do passatempo.

Prazer.

Era isso que ele estava experimentando agora, de pé no convés ao lado de Mallory enquanto o barco cortava as águas suavemente. Ele raramente compartilhava o *Tangled Sheets* com alguém. Aquele era seu retiro particular, uma forma de escapar não apenas da agitação da cidade, mas também da fama que ele perseguira com tanto sucesso, e dos repórteres que agora o perseguiam. Repórteres que eram muito menos perigosos do que Mallory Stevens... pelo menos, era o que a sua agente lhe dizia. Nina Lowman fizera Logan prometer que telefonaria mais tarde, aparentemente como prova de que sobrevivera ao encontro. Mesmo assim, ele não se arrependia de sua decisão de convidar Mallory para velejar.

Ele atribuíra o convite ao fato de que não tinha a companhia de uma mulher havia vários meses. Ou melhor, não tinha a companhia de uma mulher *interessante* havia vários meses, talvez mesmo vários anos. O último caso de Logan, e “caso” era um termo quase generoso demais para defini-lo, havia sido com uma *socialite* que mostrara ser tão estúpida e vazia quanto era linda. Tonya podia ser excitante em muitos aspectos, mas a conversação não era um deles. Logan gostava de mulheres inteligentes. Ele apreciava mulheres espertas. Mulheres que eram tão adeptas de jogar xadrez quanto *strip poker*. Logan apostaria sua última peça de roupa como Mallory seria uma ótima jogadora em ambos os casos.

Então, não era exatamente uma surpresa que ele estivesse se divertindo naquela noite. O bônus era que o sentimento parecia ser mútuo. Olhando em volta, ele percebeu que Mallory estava apoiada contra a grade. Seus olhos estavam fechados, e a ruga fina entre suas sobrancelhas havia

desaparecido. Mesmo com o rosto virado para o vento, um sorriso erguia os cantos de sua boca.

Pela primeira vez desde que ele a conhecera, ela parecia verdadeiramente relaxada. E era mais bonita ainda assim, o que queria dizer muita coisa. A mulher era naturalmente linda, para começo de conversa: de cara lavada, sem maquiagem, despretensiosamente atraente. É claro que ela podia dispensar a maquiagem; seus cílios eram escuros e excessivamente espessos e longos, e emolduravam olhos que pareciam cheios de segredos. Nenhum outro adorno era necessário.

Um homem podia se perder naqueles olhos se não tomasse cuidado. Era uma boa coisa o fato de Logan não ter a menor intenção de se deixar levar, ainda que ele estivesse gostando do desafio de estar sempre um passo à frente dela.

Os olhos em questão se abriram. Se Mallory ficou enervada ao vê-lo observando-a, ela não demonstrou. Ela o observou de volta, de forma direta, ousada e nem um pouco envergonhada ou desconfortável. Logan engoliu em seco, experimentando novamente aquela pontada de interesse que parecia definir os momentos que passava na companhia dela.

— Eu provavelmente devia me desculpar por ficar olhando — ele admitiu, e esperou um momento antes de completar: — E, se você fosse outro tipo de mulher, eu o faria.

As sobrancelhas dela se ergueram, quase imperceptivelmente.

— Outro tipo de mulher?

— O tipo recatada.

— Recatada. — Ela torceu a boca. — Essa não é uma palavra que se escuta muito hoje em dia. É um tanto ou quanto antiquada.

— Exatamente.

— Eu não sou antiquada.

Não, de forma nenhuma. Mallory era uma mulher do mundo, pelo menos no sentido de que ela entendia nuances, gestos. Ela não era dura, entretanto. Ele se lembrava da expressão dela ao falar do divórcio de seus pais. Naquele momento, ela parecera quase vulnerável.

— E nem sou recatada — ela continuou.

Era impossível dizer, pelo tom da voz dela, se estava ofendida ou não. Logan decidiu que ela não estava.

— E é por isso que eu não sinto a necessidade de fingir quando estou com você. Posso dizer o que quiser.

— Humm. — Foi um som excitante, que atraiu o olhar dele para os lábios dela. — Isso é uma coisa boa ou ruim? — ela perguntou. Quando ele levantou a cabeça e encontrou os olhos dela, a diversão que brilhava neles lhe disse que ele já havia decidido.

— Uma coisa boa. Definitivamente, uma coisa boa.

Ela riu. O som da risada dela era baixo e rouco.

— Eu não sei. Acho que prefiro um pouco de fingimento de vez em quando. Não vejo isso com frequência. Subterfúgio, sim. — Ela exalou pesadamente. — Isso faz parte do meu trabalho.

— Mas nós não estamos falando do seu trabalho. — Interessante, Logan pensou, como a conversa continuava voltando para aquele assunto. Interessante e um pouco enervante.

Mallory sorriu.

— Oh, está certo. Estamos falando sobre fingir.

Não apenas falando sobre isso, ele pensou. Bem, o jogo podia envolver duas pessoas. Logan decidiu encarar o desafio.

— Você está dizendo que *quer* que eu finja que não acho você extremamente *sexy*?

Ela piscou. Ele a havia pegado desprevenida. E já havia feito aquilo algumas vezes, durante o relativamente curto tempo em que se conheciam.

Talvez fosse o seu ego masculino falando mais alto, mas ele gostava de saber que conseguia tirá-la do sério.

— Bem? — Ele insistiu quando ela permaneceu quieta.

— Estou tentando pensar em uma resposta.

— E não está conseguindo? — Aquilo era uma surpresa.

Mallory limpou a garganta.

— Bem, você tem que admitir, doutor, que foi uma pergunta capciosa.

Exatamente o tipo de pergunta que ela estava acostumada a fazer muito bem, ele pensou, mas guardou a observação para si mesmo. Em vez disso, ele riu e disse:

— E aqui estava eu, pensando que você não era do tipo recatado.

— Bem, se eu lhe disser que não, você vai pensar que eu estou fazendo um joguinho, e, se eu disser que sim, você vai me acusar de ser vaidosa.

— Vou?

Ela ignorou a pergunta.

— Você me encurralou. Não gosto de me sentir encurralada.

— Desculpe. Eu não havia percebido.

— Percebeu, sim.

Ele deu um sorriso.

— Tudo bem, talvez eu tenha percebido. Mas, em minha defesa, eu posso dizer que estou imensamente curioso a respeito da sua resposta.

O vento soprava os cabelos dela, e várias mechas se colavam ao seu rosto. Mallory as afastou com a palma da mão. O gesto era prático, e ao mesmo tempo...

— Diga-me, doutor, que mulher não gosta de ser chamada de *sexy*?

Era uma pergunta ao invés de uma resposta, mas Logan deixou passar.

— A título de registro, eu acredito que disse que você é “extremamente *sexy*”. Se você vai me citar... — ele deixou a frase inacabada, em parte porque as palavras eram desnecessárias, mas principalmente porque ela empalidecera. Quando ela recuou um passo, ele estendeu a mão para apoiá-la. — Mallory? Você está bem?

— Estou. — Ela deu outro passo para trás, para se encostar à grade, forçando-o a soltar seu braço. — Eu... eu acho que ainda não tenho pernas de marinheira.

Ele não achava que aquele fosse o motivo que causara aquela fraqueza momentânea, mas ela estava dizendo...

— A respeito de você me achar “extremamente *sexy*”, o que é que eu devo fazer?

— Eu tenho algumas sugestões. — Ele levantou as sobrancelhas para quebrar o gelo do momento, e foi recompensado com uma gargalhada.

— Detesto lhe dar as más notícias, mas *recatada* não é sinônimo de *promíscua*.

Logan estalou os dedos, numa demonstração de desapontamento.

— Droga.

— Sabe, se eu realmente achasse que você falou sério, eu teria que atirá-lo na água.

Ele tinha poucas dúvidas de que ela realmente tentaria, e talvez conseguisse, apesar do fato de que não era páreo para ele, ao menos fisicamente.

— E como você voltaria para o iate clube?

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Oh, eu daria um jeito.

Mesmo com o pouco tempo de relacionamento, Logan já podia ter certeza de que ela daria mesmo um jeito. Mallory era uma sobrevivente. Aquilo o fez pensar. Ele havia encontrado sobreviventes antes. Ele havia aconselhado vários em sua clínica particular, antes de dirigir sua profissão para as ondas do rádio. E, enquanto ele admirava a capacidade deles de perseverar e superar, sabia que, em alguns casos, sobreviventes podiam ser bastante solitários. Eles não precisavam de ninguém.

— Está na hora de voltar.

— Já? Você sabe, eu estava apenas brincando sobre deixar você flutuando no Lago Michigan. — Ela riu de novo.

Logan riu também.

— Eu sei.

— Mas eu deixei você nervoso. — A linha entre as sobrancelhas dela retornara.

— Não por causa daquela observação — ele admitiu.

— Humm. — Lá estava aquele som *sexy* novamente.

— Não nos resta muito tempo de luz do sol, e eu não sou fã de velejar no escuro. Além disso, eu tenho que terminar alguns preparativos para o programa de amanhã de manhã. — Não era uma desculpa inventada. Além de responder aos telefonemas dos ouvintes, Logan incluía um segmento sobre saúde mental em geral. O tópico da manhã seguinte, de forma apropriada, era ataques de pânico.

Ele se preparou para virar o veleiro. Mallory ajudou. Na verdade, ela insistiu em ajudar, como se fosse vital que ela soubesse o que fazer para retornar para a segurança da costa. Sobrevivente, ele pensou novamente.

— Cuidado com o mastro — ele alertou —, ou será você a cair na água.

— Sim, capitão — ela respondeu, prestando uma continência enquanto se abaixava para evitar ser atingida.

Quando o horizonte de Chicago, com o sol brilhando por detrás dos arranha-céus, apareceu diante deles, ela assobiou.

— Isso é o que eu chamo de uma vista de um milhão de dólares.

— É linda mesmo. Quer tentar pegar o leme?

— Você está brincando?

— Eu nunca brinco quando se trata do meu barco.

— Então, sim. — Ela tomou seu lugar, as pernas separadas, as mãos nas posições de dez e duas horas no leme de madeira que ele passara horas lixando e lustrando. Embora não houvesse necessidade, Logan se colocou atrás dela, e pôs as mãos sobre as de Mallory.

— Você não confia em mim? — ela perguntou.

— Claro que confio. — Ele abaixou a cabeça o suficiente para que seu queixo se encostasse à face dela, e sussurrou em seu ouvido: — Eu só estou procurando uma boa desculpa para tocar em você.

Foi um arrepio aquilo que ele sentiu? Era difícil de dizer, já que a voz de Mallory soou perfeitamente normal quando perguntou:

— Você precisa de uma desculpa para isso?

— Aparentemente.

— Que triste. — Ela deu um muxoxo. — Talvez você deva consultar um médico sobre a sua... dificuldade de lidar com mulheres competentes.

— Dificuldade?

Ela deu de ombros.

— Eu conheço um médico famoso que talvez possa lhe dar algum conselho.

— Mesmo? — Ele deixou que seu rosto se encostasse ao dela. — Devo marcar um horário?

— Não. Ele está ocupado demais para dar consultas ultimamente. Famoso, lembra?

— Ah. Certo.

— Mas você pode telefonar para o programa de rádio dele. Vai ao ar todas as manhãs durante a semana, e é líder de audiência da FM. Toda a cidade de Chicago sintoniza para ouvir.

— Não se esqueça do resto da grande região metropolitana — ele completou.

— Como eu poderia me esquecer? Ele é a salvação do caminho para o trabalho, que geralmente é de enlouquecer. Quem sabe quantos casos de fúria ao volante ele conseguiu conter com suas palavras calmas e sábias? Centenas, eu apostaria.

— Eu apostaria em milhares — Logan disse. — Não é de admirar que digam por aí que ele está fazendo negociações para ser contratado por uma rede de televisão nacional.

Mallory ficou imóvel. O humor divertido desapareceu do tom dela quando ela respondeu:

— Mesmo?

Deus, será que a mulher nunca se desligava do trabalho?

— São os boatos, você sabe. Infelizmente, nada está confirmado.

Logan se sentiu um pouco culpado por provocar Mallory, até que ela se recostou no peito dele. Depois, a única coisa que ele sentiu foi... ela. Mais precisamente, a vibração de sua gargalhada.

— Bem, tenho certeza de que o doutor pode ajudá-lo.

Os cabelos castanhos dela faziam cócegas no queixo dele.

— Como você tem tanta certeza?

— Bom, de acordo com as notícias que li sobre esse cara na imprensa, ele pode fazer qualquer coisa, menos andar sobre a água.

Ele havia visto as notícias, que eram publicadas graças à sua agente e à equipe de *marketing* da emissora. E ele sabia o que Mallory queria dizer. Os elogios eram verdadeiros, mas eles o deixavam desconfortável, pelo simples fato de que, enquanto um dia ele havia acreditado sinceramente que tinha um dom para ajudar as pessoas, ultimamente ele sentia que tudo o que fazia era diverti-las com algumas horas de programação patrocinada.

— E se o renomado dr. Bartholomew for simplesmente um homem? — ele perguntou, baixinho.

— Simplesmente um homem?

— Um ser humano — Logan esclareceu.

— Você quer dizer que ele é falível?

— Isso seria tão difícil de acreditar?

Mallory riu de novo.

— Depois de ler todas as notícias, sim.

— Esqueça o que você leu — ele disse, sério. — Tire as suas próprias conclusões.

Ela se virou, ainda enlaçada pelos braços dele, seu corpo esguiou entre o dele, maior e mais forte, e o leme. O sol do final do dia destacava as luzes em seus cabelos, e fazia com que seus olhos parecessem etéreos.

— Eu sempre tiro as minhas próprias conclusões, Logan.

— Fico feliz em saber.

O momento se prolongou, enquanto eles olhavam um para o outro. Alguma coisa brilhou nos olhos dela. Ele precisava acreditar que era a

mesma maldita atração que ele estava sentindo.

Quando Logan finalmente conseguiu desviar o olhar, se surpreendeu ao perceber que eles já estavam quase de volta ao iate clube.

— Precisamos baixar as velas — ele disse, afastando-se.

Bem na hora, ele pensou tê-la ouvido dizer.

Quando eles atracaram, Logan ajudou Mallory a descer do barco. Ela não precisava de ajuda; ele sabia que ela era o tipo de mulher que nunca precisaria de ajuda, ou, pelo menos, jamais pediria. Mas ele queria tocá-la, e ficou satisfeito quando ela aceitou a mão que ele estendeu.

Era estranho se despedir numa doca. Logan era o tipo de homem que sempre acompanhava uma mulher até a porta de casa. Mallory podia não ser antiquada, mas ele percebeu que gostaria de acompanhá-la, e disse isso a ela.

— Está tudo bem. Eu cheguei até aqui sozinha.

— Mas você vai pegar o metrô? A essa hora da noite? Se você esperar, eu posso levá-la para casa.

— Eu não me importo com o metrô. Não se preocupe comigo. Posso chegar em casa sozinha. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Mas obrigada. Sua preocupação é... doce.

— Não é nada mais do que você merece — ele disse.

— Certo. — Ela colocou uma mecha de cabelo para trás da orelha. Lisonjeada? Abalada? — Bem, obrigada pela noite. O jantar foi excelente e velejar foi uma experiência de que não vou me esquecer tão cedo.

— Fico feliz em ouvir isso.

Ela fez um gesto apontando para a paisagem atrás dele, onde o sol que se punha brincava de esconde-esconde por entre os arranha-céus.

— Eu gosto da cidade. Eu adoro a cidade, para ser sincera. Eu acho que me alimento de sua energia sem fim. — Ela riu. — Mas, esta noite... eu não esperava gostar tanto de me afastar dela, de ser capaz de vê-la e ao mesmo tempo ficar longe.

Ele sabia exatamente o que ela queria dizer.

— Você é sempre bem-vinda.

Ela sorriu e se afastou, acenando com a mão.

— Boa noite, Logan.

— Boa noite. — Uma parte dele não queria que a noite terminasse. Quando ela começou a se virar, ele gritou: — Eu gostaria de vê-la de novo.

Aquilo fez com que ela parasse.

— Mesmo? — A linha entre suas sobrancelhas se aprofundou, embora ela estivesse sorrindo. — Para manter uma inimiga por perto?

Logan não sorriu de volta.

— Não.

— Então, por quê? — Ela inclinou a cabeça, num desafio.

A bola estava na quadra dele. E ele estava extremamente sério quando respondeu:

— Por causa disto.

Ele percorreu a distância entre eles enquanto falava e puxou-a para seus braços antes que pudesse pensar melhor. Sua boca encontrou a dela antes que ela pudesse protestar. Ele deveria ter imaginado que Mallory não protestaria. Eles já não haviam estabelecido que ela não era uma pessoa recatada? Em vez disso, ela ficou na ponta dos pés e retribuiu o beijo ousadamente. Quando ele fez menção de terminar, ela estava apenas começando, inclinando a cabeça na direção oposta e aprofundando o contato.

Zip-zap-zing! Ele mergulhou de cabeça.

Aquela mulher poderia ser o fim dele, mas Logan não se importava. Ele não se sentira tão vivo em anos.

CAPÍTULO QUATRO

O ENCONTRO com Logan ficou percorrendo a mente de Mallory enquanto ela esperava seu trem chegar. Na verdade, muito mais do que simplesmente percorrer sua mente, o encontro apagara todos os seus outros pensamentos, tornando-se o único.

O homem certamente sabia beijar.

Mas, afinal de contas, ela esperara mais do que simples competência de alguém com o visual de Logan. O que ela não esperara foram os fogos de artifício. E não fora um *show* pirotécnico qualquer, mas sim do tipo que acende o céu inteiro, como uma celebração do Dia da Independência. Que Deus a ajudasse, eles ainda estavam disparando, provocando uma chuva de faíscas em sua pele quente, especialmente quando ela se lembrava do modo ousado como reagira a ele.

Ela havia atirado os braços ao redor dele, apertando-o contra si como se fosse uma erva daninha humana.

O homem era uma história, ela disse novamente a si mesma. O jantar e o passeio de barco ao cair da noite tinham atravessado de longe a fronteira do profissional, mas Mallory ignorara sua consciência, convencendo a si própria de que iria encontrá-lo em nome da pesquisa. Pesquisas não incluíam um envolvimento físico. Ela havia passado totalmente dos limites com aquele beijo.

Embora o sol já tivesse se posto, a temperatura não caíra muito, e ela estava agitada demais para ir para casa, onde o ar-condicionado estava à beira de pifar. Não havia a menor possibilidade de ela ficar sentada sozinha em seu apartamento, que mais parecia uma caixa aquecida, ruminando sobre a boca habilidosa de Logan e a alarmante falta de controle e profissionalismo dela mesma. Ela optou por voltar para o escritório.

Aquela não era a primeira noite que Mallory passava no prédio alto, em estilo *art déco*, do *Herald*, na Grand Avenue. Ela costumava dormir no sofá desconfortável no *lounge* das mulheres, quando uma história a mantinha

ocupada. Quando ela atravessou o saguão naquela noite, o guarda noturno a cumprimentou com um sorriso e acenou para ela amigavelmente.

— Olá, garota.

Garota. Às vezes, Mallory se sentia definitivamente anciã, apesar de ainda não ter passado do trigésimo aniversário. Aquela noite era uma dessas vezes.

— Oi, Joe.

— Os *Cubs* estão ganhando com uma vantagem de três pontos no final do sétimo tempo — ele informou enquanto ela esperava o elevador. — Uma vitória hoje os colocará três jogos à frente dos *Sox*.

— Eu não vou virar a casaca — ela disse, referindo-se ao seu adorado time de beisebol. Ela era fã dos *Sox* desde antes de se mudar para Chicago, que era uma das várias cidades a ter mais de um time da Liga Principal. — Mesmo se os meus meninos terminarem em último lugar, e os *Cubs* chegarem à Série Mundial, você não vai me ver torcendo por eles. Ainda existe uma coisa chamada lealdade, sabia?

O homem mais velho simplesmente deu uma piscadela.

— Você vai cair em si um dia, garota.

— Não nesta vida — ela retrucou, entrando no elevador.

Um relativo silêncio recebeu Mallory quando ela desceu no quarto andar. O *Herald* era um jornal vespertino, o que significava que precisava ser impresso antes do meio-dia. Àquela hora da noite, apenas alguns editores do caderno de cidades e uns poucos repórteres, inclusive o que cobria o plantão policial, estavam em suas mesas. A televisão estava ligada, sintonizada em um canal de notícias, e conversas misturadas ao barulho de estática podiam ser ouvidas no rádio conectado à frequência da polícia.

Ela aspirou o cheiro confortador da tinta da impressão e o odor permanente da fumaça de cigarro. O fumo havia sido proibido em todo o prédio havia alguns anos, mas nem mesmo uma nova camada de pintura nas paredes e carpetes novos no chão havia conseguido apagar completamente o cheiro.

Carreiras inteiras tinham sido construídas naquela redação. Mallory não iria desistir da sua sem uma boa briga.

Empurrando o beijo de Logan para o fundo de sua mente, ela apanhou uma garrafa de Coca-cola *diet* na máquina automática e se dirigiu para a biblioteca, no segundo andar. No jargão do jornal, a biblioteca era

conhecida como o necrotério. Estava tão silenciosa quanto um, certamente, naquela noite, quando Mallory acendeu as luzes e entrou.

Naqueles dias, a tecnologia tornava possível acessar cada história, cada foto e cada legenda publicadas na edição do dia do computador em sua mesa, um dos motivos pelo qual a equipe de seis funcionários da biblioteca havia sido reduzida a duas pessoas, uma das quais trabalhando apenas meio expediente. O sistema de computadores já funcionava havia um bom tempo, mas tudo o que havia sido publicado anteriormente estava arquivado naquela sala, em microfilme ou em pastas individuais, classificadas pela assinatura do repórter e pelo assunto da matéria.

Mallory começou pelas pastas, apanhando uma pilha de matérias assinadas por um repórter sênior da editoria de *Estilos de Vida* que cobrira a cena social da cidade para o *Herald* por mais de três décadas. Logan nascera e crescera em Chicago, e seus pais bem-sucedidos estavam frequentemente nas manchetes, graças a trabalhos de caridade e outras obras humanitárias. Talvez ela tivesse sorte.

Duas horas depois, Mallory estava esfregando os olhos cansados e terminava de beber o que restava de sua Coca-cola, agora morna. Ela havia examinado pastas que compreendiam vários anos, sem encontrar nada mais polêmico do que uma fotografia do pai dele batizando um barco de turismo para uma Companhia que era agora a principal concorrente da empresa que patrocinava o programa de Logan.

Ela já estava pronta para dar o trabalho da noite por encerrado quando avistou uma pasta com o título *Anúncios de Noivado*, que fora acidentalmente arquivada com a pasta que acabava de mexer.

Uma luzinha de alerta piscou em sua mente. Logan não era casado agora, mas e se já tivesse sido?

A pergunta foi respondida 45 minutos depois, quando ela abriu um envelope amarelo que continha o anúncio do noivado de Logan Reed Bartholomew e Felicia Ann Gable. Ele estava quase uma década mais jovem na foto, mas parecia exatamente o mesmo, embora seus cabelos estivessem um pouco mais compridos e seu rosto fosse um pouco menos anguloso. A mulher que estava ao seu lado olhava para ele de forma apaixonada. Ela também era deslumbrante, e o total oposto de Mallory, com longos cabelos louros e feições clássicas.

O coração de Mallory pareceu afundar. Ela tentou encarar aquilo como excitação, embora fosse suspeitamente parecido com decepção, ou, pior ainda, medo. Mas era ridículo. Ela *queria* encontrar algo sujo. Era por isso que estava no necrotério do jornal, examinando arquivos: para achar pistas. Era por isso que ela havia aceitado o convite de Logan para jantar e passear de veleiro. É claro que o fato de ele ter sido casado não era exatamente sujeira. A esposa dele poderia ter morrido. Ou eles podiam ter se divorciado. Muitos casamentos fracassavam. Estatisticamente falando, metade deles, como sua mãe gostava de enfatizar. Divórcio não era uma boa história... a menos que tivesse sido causado por algo sério, como violência doméstica ou algum tipo de vício. Logan, abusando de uma mulher ou de substâncias ilícitas? Aquilo não parecia possível. Mas, durante todos aqueles anos trabalhando como repórter, Mallory havia encontrado várias pessoas aparentemente irrepreensíveis, como Logan, escondendo segredos ainda mais chocantes.

“O casamento está marcado para o outono”, dizia o anúncio.

— Agora estamos chegando a algum lugar — ela murmurou, baixinho.

Dirigindo-se ao armário de arquivos no fundo da sala, ela apanhou uma pasta com anúncios de casamento, começando em setembro daquele ano e terminando em março do ano seguinte. Às vezes, recém-casados levavam meses para publicar o anúncio, especialmente se estivessem esperando os fotógrafos enviarem as amostras. Ela havia acabado de se acomodar de novo na cadeira quando a porta se abriu.

Sandra Hutchens olhou para Mallory com surpresa.

— Já está meio tarde para você estar trabalhando, não está, Stevens? Ou você fez outra besteira e foi rebaixada à assistente noturna da biblioteca?

— Engraçadinha — Mallory rosnou entre os dentes. — O que você está fazendo aqui?

— Pesquisando para uma matéria investigativa que estou escrevendo com Tom Gerard. — Tom era um dos repórteres designados para cobrir os tribunais do distrito. — Você se lembra?

E como se lembrava. Deus, como ela sentia falta das notícias de verdade.

— Todas aquelas solicitações da Emenda de Liberdade de Informações que tivemos que fazer estão, finalmente, sendo recompensadas. Cabeças irão rolar depois que essa matéria sair.

Mallory teve que se controlar para não salivar, especialmente porque ela sabia que o único motivo de uma idiota como Sandra estar trabalhando em uma matéria tão importante com Tom era o rebaixamento dela própria.

— Aproveite enquanto pode — Mallory resmungou, sabendo que explicações eram desnecessárias.

Sandra sorriu.

— Oh, mas é o que eu pretendo fazer.

Mallory teve que fazer força para não voar em cima da outra. Ela e Sandra se toleravam em um ambiente profissional, mas não era segredo para ninguém que as duas não tinham um bom relacionamento. A rivalidade existia desde a época em que Mallory trabalhava como estagiária não remunerada no jornal. Sandra, que já trabalhava no *Herald* havia quase dez anos naquele tempo, cobria o governo de Chicago, e ficara irritada ao ter uma novata seguindo seus passos. Não demorara muito para a “novata” fazê-la de tola.

Depois de uma reunião aparentemente normal na Assembleia Legislativa, elas haviam retornado ao jornal, onde Sandra escrevera um artigo bem objetivo sobre o fato de a cidade não ter renovado o contrato com a empresa responsável pela coleta de lixo. Mallory, entretanto, havia seguido um palpite e pesquisado um pouco mais a fundo. Dois meses depois, sua matéria expondo um escândalo envolvendo três políticos que receberam propinas da nova Companhia fez as manchetes da primeira página. Depois, foi comprada pelo serviço interligado da *Associated Press* e publicada em jornais de costa a costa. Sandra detestava Mallory desde então, e tinha comemorado a desgraça da rival pagando uma rodada de bebidas para todos os fregueses do *Torch*, um pequeno bar frequentado por repórteres e outros profissionais liberais, em vez de turistas.

— Anúncios de casamento? — Os olhos de Sandra se estreitaram. — O que é que você está fazendo?

— Você sabe, aqueles artigos bobos que escrevemos para a editoria de *Estilos de Vida* — Mallory respondeu. — Quem se importa com que estilos de vestidos de noiva estavam na moda uma década atrás?

Sandra deu uma risada.

— Moda de noiva. Como os poderosos caem...

Dando um sorrisinho cínico, Mallory levantou-se e arrumou os arquivos em uma pilha, preparando-se para sair.

Sandra pôs uma das mãos em seu braço.

— Você preencheu uma requisição para retirar esses arquivos?

— Eu só vou levá-los para a minha mesa. — Na verdade, Mallory pretendia levá-los para casa. Como sempre, ela não tinha outros planos para o final de semana.

— Não interessa. Se você está retirando arquivos desta sala, precisa preencher uma requisição — a outra mulher insistiu, apontando para a pilha de pastas em um balcão próximo da porta.

Mallory deu uma risada sarcástica.

— Claro. E você faz isso a cada vez que sai daqui com arquivos.

— Não. — Sandra deu um sorrisinho satisfeito. — Mas não estamos falando de mim. Estamos falando de você. E como alguém que está, na verdade, em regime probatório, acho que você deveria estar atenta e seguir as regras.

— É muita gentileza sua me fazer lembrar isso — Mallory resmungou.

— De nada. — A outra riu. — O prazer é todo meu.

Mallory preencheu a requisição necessária, anotando os números dos arquivos, a data e, como estava num humor péssimo, escreveu o nome de Sandra como a pessoa que retirara as pastas.

O APARTAMENTO de Logan estava silencioso quando ele chegou em casa. Ele ficara matando o tempo em seu barco depois que Mallory o deixara, pensando e relaxando. Enquanto lavava os pratos do jantar, guardava a pequena grelha de churrasco no local adequado e checava as amarras das velas, tentando decidir qual seria o seu próximo passo a respeito de Mallory. Logan ainda não havia chegado a uma conclusão, embora soubesse que não deveria tê-la beijado. Que inferno, ele soubera disso no minuto em que a tomara nos braços. Mas, da mesma forma como fora incapaz de resistir à tentação que ela representara naquele momento, não conseguia se arrepender agora.

Em casa, caminhou por sua cobertura, que tinha uma vista deslumbrante para o lago, das grandes janelas da sala de estar e do pátio de proporções generosas. Embora, no passado, ele tivesse apreciado a quietude e privacidade de um andar tão elevado, agora o lugar lhe parecia solitário. Ele se serviu de uma bebida e foi para o lado de fora.

Uma parte dele havia esperado que as coisas melhorassem depois daquele beijo, qualquer que fosse o feitiço que Mallory tivesse lançado sobre ele. Mas estava errado e outra parte dele se sentia aliviada. Apesar de toda a incerteza, uma coisa estava clara: aquela noite não fora o fim de tudo.

O TELEFONE na mesinha de cabeceira tocou antes das 8h, na manhã seguinte. Logan estendeu a mão para apanhá-lo, balbuciando um “alô” sonolento enquanto colocava o outro braço sobre os olhos para bloquear a luz que vinha da janela.

— Você não me ligou ontem à noite — disse a mulher do outro lado da linha, num tom de acusação, sem sequer se preocupar com a cortesia de um cumprimento.

— Desculpe. — Apertando os olhos, ele se apoiou em um cotovelo, mais divertido do que bravo. — Vou ficar de castigo?

A agente ignorou a pergunta brincalhona com um som de irritação.

— O que aconteceu com Mallory Stevens? Eu quero saber de tudo.

Aquela declaração diminuiu muito a liderança da diversão sobre a irritação.

— Eu não sou do tipo que beija e sai contando por aí.

Logan se arrependeu daquelas palavras imediatamente.

— Meu Deus! — Nina exclamou. — Por favor, diga que não aconteceu nada entre vocês dois.

— Não aconteceu nada — ele repetiu num tom monótono.

— Isso não é engraçado, Logan.

— Não, não é. — Mas Nina não percebeu a tensão na voz dele.

— Você não pode confiar nela — ela continuou. — Repórteres como ela são como tubarões. Eles sentem o cheiro de sangue na água e partem imediatamente para o ataque.

— Isso soa um tanto dramático — ele comentou. — Além disso, pensei que você tinha dito que Mallory era uma *pitbull*. Tubarões e cachorros são espécies diferentes, você sabe.

— Logan...

Ele se sentou na cama e jogou as pernas para fora.

— Olhe, Nina, acho sua preocupação tocante, mas minha vida pessoal é exatamente isso... pessoal.

— Eu garanto a você que Mallory não enxerga as coisas desse jeito. Se ela descobrir alguma coisa sobre você que possa ajudá-la a vender jornais, ela vai usar. E, a menos que seja algo falso ou publicado maliciosamente, nós não vamos poder fazer absolutamente nada, porque você é uma figura pública.

A agente estava certa, obviamente. Como uma celebridade, ele estava exposto. Se Mallory farejasse uma história, ela iria escrevê-la. E o que havia de errado com ele, que não se importava? Além disso, racionalizou, o que ele tinha para esconder?

Então, disse à sua agente:

— Não há necessidade de se preocupar. Ela está interessada no contrato para o programa de TV. E não é a única repórter interessada nisso.

Talvez ele lhe desse uma entrevista exclusiva quando os termos do contrato fossem decididos.

— Enquanto isso — ele continuou —, não há nada que Mallory Stevens possa descobrir a meu respeito, pessoalmente, que seja excitante o suficiente para chegar às manchetes do jornal dela ou de qualquer outro. Por mais que eu deteste admitir isso, Nina, minha vida é um tanto entediante.

— Você está certo disso?

— Absolutamente.

CAPÍTULO CINCO

NADA.

Depois de examinar todas as pastas, aquilo era exatamente o que Mallory descobrira. Ela havia até mesmo retornado ao necrotério do jornal, no sábado à noite, para procurar os anúncios de casamento até o final daquele ano. Novamente, acabou de mãos vazias. Mesmo se o casamento planejado de Logan e Felicia tivesse sido adiado por vários meses (e por que aquilo aconteceria?), nenhum registro da cerimônia aparecera no *Herald*.

Com ou sem registro, alguma coisa dizia a Mallory que ela estava seguindo a pista certa. Ela decidiu insistir. Na segunda-feira de manhã, nos intervalos, enquanto redigia notas sobre algumas exposições de arte, ela pesquisou os registros oficiais do Estado, procurando uma certidão de casamento. Nada. Se os dois haviam se casado, não tinha sido no Estado de Illinois.

Num palpite, Mallory checou os registros procurando apenas o nome de Felicia. *Na mosca*.

Ela percebeu que podia ter se poupado muito tempo e esforço se tivesse feito aquilo antes. A srta. Felicia Ann Gable havia sido uma noiva de outono, afinal. Ela havia se casado com outro homem, Nigel Paul Getty. A cerimônia acontecera em um cartório. Aquilo provavelmente explicava o motivo de nenhum anúncio de casamento ter sido publicado no jornal. Quando uma noiva trocava o noivo por outro homem pouco antes de dizer o “sim”, espalhar a notícia pela mídia não era de muito bom gosto.

Pobre Logan.

A simpatia que Mallory sentiu por ele ultrapassava muito sua excitação pela descoberta. Ela disse a si mesma que era porque não sabia ainda se aquela pista iria levar a alguma coisa. Além disso, ela sabia como era descobrir a traição de um parceiro. Dois anos depois de Vince, Mallory ainda se sentia uma idiota por não ter somado dois mais dois mais cedo. Aquilo a teria ajudado a não fazer papel de tola entre os amigos em comum

dos dois, muitos dos quais aparentemente sabiam do fato de que ele a estava traindo.

O telefone dela tocou enquanto ela ruminava sobre o que fazer em seguida.

— Mallory Stevens — ela respondeu, distraidamente.

— Exatamente a pessoa que eu estava querendo encontrar.

O noivo traído em questão estava do outro lado da linha. Mallory olhou fixamente para a fotografia da linda ex-noiva dele, sentindo-se levemente culpada e lutando contra a vontade de se desculpar.

— Logan, oi. O que... Por que você está ligando?

— Eu preciso de um favor — ele respondeu.

— Que tipo de favor?

— Eu fui convidado para um jantar na noite desta quinta-feira no Hotel Cumberland. É um jantar beneficente para levantar fundos para mandar crianças com doenças terminais para um acampamento de verão.

— E você quer que eu publique uma nota sobre o jantar no *Herald* — ela presumiu.

— Na verdade, esperava que você concordasse em ir comigo. — Ele deu uma risadinha seca. — Apesar da boa causa, essas coisas podem ser entediantes.

— Você quer que eu vá ao jantar com você — ela repetiu, surpresa.

— Não está interessada?

— Não foi isso que eu disse.

— Não. Mas você também não disse que sim — Logan disse.

— Sim. — Embora Mallory tivesse passado o final de semana inteiro lembrando a si mesma das fronteiras éticas e do perigo de misturar negócios e prazer, a resposta lhe escapou facilmente dos lábios.

— Excelente. O jantar é às sete, com os coquetéis e aperitivos começando às seis. Cinco e meia seria muito cedo para eu passar para apanhá-la?

Ela teria que sair do trabalho um pouco mais cedo do que o horário normal para chegar em casa e estar pronta a tempo, mas não hesitou antes de dizer:

— Está perfeito.

— Ótimo. E... Mallory?

— Sim?

— Estou ansioso para vê-la.

Ela o imaginou sorrindo, e sentiu a pele ficando quente. Apesar de todo o seu discurso interno para se concentrar e ser profissional, Mallory sabia que Logan não era o único que estava cheio de expectativas.

ENTRE SEGUNDA e quinta-feira, Mallory trabalhou mais de 12 horas por dia, pesquisando tudo o que podia encontrar sobre o relacionamento fracassado de Logan. Felicia não apenas tinha se casado apressadamente, mas havia se mudado do Estado poucos meses depois. Ela e o marido tinham se estabelecido em Portland, Oregon, onde tiveram um filho que, ou nascera prematuro, ou fora concebido antes do casamento. Mallory imaginou que aquele fosse o motivo para a fuga de Felicia. Um ano depois, Felicia e Nigel Getty estavam divorciados. No momento, ela era uma mulher de negócios, embora talvez não por muito mais tempo. A não ser que ela conseguisse uma boa injeção de capital, sua sofisticada *boutique* de perfumes logo estaria decretando falência.

O que vinha fácil, ia fácil.

A quinta-feira começou mal e continuou a piorar ao longo do dia. Mallory esqueceu-se de acertar o despertador, perdeu o trem e depois derramou metade de sua primeira xícara de café em suas calças novas, enquanto esperava o próximo. Infelizmente, ela não tinha tempo de voltar para casa e trocar de roupas, e chegou ao *Herald* vestindo calças que cheiravam a grãos *Arábica*. Enquanto Mallory se afundava em sua cadeira, Ruth Winslow, a editora da seção de *Estilos de Vida*, levantou os olhos de seu computador e consultou o grande relógio na parede.

— Eu não sabia que você tinha uma entrevista esta manhã — Ruth comentou.

— Eu não tinha. Meu despertador... — As sobrancelhas cinzentas de Ruth se ergueram, cortando o resto da explicação de Mallory.

— Desculpe.

— Espero uma lista de ideias para artigos ao meio-dia, para o especial sobre festivais de rua que vai ser publicado no próximo domingo, e tenho algumas notas para você redigir. Quero tudo pronto até o final do dia.

— Claro. — Aquele não era o momento certo para pedir para sair mais cedo, Mallory decidiu.

Quando derramou uma segunda xícara de café em suas roupas meia hora depois, Mallory começou a se perguntar se a “ex” de Logan seria a única

pessoa sendo esmagada pelo carma.

Do jeito que o dia dela transcorrera, não foi de surpreender que ela se atrasasse. Logan estava encostado à porta de seu apartamento quando ela chegou em casa.

— Você está aqui há muito tempo? — ela perguntou, apoiando a bolsa enorme em um joelho e procurando as chaves.

— Mais ou menos 15 minutos.

Mallory olhou para ele e franziu o rosto.

— Desculpe.

Ele lhe deu um olhar de simpatia.

— Está tudo bem. Estou vendo que você teve um dia ruim.

— É tão óbvio assim?

Um sorriso brincou nos cantos da boca de Logan.

— Digamos apenas que as suas roupas contam uma história.

Quando os dedos dela encontraram as chaves, ela suspirou.

— Elas contam apenas a versão resumida, acredite. Eu me sinto como a modelo para um pôster da “Lei de Murphy” hoje.

— Sinto muito em ouvir isso. Se você quiser cancelar, vou entender.

Embora achasse a oferta dele tentadora, Mallory a ignorou.

— É muita gentileza sua, mas não. Obviamente, se um desastre natural nos atingir esta noite, não diga que eu não avisei.

— Não direi — ele respondeu, rindo.

Mallory abriu a porta e convidou Logan a entrar, sentindo-se grata pelo lugar parecer apresentável. O trabalho doméstico não era uma de suas prioridades principais, especialmente quando ela estava perseguindo uma história.

— Eu tenho uma garrafa decente de *Merlot* na cozinha, se você quiser uma taça enquanto eu me arrumo — ela disse a ele, enquanto tirava os sapatos.

— Quer que eu sirva uma para você?

Ela dirigiu a ele um olhar irritado.

— Com o meu histórico com bebidas que mancham hoje, acho melhor não.

O APARTAMENTO de Mallory era pequeno, facilmente um terço do tamanho da cobertura de Logan, mas, olhando em volta, ele decidiu que o lugar dava

uma boa ideia sobre a personalidade daquela mulher. A coleção de música dela incluía CDs de Duke Ellington, Miles Davis e Fats Waller, o que deixava claro que ela era fã de *jazz*. A parede de um vermelho vivo, que servia de pano de fundo para uma pintura geométrica enorme, afirmava que ela não tinha medo de ousar nas cores. E seu eclético senso de estilo, que misturava peças inspiradas na Ásia com um sofá moderno e uma espreguiçadeira de couro mais tradicional, dizia a ele que ela não acreditava em seguir regras impostas pelos outros.

Ela também gostava de ler. Uma estante embutida, à esquerda da televisão, continha obras extensas de alguns dos comentaristas políticos mais importantes do país, literatura clássica de E. M. Forster, William Faulkner e Sylvia Plath, e o mais recente *thriller* de Tami Hoag. Não havia livros de autoajuda, ele notou, a menos que ele colocasse o volume sobre reparos básicos da casa naquela categoria. Não era nenhuma surpresa. Mallory era independente e autossuficiente.

Uma sobrevivente.

Quando a incerteza que experimentara em seu veleiro o envolveu novamente, Logan decidiu aceitar a oferta do vinho. A cozinha dela não era muito maior do que a adega em seu barco, mas, como Mallory admitira que não sabia cozinhar, ele duvidava que ela a achasse deficiente. Ele encontrou um saca-rolhas em uma das gavetas e uma taça de vinho em um dos armários. Enquanto degustava o *Merlot*, observou as fotografias e outros badulaques na porta da geladeira. Uma foto em particular lhe chamou a atenção. Era uma imagem de Mallory acompanhada de outra mulher jovem. Elas estavam sentadas em uma cerca, usando botas de vaqueiro e sorrindo. Havia montanhas às suas costas, o que deixava claro que a foto não havia sido tirada localmente. Férias? Qualquer que fosse a ocasião, ela parecia tão aberta e relaxada... Sem perguntas a fazer. Sem planos.

Será que um dia ela seria assim com ele?

— Esta é a minha amiga da faculdade, Vicki.

Logan se virou ao ouvir o som da voz de Mallory, e quase derramou o vinho quando a viu.

— Colega de quarto? — Ele conseguiu dizer.

— Sim. Ela mora em Chicago também, e nós continuamos amigas próximas desde a formatura. Uma vez por ano, ela me convence a sair em alguma aventura maluca. Ela diz que isso me faz bem.

— Acho que já gostei dela.

— Ano passado, a aventura foi trabalhar numa fazenda de gado. Essa foto foi tirada antes do nosso primeiro e miserável dia numa sela. O que explica os sorrisos.

Ela fez um gesto na direção da foto, mas os olhos de Logan estavam fixos no vestido de noite, de um dourado pálido, que ela usava. As mangas curtas deixavam à mostra um par de braços bem torneados, e a saia também curta acentuava as pernas deslumbrantes. As sandálias de *strass* em seus pés capturavam a luz e soltavam faíscas. Logan podia jurar que sentia algumas caírem sobre ele.

— Você está maravilhosa.

Não era um elogio insincero. Dentro do tempo em que a maioria das mulheres que ele conhecia só conseguia aplicar a maquiagem, Mallory tinha trocado de roupa, feito alguma coisa *sexy* com os cabelos e acrescentado um pouco de drama aos olhos. Ela já era bonita antes, linda mesmo. Estava perigosamente bela agora, e ele não tinha certeza se deveria se sentir grato ou nervoso.

— Obrigada.

— Eu serei o objeto de inveja de cada homem naquele jantar. — Ele estava sendo sincero, novamente. O visual não convencional dela virava as cabeças mesmo quando ela não estava vestindo algo tão *sexy*.

Mallory ignorou o elogio.

— Não vamos exagerar.

Como não era um homem dado a hipérboles, Logan insistiu:

— Você está linda.

— Não estou. — Ela respirou fundo, mais por causa do calor do que da frustração, o que ele achou interessante e até mesmo comovente.

— Quem lhe disse isso? — ele perguntou.

As sobrancelhas dela se juntaram.

— Ninguém me disse isso. Não estou querendo elogios. Eu sei que não sou feia. Eu até iria mais longe e diria que sou atraente. Mas, linda? Não.

— Por quê? — ele perguntou.

— Eu tenho um espelho.

Logan não se importou com a explicação dela. Falando de modo geral, Mallory não tinha problemas de baixa autoestima. Que diabos, ele nunca conhecera uma mulher mais confiante, mais dona de si... quando se tratava

de seu trabalho. Mas alguém definitivamente a fizera se sentir insegura a respeito de sua aparência. Quem? Por quê? Aquelas respostas teriam que esperar. Mas esta não podia.

— Então, você não deve se olhar nele com muita frequência. — Ele a tomou pelos ombros e a levou para o vestibulo, onde um espelho oval estava pendurado na parede sobre uma pequena mesa cheia de cartas ainda fechadas e malas-diretas.

— Está vendo?

Mallory se examinou por um momento, e então sacudiu os ombros de forma indiferente.

— Vou ter que acreditar na sua palavra.

— E acredita?

Desta vez, foi o reflexo dele que ela examinou. Logan deslizou as mãos dos ombros dela até suas mãos, soltando uma delas para que ela pudesse se virar.

— Bem?

Ela se inclinou levemente para frente antes de se afastar.

— É melhor irmos andando. Já estamos atrasados para a sua festa.

— De forma bastante elegante — ele garantiu a ela, embora geralmente Logan fosse neurótico a respeito de pontualidade. — Mais alguns minutos não vão fazer diferença.

Mas ela sacudiu a cabeça.

— Só preciso apanhar minha bolsa e uma *écharpe*. Vá na frente. Encontro você lá embaixo.

Logan ainda estava de pé no vestibulo quando ela retornou do quarto. Depois de apanhar a faixa de tecido fino das mãos dela e colocá-la sobre seus ombros, ele tomou seu braço e a acompanhou até o carro.

O salão de festas do hotel estava lotado de empresários, políticos, celebridades e membros da elite social de Chicago. Alguns estavam ali para apoiar uma causa nobre, e outros estavam ali para serem *vistos* apoiando uma causa nobre. Mallory reconheceu várias pessoas, inclusive o vereador, que diziam estar recebendo propinas de uma construtora. Em outra situação, ela se sentiria tentada em pressioná-lo e fazer algumas perguntas para ver o que conseguia arrancar dele, extraoficialmente. Naquela noite, entretanto, a única pessoa que despertava a curiosidade dela era Logan... e não tinha nada a ver com uma história.

Ele estava incrível. O que não era nenhuma surpresa, obviamente. O homem não apenas tinha dinheiro para poder vestir *Armani*, mas seus ombros largos e constituição esguia e musculosa faziam justiça ao terno caríssimo. E Logan ia muito além de seu visual hollywoodiano. Ela nunca duvidara de sua inteligência, mas ele era muito mais profundo e complexo do que ela imaginara inicialmente. Ele a fascinava não porque ela era uma repórter, mas porque era uma mulher.

Linda? Será que ele realmente achava aquilo a respeito dela? E a gentileza dele, abrindo portas, ajudando-a com a *écharpe*. Ele a fazia sentir como se tivesse caído em um conto de fadas.

— Mallory?

Ela piscou, percebendo que o homem em questão estava falando com ela, enquanto ela olhava fixamente para ele. Ela só podia esperar que não tivesse uma expressão idiota no rosto.

— Desculpe. Minha mente começou a divagar.

— E aqui estava eu, achando que você prestava atenção a cada palavra minha — ele provocou. — Eu só estava dizendo que os lugares não estão marcados. Você tem alguma preferência?

Ela olhou em volta. Naquele ponto, todas as mesas tinham pelo menos um ou dois ocupantes, o que significava que apresentações seriam necessárias, e uma conversação social também. Normalmente, ela apreciava conhecer pessoas novas. Quanto a conversas sociais, Mallory era muito boa nisso, e melhor ainda em conseguir que as pessoas falassem de si mesmas. Mas, de repente, ela não estava interessada em se socializar ou procurar possíveis histórias. Ela queria ficar sozinha com Logan e continuar a conversa do ponto em que ela parara em seu vestíbulo.

— Você se importaria em se sentar a uma mesa perto dos fundos do salão? — ela perguntou.

As sobrancelhas dele se ergueram quando ele ouviu a sugestão dela.

— Para que possamos sair mais cedo, sem causar uma comoção?

— Exatamente.

Quando ele sorriu, causou outro tipo de perturbação, especialmente quando perguntou a Mallory:

— Devo presumir que você tem algo em mente para nós mais tarde?

— Talvez — ela concedeu.

No que ela estava se metendo? Ela não sabia. Ela não se importava, o que era totalmente fora de seus padrões. E estava completamente fora de jogo, como percebeu um momento mais tarde, quando não viu Sandra Hutchens até que fosse tarde demais para evitá-la.

— Olá, Mallory. Eu estava mesmo me perguntando quem estaria aqui pelo *Herald*.

A expressão presunçosa da outra mulher, entretanto, transformou-se em espanto, no momento em que ela reconheceu o acompanhante de Mallory.

— Você é... não é...

— Sim. — Logan tomou a mão que Sandra estava apontando em sua direção e a apertou educadamente.

— Sou Logan Bartholomew. E você é?

— Uma dor de cabeça — Mallory resmungou, ao mesmo tempo em que Sandra se apresentava.

— Mallory e eu trabalhamos juntas.

— Você está aqui para cobrir o evento? — Logan perguntou, inconsciente, ou talvez não, de que a repórter sênior acharia a pergunta ofensiva.

— Não, na verdade tenho uma posição que me permite escrever as notícias realmente importantes. — Sandra bufou. O olhar dela se voltou para Mallory, então, e o triunfo malicioso em sua expressão era impossível de ignorar. — Estou aqui esta noite como convidada de Larry Byram. Você se lembra dele, não é, Mallory?

Oh, ela se lembrava muito bem de Larry. Seus dentes se cerraram. Larry era um dos principais assessores do prefeito, e tinha sido o miserável que havia enganado Mallory, fornecendo-lhe a história e os depoimentos falsos que a levaram a ser rebaixada.

— E como está o Larry? — ela perguntou, docemente.

— Ele está bem. Acabou de ser promovido e está animado.

Sem dúvida, ele também ficara animado com a queda de Mallory.

— Que bom para ele — ela conseguiu dizer.

— Direi a ele que você disse olá. — Sandra se ofereceu, com um prazer mal disfarçado.

— Sim, por favor.

— Você pode nos dar licença por um instante? — Sandra disse para Logan. Ela agarrou o braço de Mallory e a puxou por alguns metros,

afastando-se sem esperar a resposta dele.

— Eu não sei o que você está tramando, Stevens — ela sibilou, no momento em que elas estavam fora do raio de audição dele.

— Tramando?

— Não faça joguinhos comigo. Você está com Logan Bartholomew.

— Eu sei.

— Por quê?

— Eu acho que é bem óbvio.

— Não no seu caso — Sandra retrucou. — Você não tem uma vida social real, e eu sei que, o que quer que esteja havendo entre vocês dois, tem que ser algo relacionado a trabalho.

Ela queria negar a afirmação, e ficou um pouco perturbada ao ver que não podia, não completamente.

— E qual é o seu ponto?

— A menos que seja algo que um estagiário possa escrever dormindo, você não deveria estar trabalhando nisso.

— O quê? E você é minha editora, agora? — Mallory perguntou. — Porque, se for, eu não recebi os memorandos.

— Deixe as histórias de verdade para aqueles que podem escrevê-las sem causar um processo ao jornal.

A observação de Sandra foi um golpe direto. Mallory sentiu seu rosto esquentar, em parte de irritação, mas principalmente de vergonha. Ela não podia provar, mas tinha caído numa armadilha. E, ainda assim, tinha sido sua culpa. Mesmo se ela fosse capaz de voltar à sua posição anterior um dia, será que poderia se esquecer de seu erro?

— Tenho que ir.

Quando ela tentou passar por Sandra, a mulher bloqueou sua passagem, apontando um dedo para seu rosto.

— Só pra você saber, estou de olho em você. Mais uma escorregadela e você está acabada.

— Você iria gostar disso, não iria?

— Eu vivo por esse dia.

Mallory conseguiu parecer entediada quando respondeu:

— Então, você precisa ter uma vida, Sandra.

— Mulher encantadora — observou Logan, quando Mallory voltou para perto dele.

— Sim, somos grandes amigas.

— Como Brutus e Júlio Cesar, eu diria.

— Exatamente, e é por isso que eu jamais viro as costas sempre que ela está por perto.

— E se eu ficar de olho nas suas costas... e outras coisas... esta noite? — As sobranceiras dele se ergueram, e o aborrecimento que o encontro com Sandra havia causado em Mallory se dissipou um pouco.

— Estou vendo uma mesa ali. — Ela apontou para uma que estava próxima da entrada lateral.

— Boa escolha — ele respondeu, dirigindo-se para as portas.

— Foi o que pensei.

Ela mudou de ideia um instante depois. Dois outros casais já estavam sentados à mesa, bebendo coquetéis e dividindo um prato de aperitivos. As apresentações foram feitas, embora as duas mulheres conhecessem Logan, ou melhor, soubessem quem ele era, antes mesmo de ele dizer o nome. Foi o fim das esperanças de Mallory de que os dois pudessem conversar em particular até que aparecesse uma oportunidade para irem embora.

— Oh, meu Deus! Você é Logan Bartholomew! O Logan Bartholomew!

— A mais voluptuosa das duas morenas exclamou. — Adoro o seu programa. Eu o escuto todas as manhãs enquanto me arrumo para ir trabalhar.

— Obrigado.

— O meu nome é Anita, a propósito. E este é o meu marido, Victor.

— Prazer em conhecê-la, Anita — Logan se virou para apertar a mão de Victor —, e a você também.

— O prazer é meu — Victor respondeu, embora não parecesse estar tão entusiasmado quanto sua esposa.

— Eu me sinto como se já o conhecesse. — Quando Anita piscou para ele de modo provocante, Mallory cerrou os dentes, sentindo-se estranhamente possessiva.

A outra morena se intrometeu.

— Eu sou a sua maior fã, dr. Bartholomew. Nunca perco o seu programa.

— Por favor, me chame de Logan.

— Logan. — Ela deu uma risadinha. — Eu sou Julia Richmond — fazendo um gesto indicando o homem de aspecto irritado sentado a seu lado, ela acrescentou —, e, graças a você, Darin e eu conseguimos acertar

algumas das diferenças que tínhamos e continuar com o nosso relacionamento. Vamos nos casar no outono.

Ela estendeu a mão esquerda, mostrando o anel de noivado de diamantes, grande o suficiente para justificar uma escolta de guardas armados.

— Uau — disse Mallory. — É uma pedra e tanto.

— Eu sei bem disso — Darin resmungou.

Logan limpou a garganta e ofereceu um diplomático:

— Parabéns aos dois.

— Obrigada. Nós devemos tudo a você, não é, querido?

Julia passou um braço ao redor de Darin, que não disse nada. Em vez disso, ele levantou o copo em uma imitação de brinde, e deu um gole generoso. Mallory deu um ano, no máximo dois, para o casamento deles durar; isso se eles chegassem ao altar, o que, naquele ponto, parecia algo duvidoso.

Julia disse:

— Os conselhos que você dá em seu programa, especialmente para casais que estão tendo problemas, vão direto ao alvo. É como se você tivesse escrito a Bíblia dos relacionamentos, ou algo parecido.

— Sim. Você é muito perceptivo, especialmente quando se trata de compreender as mulheres, e o que precisamos dos homens em nossas vidas

— Anita completou.

Darin não era o único que parecia irritado agora. Um músculo havia começado a tremer no queixo de Victor. Estava óbvio que nenhum dos dois homens apreciava a atenção que Logan estava recebendo. Mallory também não estava nada satisfeita.

— Fico feliz por vocês terem achado que algo que eu disse serviu de ajuda — ele respondeu, modesto.

Longe de apreciar os elogios profusos das duas mulheres, Logan se mexeu na cadeira de forma desconfortável. E não era de surpreender, levando em conta seu histórico pessoal, pensou Mallory. Se ele tivesse escrito o manual dos relacionamentos, como Anita imaginava, não teria sido pego desprevenido pela infidelidade de sua noiva, e literalmente abandonado no altar.

Mallory decidiu que era hora de desviar a conversa para um assunto neutro.

— Então, e o jogo dos *White Sox* ontem à noite? — ela perguntou, recebendo olhares raivosos das mulheres e um risinho de Darin, que obviamente era um fã dos *Cubs*.

Logan, entretanto, agarrou-se com unhas e dentes ao novo tópico.

— Vocês viram aquela jogada na terceira base, no final do sétimo tempo?

Como ela podia ver que todo aquele entusiasmo não era fabricado, Mallory sorriu. Um torcedor dos *Sox*. Quem diria? Outro motivo para gostar dele.

— Ver? Eu gritei tão alto que acordei metade do meu prédio. Detroit achava que tinha o jogo ganho até aquela jogada, quando os nossos meninos deram um *show* — ela disse, com o tipo de orgulho que apenas outros fãs alucinados podiam entender. Victor aparentemente era um deles. Ou talvez ele estivesse apenas ansioso para falar de um assunto diferente de relacionamentos. Ele começou a tagarelar sobre as estatísticas para os times na Liga Central Americana. Darin entrou na conversa logo depois, e, durante os próximos minutos, um debate animado se seguiu, a respeito da regra sobre quem seria o batedor. Anita e Julia não pareciam nada satisfeitas, agora que os esportes dominavam a mesa, mas elas começaram a conversar entre si sobre os preparativos para o casamento de Julia, e tudo ficou bem. Por sob a mesa, Mallory sentiu a mão de Logan acariciar-lhe o joelho. Quando ela olhou para ele, ele sussurrou-lhe a palavra:

— Obrigado.

— Sem problemas — ela sussurrou de volta.

Vários minutos mais tarde, Buck Warren, o diretor da instituição de caridade, subiu ao palco para dar as boas-vindas a todos, e agradecer-lhes pela presença. Ele também fez um apelo não muito sutil por doações, lembrando que tudo seria dedutível do imposto de renda. Depois disso, o jantar foi servido. Nada de galinha sem gosto, graças a Deus, mas Mallory não pôde deixar de notar que o lombo de porco estava um pouco ressecado e as ervilhas ao vapor estavam mal cozidas.

— Eles deviam contratar você — ela informou a Logan, depois de empurrar um pedaço de lombo para dentro com um gole de vinho.

Ele ignorou o elogio.

— É mais fácil cozinhar um jantar para dois do que para duzentos.

— É verdade. Eu imagino qual será a sobremesa. Espero que seja chocolate.

Ele se inclinou um pouco e sussurrou:

— Está a fim de um pouco de indulgência esta noite?

— Na verdade... — O calor subiu-lhe pela espinha, quando ela retribuiu o sorriso dele.

A sobremesa acabou sendo torta de maçã com sorvete de baunilha, que foi servido um tanto derretido.

— Quão desapontada você está? — Logan perguntou.

— Muito. — Mas, então, algo ocorreu a Mallory. — Sabe, talvez essa seja uma boa oportunidade para lhe cobrar o que você me prometeu.

— Você quer que eu lhe prepare uma sobremesa?

Ela assentiu.

— Algo com uma quantidade pecaminosa de chocolate. O que você me diz?

— E ir embora antes do baile começar? — Ele parecia comicamente surpreso.

O chocolate foi momentaneamente esquecido.

— Você sabe dançar?

— Só música lenta. Eu fiz questão de aprender quando estava na escola secundária, ao perceber que seria uma boa desculpa para colocar os braços em volta de uma garota sem levar um tapa.

— Muito engenhoso. — Mas ela riu. — Bem, teremos que ficar, agora.

— Ansiosa para cair nos meus braços?

Embora estivesse, ela disse:

— Estou mais ansiosa para saber o quanto você é bom. — Quando as sobrancelhas dele se ergueram, ela completou: — Na pista de dança.

Uma banda local havia sido contratada para o evento. A cantora estava usando um vestido longo *vintage*, e o penteado parecia algo dos anos 40. Mallory estava quase esperando ouvir “Boogie Woogie Bugle Boy”, mas, quando a banda começou a tocar, a música era uma balada moderna. A pequena pista de dança se encheu rapidamente. Mesmo assim, Logan levantou-se de sua cadeira e estendeu a mão para ela.

Os lábios dele estavam querendo sorrir, mas seus olhos brilharam com um desafio quando ele perguntou:

— Vamos?

— Oh, certamente.

Eles continuaram de mãos dadas enquanto abriam caminho pelas mesas até a pista. Mesmo aquele pequeno contato físico já fazia o corpo de Mallory começar a vibrar. Quando chegaram ao destino e ele a tomou nos braços, ela teve que se controlar para não gemer. Os corpos deles se esbarravam, se separavam e se tocavam, mas apenas ocasionalmente, enquanto eles se moviam ao ritmo da música. Mallory se esqueceu de gemer. Agora, ela queria gritar. A ansiedade de que Logan falara mais cedo a invadia agora. E ela estava bem certa de que ele sabia disso.

Ele abaixou a cabeça.

— Humm, que perfume gostoso.

As palavras vibraram contra o ouvido dela.

— O seu também é. — Embora, entre os cinco sentidos, o tato fosse aquele em que ela estava se concentrando no momento. Ela virou a cabeça levemente, e seus rostos se tocaram.

— Humm — ele disse, novamente.

— A música está quase no fim. — E, com ela, aquela doce tortura terminaria.

— Eu sei. Mas ainda temos a sobremesa.

— Sim — ela suspirou. Sua boca estava cheia d'água, embora a fome que ela esperava satisfazer não tivesse nada a ver com comida.

— Você tem algo em particular em mente? — Ele perguntou.

— Você está aceitando pedidos?

— Sempre, e especialmente os seus.

Ela sorriu.

— Vou ter que pensar a respeito. Talvez você possa me dizer quais são as suas especialidades.

— Certamente. Farei uma lista, depois que sairmos daqui. Mas estou aberto a experimentar coisas novas, também.

— Na cozinha — ela esclareceu.

— Claro. Na cozinha. — Ele beijou-lhe o pescoço. — É onde eu preparo os meus melhores pratos.

— Mesmo?

A mão dele acariciou as costas dela, fazendo-a tremer.

— Eu vou lhe mostrar.

— Humm. Estou ansiosa para ver — ela disse.

A música parou. A pista começou a se esvaziar.

— Quer ficar aqui para mais uma música? — Logan perguntou.

— Eu prefiro ir.

— Tudo bem. — A mão dele encontrou-lhe a cintura, enquanto eles voltavam para a mesa.

— Para casa — Mallory acrescentou.

Ele parou de andar e se virou para Mallory. Seu sorriso lento e conspirador agitou ainda mais os hormônios já descontrolados dela.

CAPÍTULO SEIS

LOGAN DIRIGIU dentro do limite de velocidade e fez um desvio quando eles saíram da festa, tentando dar a ambos a chance de se controlar. Eles não podiam continuar com aquilo. Bem, podiam, obviamente, e com resultados mutuamente satisfatórios, pelo que ele imaginava. Mas não deveriam.

Seu corpo exigiu saber por que não. Infelizmente, ele não conseguia pensar em nenhum. Ainda assim, Logan estava certo de que havia um motivo. Provavelmente, vários. Sua agente poderia ajudá-lo a descobrir, mas ele não estava interessado em telefonar para Nina Lownam naquele momento.

E foi então que ele percebeu. Ele não queria motivos. Ele queria aquela noite, com aquela mulher. Se houvesse consequências a enfrentar depois, ele as enfrentaria. Pagaria o preço com juros, se necessário. Mas naquela noite, só por aquela noite, ela seria dele.

Ele pisou mais firme no acelerador e o carro deu um impulso para frente. Mallory olhou de lado para ele. Que Deus o ajudasse, ele pensou tê-la visto sorrir.

Ele havia planejado levá-la para a cobertura. Ele tinha um quarto espaçoso, que incluía uma cama *king-size*. Do jeito que estava se sentindo, o espaço extra parecia uma boa ideia. Mas, enquanto navegava pelo trânsito, acelerando através das luzes amarelas, decidiu que não. O apartamento dela fazia mais sentido.

Em primeiro lugar, levá-la para seu apartamento parecia presunçoso demais, mesmo que todos os sinais que ela lhe dera durante toda a noite confirmassem que os dois estavam na mesma sintonia. Em segundo lugar, eles não teriam qualquer saída honrosa se mudassem de ideia. Uma situação pouco provável, mas, mesmo assim... E, em terceiro lugar, ele não precisaria levá-la para casa apressadamente de manhã cedo.

Bem, presumir que eles fariam amor durante horas era pretensioso também, mas certamente uma vez não seria suficiente.

Ele estacionou o carro numa vaga na frente do prédio dela, que teve sorte de encontrar, embora, naquela altura, ele teria deixado o carro na vaga dos bombeiros, se fosse necessário.

— Bem, aqui estamos. — Ele precisou se controlar para não bater a própria cabeça no volante do carro, depois daquela observação idiota. Pior do que soar ansioso, ele parecia nervoso. E estava. Ele estava longe de ser um adolescente inexperiente, mas seus hormônios pareciam não saber disso.

Ele estava ansioso e nervoso, e, que diabos, quase desesperado. Que Deus o ajudasse, até as palmas de suas mãos estavam úmidas.

Na luz fraca do interior do carro, ele pensou ter visto os lábios de Mallory se contraírem num sorriso disfarçado.

— Sim, aqui estamos. — Ele ouviu o fecho do cinto de segurança dela se abrindo. — Você vai subir, não é? Ainda tenho aquela garrafa de vinho. Seria uma pena beber uma taça sozinha.

— Bem, neste caso...

Mallory estava apreensiva, embora o desejo passasse por cima de seu nervosismo. Era óbvio que Logan sentia a mesma coisa. Sua postura *sexy* e sua voz confiante de apresentador de rádio haviam desaparecido. Com o canto do olho, ela o viu esfregar a palma das mãos na perna das calças, antes de tomar-lhe a mão. Mesmo assim, estava quente ao contato, e ainda úmida. Ela achou a súbita falta de controle dele comovente, e ao mesmo tempo excitante, como quando ele a tomara nos braços quando dançavam, mais cedo.

Quando chegaram à porta do apartamento, ela entregou a chave, que já havia tirado da bolsa, para ele. Já que ele parecia gostar de fazer essas pequenas delicadezas, ela lhe permitiria. A verdade era que ela gostava de suas boas maneiras.

O apartamento estava escuro e silencioso, embora ela pensasse que podia ouvir o próprio coração bater. Ela não havia deixado nenhuma luz acesa, e caminhou até a lâmpada na mesa próxima ao sofá para acendê-la.

— Então, vinho?— ela perguntou.

Ele ainda estava de pé, perto da porta.

— Se você for beber.

— Você não está preocupado com voltar dirigindo, está? — Ela levantou uma sobrancelha, em um desafio sutil.

— Eu deveria estar? —Um dos cantos de sua boca se ergueu.

— Não. — Mas Mallory deu de ombros. — Embora eu já tenha ouvido falar que até mesmo pequenas quantidades de álcool podem diminuir a habilidade de dirigir... entre outras coisas.

Logan se aproximou dela.

— Então, eu não deveria me arriscar. Eu quero estar totalmente... capaz.

As mãos dele encontraram os quadris dela, e ele a puxou para mais perto. Enquanto ele abaixava a cabeça, ela murmurou:

— Eu prefiro assim, também.

Ele passou direto pela boca de Mallory, começando pelo pescoço. O primeiro beijo fez com que pequenas correntes elétricas lhe percorressem o sistema nervoso.

Zip-zap-zing!

Ela decidiu aproveitar cada sensação, deixando de tentar entender por que se sentia daquela forma. Algumas coisas não tinham explicação.

— Humm. — O som vibrou como um gemido.

— Você gosta disso?

A voz de Logan tinha assumido um tom convencido. Aparentemente, ele tinha recuperado o controle. Ela não sabia se estava feliz ou desapontada. Feliz, ela decidiu, quando a boca de Logan começou a explorar o outro lado de seu pescoço.

— Você precisa perguntar?

— Na verdade, não.

Convencido, definitivamente. Era hora de empatar o jogo. Ela recuou um passo, criando uma distância suficiente entre os dois para forçá-lo a parar de explorar sua clavícula. Ele olhou para ela, confuso.

— Eu provavelmente não deveria lhe contar isso, mas, sempre que estamos juntos, tenho esta... esta sensação.

— Sensação?

— Aham. — Ela assentiu, solenemente.

— Mesmo? Onde?

— Eu não sei se deveria dizer.

— Você pode me contar — ele insistiu.

— Está certo. Afinal, você é médico. — O sorriso de Mallory era descarado. Ele o retribuiu.

— Exatamente — Logan disse a ela.

— Começa mais ou menos aqui. — Ela colocou a mão direita sobre o peito.

— Aqui? — As pontas dos dedos dele correram pela clavícula exposta de Mallory, em uma carícia sensual.

— Um pouco mais para baixo, na verdade — ela conseguiu dizer, num tom de voz que era quase clínico.

— Mais para baixo?

— Sim.

— Humm... — O olhar dele se transformou de gentil para quente, enquanto sua mão descia lentamente, contornando a curva suave do busto dela através do tecido acetinado do vestido de festa.

— Aqui? — ele perguntou.

— Mais baixo ainda — ela conseguiu dizer. Desta vez, sua voz mal passava de um sussurro. Ela decidiu mostrar a ele, em vez de usar palavras. Colocando a mão sobre a dele, ela a guiou para baixo, até que a parte mais cheia de seu seio lhe preenchia a palma.

— Bem aqui.

Ele abaixou a cabeça e murmurou o nome dela contra sua face, enquanto o movimento suave da mão dele fazia os joelhos dela ameaçarem se dobrar. Mas ela não havia terminado.

— É aí que começa, doutor. Mas apenas onde começa.

Mallory pensou ter ouvido Logan engolir em seco, embora fosse difícil dizer, com o som das batidas do seu coração martelando. Ela não tinha nada para engolir. Sua boca estava completamente seca. Aquilo era o que se podia chamar de um empate.

— E onde termina? — ele perguntou.

Mallory deveria estar nervosa. Ela estivera nervosa. Agora, ela estava longe disso. Ela se sentia poderosa, fortalecida. Pela primeira vez na vida, ela sabia exatamente o que queria, e não tinha nada a ver com sua carreira de repórter ou matérias, ou prêmios de jornalismo.

— Deixe-me lhe mostrar. — Ela tomou a mão dele e se virou, puxando-o na direção para onde queria levá-lo. A direção para onde ela queria ir, apesar dos limites que seriam atravessados, no caminho para o destino final.

Logan olhou por cima dos ombros dela, para o corredor que levava ao quarto. Ele não se moveu, e ela foi forçada a parar, também.

— Você tem certeza, Mallory? — A mão dele apertou a dela. — Eu quero que você tenha certeza.

Mallory engoliu em seco. Algo dentro dela se aqueceu. Logan era um cavalheiro, mesmo em um momento como aquele. Ele era realmente um homem muito, muito especial.

Estou absolutamente certa, ela pensou, mas tudo o que disse a ele foi:

— Se você quiser descobrir o quão certa eu estou, vai ter que vir comigo.

LOGAN PASSOU a noite com ela. A noite *inteira*. Ele só saiu pouco depois do amanhecer, na manhã seguinte, com o paletó jogado sobre o ombro, a gravata no bolso da calça, a barba por fazer e um sorriso de satisfação erguendo os cantos de sua boca.

— Eu tenho que ir.

— Eu também — disse Mallory.

Ela não podia se arriscar a chegar atrasada ao trabalho pela segunda vez em dois dias, não com Ruth de olho no relógio e Sandra mirando suas costas.

— Tchau.

— Tchau.

Mesmo assim, eles ficaram se beijando em despedida durante 15 minutos, na frente da porta do apartamento dela.

— Eu ligo pra você mais tarde — disse Logan, quando eles finalmente se separaram.

E ligou, embora fosse muito, muito mais tarde.

Mallory lavou o rosto para retirar a maquiagem e escovou os dentes, seguindo sua rotina de antes de dormir como se nada tivesse acontecido, quando, na verdade, nada continuava da mesma forma. Seu mundo bem organizado havia saído dos eixos.

Ela não tinha sido capaz de pensar em mais nada durante o dia inteiro, exceto em Logan... e na noite anterior.

E que noite havia sido! Não fora apenas o que acontecera em seu quarto que fizera sua mente divagar o dia todo. Ela não conseguia parar de se lembrar das horas que os haviam levado até aquele momento. E tentava definir o momento em que tudo havia mudado. Fora o olhar dele, ela decidiu. A expressão no rosto de Logan quando ele havia se virado, na

cozinha minúscula dela, e a vira vestida e pronta para o jantar. A reação dele havia transformado os joelhos dela em geleia.

Mallory ainda não podia acreditar que ele achava que ela era linda. Bonita? Oh, certamente. Ela já havia sido chamada assim várias vezes. Mais frequentemente, entretanto, com seus olhos grandes demais e seu queixo duro, ela havia sido chamada de bonitinha. Adicionando sua personalidade, especialmente quando trabalhava, o adjetivo mais comum que era usado para descrevê-la era *impiedosa*. Ela costumava considerar aquilo como um elogio, embora obviamente as fontes que o usavam não tivessem exatamente aquela intenção.

Mas, *linda*?

Ela olhou fixamente para seu reflexo no espelho, ao mesmo tempo surpresa e intrigada com o fato de Logan vê-la daquela forma. Ela mal havia tido a chance de digerir o cumprimento, quando ele a seduzira enquanto deslizavam pela pista de dança. Para ser sincera, e Mallory acreditava firmemente em sinceridade, ela ficaria bem feliz em retribuir o favor. E era o que tinha feito mais tarde.

Ela espalhou hidratante no rosto e, massageando as faces suavemente, suspirou. Ele dissera que ligaria mais tarde, mas ainda não havia telefonado. Não enquanto ela estava trabalhando, para o seu celular, e nem desde que ela chegara em casa. Já passava das onze da noite, e a última hora do dia já se esgotava. Ela tentou continuar otimista, o que já era algo. Mesmo dois anos depois que seu relacionamento com o último namorado começara, ela ainda via tudo o que Vince lhe prometia com certa dose de suspeita: “Da próxima vez que o meu chefe convidar todos para jantar, eu vou levá-la”, “Quando meus pais vierem à cidade da próxima vez, eu vou apresentá-la para eles”, “Eu tenho um amigo que disse que vai nos arrumar ingressos na primeira fila pra ver os *Sox* no próximo jogo”.

Sim, claro. Não importava. Mallory nunca havia investido as esperanças em qualquer uma das promessas de seu “ex”. Ela sabia que ele iria quebrá-las. Da mesma forma que, quando era criança, soubera que seu pai não honraria sua palavra, nas poucas vezes em que ele fizera planos para visitá-la depois do divórcio.

Por motivos que ela não conseguia compreender bem, ela queria acreditar em Logan. Ela não queria que ele a decepcionasse.

Ela foi para o quarto, onde colocou uma camiseta e *short*. Puxando o edredom na cama de dossel antiga que comprara em uma feira de móveis em Lake Forest, ela soube que não haveria necessidade de um cobertor naquela noite. Até mesmo os lençóis de algodão seriam demais. O ar-condicionado havia sido consertado, mas, mesmo ligado no máximo, sua pele ainda estava quente.

Ela estava se abanando e pensando em tomar um banho frio quando o telefone tocou. Mesmo antes de ver o identificador de chamadas, ela já sabia quem era. Seu coração deu um pulo louco e ela ficou feliz por ninguém poder ver seu sorriso tolo.

— Eu estava pensando em você — ela disse, no lugar do cumprimento padrão.

— Eu acho que isso quer dizer que eu não a acordei. Você já está na cama? — Ele falava baixo, e sua voz ficava ainda mais *sexy* por causa disso.

— Na verdade, acabei de entrar debaixo das cobertas. — Mallory se esticou sobre o colchão enquanto falava.

— Imagine só. Eu também.

A temperatura do corpo dela, que já estava alta, subiu ao ponto de combustão enquanto ela imaginava Logan deitado em sua cama, usando o que vestira na noite anterior... nada.

— Hmm.

— O que foi isso? — ele perguntou.

— Nada. — Ela sorriu com a lembrança. — Nada, mesmo.

— Desculpe por telefonar tão tarde. Foi um dia louco. Depois do programa, passei horas gravando *spots* promocionais para serem veiculados durante o resto da programação, e então... não importa. É suficiente dizer que foi um dia longo e entediante.

— Sinto muito. Nós podemos conversar amanhã, se você quiser. A propósito, você nem precisava ter ligado. — Embora ela estivesse feliz por ele tê-lo feito.

— Eu disse que ia telefonar. Sou um homem de palavra.

Logan disse aquilo de forma simples, fazendo uma afirmação. O coração dela deu aquele pulo engraçado de novo. Ela não tinha certeza do que achava mais desconcertante: o *flash* de fogo que ele podia provocar com um simples olhar ou aquela nova reação física.

— Eu gosto de saber que você tenta manter suas promessas — ela admitiu.

— Todos deveriam fazer isso.

— Mas nem todos o fazem.

— Você foi magoada — ele disse.

— Não fomos todos? — Mallory esperou um momento, imaginando se ele iria mencionar seu próprio rompimento, e não apenas porque ela queria uma história e ainda farejava uma ali. Mas porque ela queria saber mais sobre Logan, por si mesma.

Ele fez um som de concordância, mas não estendeu o assunto. Em vez disso, ele afirmou:

— É mais ou menos certo de que, quando se chega à nossa idade, alguém vai ter quebrado o seu coração ou abusado da sua confiança. É a condição humana. Mas é claro que isso não faz a dor diminuir.

— Não.

Ela o ouviu suspirar.

— Já está tarde. Eu deveria deixá-la ir dormir.

— Esse é um modo educado de me dizer que eu preciso do meu sono de beleza? — Mallory perguntou, brincando.

— Não. Você já é linda. Lembra?

Tum!

— Isso é o que você diz. — Ela passou o braço livre pela própria cintura, abraçando a si mesma em uma tentativa de impedir que o prazer que as palavras dele provocavam se dissipasse.

— Ainda não acredita em mim. — Não era uma pergunta. — Acho que vou ter que continuar dizendo isso, até que você acredite.

Como não conseguiu pensar em nada para dizer em resposta, ela mudou de assunto.

— A que horas você precisa estar na emissora?

— Eu normalmente tento chegar uma hora antes de entrar no ar. — O que significava que ele teria de se levantar em cerca de cinco horas, levando em consideração o trânsito. — E você? A que horas tem que estar no *Herald*?

Houvera um tempo, em um passado não muito distante, quando Mallory chegava ao jornal antes dos editores-chefes, que eram tradicionalmente os primeiros a chegar a uma redação. Ela ficava trabalhando até tarde, também. Jornadas de quinze horas não eram raras, mesmo quando ela não

tinha nada mais a fazer do que ler as matérias publicadas pelas agências de notícias. Ela considerava aquilo como um ponto de honra, uma prova de sua dedicação. Parecia um tanto patético, agora.

— Isso depende do que eu estou cobrindo. Hoje em dia, entretanto, é mais ou menos seguro dizer que não preciso estar na minha mesa antes das oito. Você sabe, a hora em que os solitários e desempregados começam a telefonar para o seu programa — ela completou, rindo.

— Eles também precisam de ajuda.

Algo no tom de voz de Logan fez Mallory perguntar:

— Era isso que você esperava da sua vida quando se formou em medicina?

— Não.

Um momento de silêncio se seguiu à resposta surpreendentemente honesta dele. A repórter em Mallory teria agarrado a chance, fazendo meia dúzia de perguntas depois daquela admissão, determinada a descobrir mais. Mas tudo o que ela disse foi:

— Sinto muito.

Outro silêncio se seguiu. Quando ela não podia suportá-lo mais, perguntou:

— Logan? Você ainda está aí?

— Sim, estou aqui.

— Esta conversa é extraoficial, você sabe. — Ela sentiu a necessidade de esclarecer. — Só eu e você... conversando.

— Só eu e você. — Ele ainda parecia duvidar.

E, embora parte dela não estivesse certa de que aquela era a melhor direção a tomar, ela continuou:

— Só um homem e uma mulher. Não uma história em potencial e a repórter interessada em escrevê-la.

— Mesmo?

— Mesmo.

— O que eu acabei de dizer daria uma história infernal, especialmente com um programa de bate-papo em rede nacional em negociações. — Ele xingou baixinho, depois que as palavras lhe escaparam.

Outra pérola exclusiva, e Mallory estava por dentro de tudo. Mas o que ela perguntou foi:

— Você já conversou com alguém sobre isso?

Ele riu.

— Você quer dizer, com um profissional? Isso realmente colocaria a sua assinatura na primeira página do *Herald*. “O Doutor Sabe Tudo de Chicago procura aconselhamento sobre uma crise na carreira.”

Aquele comentário foi uma alfinetada, mas ela se sentiu triste por ele. Ali estava um homem que ajudava milhares de pessoas com seus conselhos, e não tinha ninguém a quem recorrer quando precisava de orientação.

— Sabe, estou aqui se você precisar de alguém com quem conversar, Logan. Não tenho certeza de que tipo de conselho eu posso dar. Ajudar pessoas está um pouco além do meu diploma. Mas sou uma ouvinte muito boa — ela completou. — Mesmo quando o conteúdo da conversa não é para ser publicado.

— Você está mesmo sendo sincera.

— Sim.

— Obrigado. — Ele riu, embora sem muito humor. — Ainda não posso acreditar que lhe contei aquilo.

— Porque sou uma repórter? — Mallory perguntou, o peso retornando ao seu estômago.

— Não. Porque nunca sequer dei uma pista disso aos meus pais. Eles são, normalmente, as primeiras pessoas com quem eu converso quando preciso desabafar.

Que privilégio, ela pensou, ter pais em quem se pode confiar e a quem pedir conselhos.

— Por que você não disse alguma coisa para eles, então?

— Eu não sei. Acho que não queria preocupá-los. E, além disso, eles têm tanto orgulho de mim.

— Mas você deve ter orgulho de si mesmo — ela disse, docemente. — Você precisa estar feliz fazendo o seu trabalho, ou o orgulho deles não importará.

Uma risada suave atravessou a linha.

— E você diz que não é boa nisso. Talvez você possa fazer uma tentativa de apresentar o meu programa.

— Não, essa não é a minha praia. — Ela chutou o lençol para o pé da cama. Ela estava sozinha, e ainda assim não conseguia se lembrar de uma conversa mais íntima que tivera com um homem na horizontal. Deus sabia que, na noite anterior, eles não haviam passado muito tempo conversando.

— Logan?

— Sim?

Ela se sentia muito privilegiada por ele ter lhe contado tudo aquilo, e estava determinada a mostrar para ele que sua confiança não estava sendo desperdiçada.

— Vamos empatar as coisas entre nós.

— O que você quer dizer? — ele perguntou com um bocejo sonolento.

— Pergunte-me qualquer coisa que você queira saber.

— Qualquer coisa?

Ele não parecia sonolento agora. Na verdade, seu tom inquisitivo provocou arrepios em Mallory, apesar do calor sufocante da noite de Chicago.

— Sim. Qualquer coisa.

— Tudo bem. — Ele fez um som de quem cantarola, aparentemente examinando suas opções. Mas não a manteve em suspense por muito tempo. — Conte-me algo sobre você que ninguém sabe.

— Ninguém?

— Um segredo profundo. Isso nos fará empatar.

— Algo que ninguém sabe — ela repetiu, pensando. A lembrança veio, surgindo dos recessos da mente dela, desagradável como bÍlis. Ela quase engasgou. Por um momento, ela considerou a possibilidade de contar outra coisa para Logan. Mas honestidade exigia honestidade. Ela engoliu em seco e começou a falar:

— Eu lhe disse que não via o meu pai desde que meus pais se divorciaram. Mas não era verdade. Eu o encontrei, há alguns anos.

— Em Chicago?

— Sim. Bem, mais ou menos. Foi no aeroporto O'Hare. Eu tinha estado fora da cidade, cobrindo uma matéria para o jornal, e havia acabado de voltar para casa quando o vi no setor de bagagens do aeroporto.

Ela apertou os olhos, tentando proteger seu coração. Não que qualquer coisa que ela fizesse fosse adiantar. A dor percorria seu corpo como um ácido. Três anos haviam se passado, mas a lembrança permanecia viva. A ferida ainda estava aberta.

— E? — Logan perguntou, quando ela ficou quieta.

— Ele era a mesma pessoa de quem eu me lembrava. — Ela limpou a garganta, na esperança de que sua voz soasse mais relaxada. — Ele estava

mais grisalho nas têmporas e um pouco mais gordo, mas, de forma geral, sua aparência era a mesma. Alto, imponente, e parecendo querer estar em qualquer lugar, menos ali.

Ela se lembrava bem daquela expressão. Ele a tivera no rosto durante reuniões de férias, nos recitais de dança de Mallory, naquelas poucas noites em que ele estava em casa e ela lhe pedia para ler histórias .

Mallory teve que engolir em seco novamente antes de poder continuar.

— Eu o vi, e, mesmo com dez metros e meia dúzia de pessoas entre nós, eu o reconheci imediatamente. Acho que devo ter mudado muito, entretanto.

— Ele não a reconheceu — Logan apostou.

— Não. — Tinha sido bem pior. — Na verdade, ele achou que eu era uma carregadora.

— Oh, Mallory.

— Quando eu toquei no ombro dele, ele se virou e sorriu. Mas, antes que eu pudesse dizer: “Olá, pai”, ele me deu alguns dólares e apontou para as malas. — O que começara com uma risada terminou em um soluço. — Ele esperava que eu as colocasse no carrinho que tinha acabado de alugar para levar minha própria bagagem.

— O que você fez?

Mesmo depois de três anos, a vergonha a invadia. Felizmente, a raiva vinha logo a seguir.

— Eu deveria ter dito a ele para ir para o inferno, mas estava muito atordoada.

— E ele não merecia nada menos do que isso, Logan disse, com tal convicção que a dor que ela sentia no coração se dissipou um pouco.

— Ele tinha três malas, duas delas bem acima do limite de peso. Minha mãe sempre dizia que ele não sabia viajar sem carregar o mundo com ele. E, sabe, além de ser um pai imprestável, naquele dia ele provou ser um péssimo cliente. Três malditos dólares de gorjeta — ela deu uma risadinha sarcástica. — Ele devia ter me dado o triplo, por causa da hérnia que eu quase tive depois daquilo.

— Você disse a ele quem era? — Logan perguntou.

— Não. — Embora Logan não estivesse lá para vê-la, Mallory sacudiu a cabeça. — Foi humilhante demais, especialmente porque eu já tinha colocado a bagagem dele no carrinho e ele já tinha me dado o dinheiro.

— E a sua mãe? Você contou a ela? — ele perguntou.

— E dar a Maude mais um motivo para reclamar para mim sobre ele? Não. — Mallory passou a mão pelo rosto e se surpreendeu ao encontrá-lo úmido de lágrimas. Ela não tinha chorado pelo pai por anos, nem mesmo depois do incidente no O'Hare, e não se julgava capaz de derramar mais lágrimas por aquele homem.

— Você decidiu protegê-la — disse Logan.

Ela não via suas ações como altruístas.

— Ele fez aquilo comigo, Logan. Não com a minha mãe.

— Mas ela teria simpatizado e se compadecido.

— Não. A nossa relação não é assim. A minha mãe jamais esqueceria esse assunto.

— Sinto muito. — Depois de um momento de silêncio, ele completou: — Obrigado por me contar isso.

— Sabe, isso me fez bem — ela admitiu. — Talvez terapia funcione mesmo.

— Não estou certo se eu classificaria essa conversa como uma sessão de terapia — começou Logan. — Mas também foi bom para mim contar a você como eu me sinto. — Ele deu uma risada. — E foi um bom lembrete, já que eu sempre digo aos meus ouvintes que não é saudável reprimir as emoções.

— Faça o que eu digo, não faça o que eu faço?

— Acho que você está certa. — O tom dele era tristonho. — Mas não mais. Nada se resolve dessa forma.

— Você tem que enfrentar as coisas, não é?

— Sim, é verdade.

Segurando o fone contra o ouvido, Mallory rolou para o lado e olhou para o relógio. — Oh, meu Deus, Logan. Já é quase uma hora da manhã.

— Eu sei.

— Eu deveria deixar você ir dormir.

— Não estou cansado. Se você desligar agora, eu vou ficar deitado aqui, acordado. — Ela ouviu a respiração dele através da linha, um instante antes dele perguntar: — Fica comigo, Mallory?

— Tudo bem, não vou a lugar nenhum. — Segurando o fone contra o ouvido, ela rolou para o lado novamente, e, embora ele estivesse longe, ela

o sentia ao seu lado, preenchendo um vazio enorme que ela nem sabia que existia.

CAPÍTULO SETE

MALLORY NÃO estava certa de como se sentiria durante seu próximo encontro cara a cara com Logan. Excitada? Envergonhada? As duas coisas? Ela havia despido seu corpo para ele e, depois, um pouco de sua alma. Eles haviam passado duas noites juntos, e, embora estivessem separados por quilômetros na segunda, ela havia sido tão íntima quanto a primeira. Ela jamais se sentira tão próxima de alguém como dele, durante aquelas longas horas que passaram conversando baixinho, compartilhando segredos, até pouco antes do sol da manhã tingir o horizonte de cor-de-rosa.

No fundo, no fundo, ela e Logan mal se conheciam. Mesmo assim, ele já parecia compreendê-la muito melhor do que qualquer outra pessoa. E foi por isso que ela teve um momento de incerteza na tarde seguinte, ao avistá-lo de pé na frente do *Herald*, quando ela saiu pela grandiosa porta principal do prédio.

— Olá, Mallory.

— Logan.

A alça da bolsa em que ela carregava o *laptop* escorregou pelo seu braço. O computador teria caído na calçada se ele não tivesse se adiantado para segurá-lo.

Ela tentou evitar dar um sorriso tolo, ao perguntar:

— O que você está fazendo aqui?

— Além de salvar o seu computador?

— Sim, além disso. Obrigada, a propósito.

— De nada. — Quando ela estendeu a mão para apanhar a bolsa pesada, ele passou a alça pelo próprio ombro. — Eu queria ver você.

O sorriso bobo lhe escapuliu. Ela abaixou a cabeça, na tentativa de mantê-lo sob controle.

— Eu provavelmente deveria ter ligado, em vez de simplesmente aparecer aqui no seu local de trabalho.

— Não me importo. Foi uma surpresa boa.

— Você tem algum plano para esta noite?

Ela não tinha, mas, mesmo que tivesse, ela se esqueceria dele naquele momento. Ela parecia não conseguir pensar quando ele olhava para ela daquele jeito, interessado e *sexy*.

— Nenhum de que eu me lembre agora. Por quê?

— Ótimo. Pensei que poderia levá-la a um clube de *jazz*.

Embora não fosse capaz de pensar num motivo, aquilo surpreendeu Mallory.

— Você gosta de *jazz*?

— Não, mas você gosta. Então... — Ele deu de ombros, como se aquilo explicasse tudo, e, de certo modo, explicava.

Que Deus a ajudasse, Mallory queria beijá-lo bem ali, na calçada em frente ao *Herald*. Para o inferno com os profissionais determinados e os turistas com suas câmeras, que estavam passando por eles. Ela não conseguia pensar em outro homem, seu pai inclusive, que fosse colocar o que ela gostava, o que ela queria, na frente de suas próprias necessidades ou preferências.

— Obrigada.

Ele franziu o rosto.

— Pelo quê?

— Por... pela diversão que vamos ter esta noite — ela disse. — Você se importa se passarmos no meu apartamento primeiro, para eu me trocar?

Ela usava um terno de linho branco que estava amarrotado depois de um longo dia de trabalho, e seus pés estavam implorando para serem libertados dos sapatos de salto alto que precisavam ceder um pouco mais para ficarem confortáveis. Não era aquilo que se usava para ir a um clube, especialmente porque Logan estava vestindo *jeans*, mocassins italianos e uma camisa de mangas curtas, que ele deixara para fora da calça.

— Sem problemas, embora eu realmente goste desses sapatos. Eles fazem algo pecaminoso com as suas pernas. — Ele deu um passo em direção a ela, chegando perto o suficiente para não haver dúvidas sobre o interesse em seus olhos.

— Você acha mesmo?

— Oh, sim.

O mundo exterior desapareceu, como quando eles haviam ficado um nos braços do outro na pista de dança... e, depois, no apartamento dela.

— Então, você deveria me ver de salto agulha — ela anunciou ousadamente, diretamente e com uma pitada de desafio.

— Isso é algo para esperar ansiosamente. — As palavras dele, e a expressão fervente que as acompanhou, fizeram com que Mallory prendesse a respiração.

— Você está pronta?

— Pronta? — A pergunta fez Mallory piscar.

— Para ir. — Ele sorriu, satisfeito. — Meu carro está estacionado no fim da rua.

— Mostre o caminho.

O *SWING SHOP* era um clube pequeno, escuro e enfumaçado. O local atraía um público eclético: estudantes universitários, casais jovens e velhos, turistas, executivos engravatados, e até mesmo os residentes do hospital próximo, que ainda vestiam seus jalecos.

Todos eram iguais ali. No restaurante francês no outro quarteirão, uma gorjeta generosa e discreta poderia garantir uma mesa melhor ou menos tempo na fila, mas, no *Swing Shop*, quem chegasse primeiro conseguia os melhores lugares. Os clientes que queriam pegar uma boa mesa chegavam mais cedo, e frequentemente vinham direto do trabalho. E geralmente ficavam até bem tarde, bebendo e comendo os petiscos gordurosos da cozinha, enquanto batiam os pés e moviam o corpo ao ritmo dos saxofones e trompetes.

Sim, conseguir um lugar para sentar era complicado, mas uma manobra um tanto agressiva em meio à multidão ajudava. Foi por isso que, assim que Mallory avistou um casal mais velho se levantar de uma mesa perto do palco, ela abriu caminho com os cotovelos, passando por dois homens com cara de advogados e uma mulher acima do peso com uma camiseta que dizia “I Love Chicago”, e colocou a cerveja com decisão na superfície de fórmica.

Logan a alcançou alguns minutos e vários “com licença” mais tarde.

— Isso foi incrível. — Ele se sentou na cadeira em frente à dela. — Jogadores de futebol profissionais correndo para o gol não teriam uma chance contra você.

Mallory simplesmente deu de ombros.

— Você conhece o ditado: aquele que hesita está perdido.

Ele riu.

— Imagino que você já tenha vindo aqui antes.

— Este clube é um dos meus favoritos.

— E eu que pensei que iria lhe oferecer uma nova experiência.

— Isso é muito gentil. — E era.

— Esta é a primeira vez que eu venho aqui — Logan confessou.

Ela segurou uma gargalhada.

— Sim, eu pensei que este poderia ser o caso, quando você educadamente segurou a porta para aquela horda de turistas que chegou logo depois de nós. — Ela olhou enfaticamente na direção de um grupo de mulheres de meia-idade que havia juntado três das melhores mesas do clube para acomodar seus convidados, e nem todos haviam chegado ainda.

— Agora que nós temos uma mesa, você quer pedir algo para comer? — Ele perguntou.

Mallory franziu o nariz.

— A comida não é tão boa assim aqui, mas, se você conseguir se contentar com um aperitivo ou dois até que o *show* principal termine, eu lhe pago o jantar.

— Posso escolher o lugar? — As sobrancelhas dele se ergueram.

— Parece que você já tem algo em mente.

— Talvez. — Ele apanhou um cardápio plastificado que estava entre o saleiro e o pimenteiro, no centro da mesa. Depois de um rápido exame, ele perguntou:

— *Nachos* seriam uma boa ideia para você?

Mallory sorriu, apreciando o fato de que, mesmo possuindo as habilidades de um *chef gourmet*, Logan não tinha preconceitos contra pratos mais populares.

— Muito pimentão, zero de cebola.

— Certo. — Ele levantou a mão para chamar a atenção de uma garçonete com ar esbaforido.

Eles ficaram no clube durante três horas, e podiam ter ficado mais se o estômago de Mallory não tivesse protestado. Ela começara a beber café depois da segunda taça de vinho, já que a bebida parecia estar subindo diretamente para a sua cabeça. E não conseguiria comer outra porção de *nachos*. Ela já estava começando a se arrepender de seu pedido de muito pimentão.

Do lado de fora, o ar da noite havia esfriado consideravelmente, comparado com a alta temperatura da tarde, de quase 35 graus. Mas, com o calor ainda irradiando da calçada, a mudança era quase imperceptível, especialmente porque Mallory estava com Logan, e até mesmo o modo casual com que ele lhe segurava a mão fazia com que ela se sentisse febril.

— Você disse alguma coisa sobre me pagar um jantar — ele lembrou a ela enquanto caminhavam para o carro.

— Sim, disse. Do que você está a fim? — ela perguntou.

Ele parou de andar, voltou-se para ela e a pergunta ganhou um novo significado.

— De você.

Logan soltou a mão dela, mas só para que pudesse usar as suas para segurar-lhe o rosto. As mãos dele eram enormes. As palmas estavam quentes, até mesmo contra a pele quente dela. Embora provavelmente ela estivesse sendo ridícula, ela pensou poder sentir os calos que o trabalho no barco causara.

Ele a beijara antes, havia feito muito mais do que isso. Mas cada encontro a impressionava com alguma coisa nova, única. Como antes, ela se perdeu no abraço dele, afundando sem pressa de voltar para a superfície. O beijo podia ter durado segundos ou se prolongado em vários minutos; Mallory não fazia ideia. Lentamente, ela se conscientizou do trânsito à sua volta, das buzinas tocando à distância e dos pedaços de conversas das pessoas ao redor deles.

Ela estava apertada contra o corpo de Logan, o que a tornava totalmente consciente da reação dele ao seu contato. A respiração dele estava pesada e difícil. As mãos que ainda seguravam seu rosto tremiam. Mallory não era do tipo dado a demonstrações públicas de afeto, mas não conseguia se controlar perto de Logan.

— Comida é a última coisa na minha cabeça depois disso — ele murmurou. — E você?

— Quem precisa comer?

Ele riu, mas sua expressão ficou séria.

— Eu quero você, Mallory.

— Isso está óbvio — ela retrucou. — Eu quero você, também.

Subitamente, entretanto, ela queria mais do que sexo. Embora eles estivessem juntos havia poucos encontros, ela se viu ansiosa por um

relacionamento exclusivo, de longo prazo. Do tipo que jamais tivera com outro homem. Do tipo em que ela deixara de acreditar quando seu pai havia feito as malas e partido.

— Para onde isto está indo? — A pergunta lhe escapou antes que ela pudesse se controlar.

Logan piscou. Sob a luz fraca dos postes da rua, ela observou a expressão dele ficar defensiva.

— Não tenho certeza — ele admitiu, depois de uma pausa insuportavelmente longa. — Eu gosto muito de você, Mallory. Você já deve saber disso, a esta altura. Mas, se você está pedindo promessas... Não sei se posso fazê-las.

Naquele momento, ou nunca? Felizmente, ela conseguiu guardar aquela pergunta para si mesma. Ela ergueu os ombros, em um gesto displicente.

— Não há necessidade de promessas, Logan. Isto é o que é. — Ela se forçou a sorrir e completou, em um sussurro sedutor: — E eu pretendo aproveitar cada momento disto.

Ela esperava que aquilo fosse um ponto final, mas agora ele estava franzindo o rosto.

— O que exatamente é *isto*?

As palavras eram o refúgio dela, e, às vezes, um mecanismo de defesa confiável. Elas falharam com Mallory agora, deixando-a balbuciando incoerentemente antes de finalmente conseguir responder:

— Não sei, mas nós somos bons juntos.

— A química sexual, você quer dizer?

— Sim, é exatamente isso que eu quero dizer. — Mas não era. Não completamente. E ela não conseguia deixar de pensar no motivo daquilo a incomodar tanto, de repente. — Você provavelmente estudou coisas assim quando estava na faculdade.

Logan massageou a testa. Não que ele se lembrasse, e Deus sabia que ele estava tentando se lembrar. Ele era um homem da ciência, mas algumas coisas desafiavam a explicação acadêmica.

Sua reação intensa e exageradamente física a Mallory era uma dessas coisas.

Ele levantou uma das mãos, mas parou antes que seus dedos fizessem contato com o rosto dela.

— Deve ser por isso que eu não consigo tirar você da minha cabeça.

Os olhos dela se arregalaram e seus lábios se curvaram. Os traços de vulnerabilidade que ela tentava disfarçar com coragem desapareceram.

— Você não consegue me tirar da cabeça?

— Não faça essa cara tão satisfeita — ele resmungou, embora ela não parecesse exatamente contente. Ela parecia, na verdade, surpresa. E esperançosa? — Eu nunca tive uma reação dessas a uma mulher antes.

— Nunca? — Não era apenas a expressão dela que demonstrava surpresa, desta vez. O tom de sua voz era estupefato.

Lembrando-se do modo como ela reagira antes do evento beneficente, quando ele elogiara a aparência dela, Logan cedeu à tentação de tocá-la e tomou-lhe o rosto nas mãos.

— Além de achar que você é linda, e não tente argumentar comigo desta vez — ele completou, quando a boca de Mallory se abriu, provavelmente para fazer exatamente aquilo —, eu acho você incrivelmente *sexy*, Mallory.

Ela não protestou. Nem sequer piscou, mesmo quando ele se inclinou e a beijou suavemente nos lábios. Ela o examinou com olhos escuros e atentos. A mulher que tinha a reputação merecida de ser calculista e intuitiva parecia simplesmente vulnerável agora.

— Você vai ficar em pé aqui no meio da rua a noite inteira, ou vai me levar para casa e fazer amor comigo? — Logan riu com a pergunta. Certo, talvez ela não fosse *completamente* vulnerável.

— Vamos.

O carro dele estava a meio quarteirão de distância, rua acima. Com um toque no botão da chave, as luzes piscaram e as portas se destrancaram. Quando eles chegaram ao carro, Logan abriu a porta de Mallory para ela, como de costume. Enquanto ele dirigia, ela ficou quieta.

— Algo errado? — Logan perguntou.

— Não. Não exatamente. — Ela sorriu para ele. — Você está sempre abrindo portas para mim, até mesmo a porta do meu carro. Você é um cavalheiro.

— Culpa da minha mãe.

— Então, eu gosto da sua mãe.

Ele riu baixinho.

— Então somos dois. — Ele ficou sério de novo. — Você parece surpresa. A respeito de eu ser um cavalheiro, quero dizer.

— Eu nunca saí com alguém como você.

— Por quê?

A pergunta dele fez com que ela desse de ombros.

— Não sei. Apenas... nunca aconteceu.

Enquanto Logan manobrava o carro pelo trânsito, ele comentou:

— Você sabe, é engraçado como muitas pessoas confundem uma cortesia básica com condescendência. Eu abro a sua porta como forma de respeito. Eu suponho que você poderia fazer o mesmo por mim. De qualquer maneira, não é um gesto feito com a intenção de mostrar domínio.

— Não.

Ele olhou de lado quando eles chegaram a um sinal vermelho.

— Você seria muito difícil de dominar, de qualquer forma. Você é determinada demais para isso, e sincera demais.

Ela sorriu.

— É assim que você me vê?

— Mais ou menos — Logan assentiu. A luz mudou e ele voltou sua atenção para a rua. Um momento depois, ele olhou de lado novamente e perguntou: — Como você vê a si mesma?

— Eu não sei. — Ela brincou com as mãos em seu colo. — Mas já fui chamada de coisas bem piores do que forte e sincera. Na verdade, eu considero ambas as palavras como elogios.

— Fico feliz. Você deve, mesmo. Mas isto não foi uma resposta, Mallory. Como você vê a si mesma?

Ela riu.

— Estou falando sério. Eu realmente gostaria de saber.

— Tudo bem... Eu me vejo como uma pessoa determinada.

— Ora, vamos — ele insistiu. — Você pode fazer melhor do que isso.

— Não há nada de errado com determinação — ela retrucou, soando levemente defensiva.

— Você tem razão. Não há nada de errado com isso. — Deus sabia que determinação provavelmente era o que tinha ajudado Mallory a passar por uma infância difícil, para chegar a um futuro brilhante. — Mas eu tenho certeza de que você pode encontrar mais adjetivos.

— Sou esforçada — ela disse.

Logan respirou fundo, sem se impressionar.

— Esse é apenas outro nome para a mesma coisa. Isso é o melhor que você pode fazer?

— É suficiente. Deveria ser suficiente. — A voz dela aumentou de volume. Ele estendeu a mão para tomar uma das dela.

— Eu não conheço você há muito tempo, Mallory, e já consigo ver muito mais do que isso. Você se subestima.

Mesmo na luz fraca do carro, ele conseguia ver a garganta dela se movendo enquanto ela tentava se controlar.

— Bem, me diga você, então.

Ele não ficou ofendido com a tentativa de sarcasmo dela. Logan apertou a mão que ainda segurava na sua.

— Não, é você quem deve ver. Não sou eu quem deve lhe dizer. Não teria o mesmo impacto. E, antes de você me acusar de estar analisando-a, vamos mudar de assunto?

— Tudo bem. — Ela respirou fundo, claramente tentando se conter. Determinada. Sim, definitivamente ela era determinada. — Então, o que você acha de *jazz*?

— Eu gosto de *jazz*.

— Você parece um pouco surpreso.

— E estou. Talvez tenha sido o *show* ao vivo hoje, ou a companhia. — Ele deu um sorriso. — Mas eu realmente me diverti. Talvez eu tenha que sair e comprar um CD de *jazz*. Ou você poderia me emprestar alguns dos seus até que eu tenha certeza de que realmente gosto do gênero.

— Talvez — ela concedeu.

Eles chegaram ao prédio dela, e Logan encontrou uma vaga para estacionar meia quadra depois da entrada principal, parando o carro paralelamente ao meio-fio. Desligando a ignição, ele se virou para ela e perguntou:

— Então, você ainda está zangada comigo?

— Zangada? Por que eu estaria zangada? — Mas ela cruzou os braços sobre o peito. Ele pensou ter visto uma ponta de desafio na expressão dela.

Ele entrou no jogo. Assentindo, ele disse:

— Você está, mas, sabe, isto pode ser uma bênção disfarçada.

As sobrancelhas de Mallory se ergueram.

— O que você quer dizer, doutor?

— Todo mundo sabe que sexo para fazer as pazes é o melhor tipo. — Ele esperou um instante antes de erguer as sobrancelhas em resposta.

Mallory nem sequer sorriu.

— Você me parece cética.

E um pouco divertida. Os lábios dela haviam começado a tremer, apesar do esforço de parecer inabalável.

— Posso precisar que você me convença — ela disse.

Logan abriu a porta do carro e deu a volta até chegar ao lado dela. Ajudando-a a descer, ele disse:

—Vamos, então. Vamos começar.

CAPÍTULO OITO

— ENTÃO, QUEM é ele? — Vicki Storm perguntou.

As bebidas, as batatinhas de *tortilla* e uma tigela de molho tinham acabado de chegar à mesa que elas ocupavam no restaurante Tia Lenore, quando a melhor amiga e antiga colega de quarto de Mallory fez a pergunta. Vicki não era do tipo que fazia rodeios. Era uma das coisas de que Mallory mais gostava a respeito dela, mas não naquela noite. Por motivos que nem ela mesma conseguia explicar, Mallory não tinha contado à amiga sobre Logan.

— Quem é quem?

— O homem que a está mantendo tão ocupada, que você não cancelou um, mas dois dos nossos encontros para tomar *margueritas*. E hoje não conta como uma noite de *margueritas*, não mesmo. — O nariz da amiga se franziu. — Você está bebendo água mineral!

— Eu não estava a fim de tequila hoje. — A verdade era que molho apimentado não estava no topo de sua lista, também. Ela andava lutando com um caso complicado de indigestão na última semana.

Quando um silêncio se seguiu, Vicki ficou impaciente.

— E então?

Vicki trabalhava como projetista de interiores, decorando as coberturas palacianas e as casas de campo de algumas das pessoas mais ricas da cidade. Ela era muito boa na profissão. Realmente talentosa, de fato. Mas Mallory ainda achava que ela devia ter estudado jornalismo. Ela seria uma repórter dos diabos. Ou uma detetive formidável no departamento de polícia de Chicago.

— O nome dele é Logan, está bem?

— Ele tem um segundo nome, ou isso é algum tipo de relacionamento maluco via *Internet*?

O momento da verdade havia chegado.

— Bartholomew.

— Logan Bartholomew. — Os olhos da amiga se arregalaram. — O doutor gato do programa de rádio?

— Ele mesmo. — Mallory não pôde evitar o sorrisinho satisfeito que acompanhou suas palavras.

— Tem um anúncio promovendo o programa dele no meu ponto de ônibus. Ele é tão lindo em pessoa, ou usaram o *Photoshop* na foto para alcançar aquela perfeição masculina?

— Ele é lindo mesmo. — As palavras saíram com um quase suspiro.

Vicki assobiou por entre os dentes.

— Bem, não é de admirar que você tenha saído de órbita. Quando isso aconteceu? Como? Onde? Por quê? Etc. E nem pense em omitir detalhes — a amiga advertiu Mallory, apanhando uma batatinha do prato no centro da mesa e mergulhando-a na tigela de molho.

— Nós estamos saindo juntos há umas seis semanas — Mallory começou, usando o dedo indicador para seguir o rastro de uma gota de condensação em seu copo de água gelada.

— Oh-oh.

Ela levantou o olhar abruptamente.

— O que foi?

— É sério, não é?

— Nós só estamos saindo juntos. — Mallory deu de ombros.

Vicki não pareceu convencida.

— Então, me fale sobre esse gato famoso com quem você está só saindo.

Sem dúvida, sua amiga estava se arrependendo do pedido quando, meia hora depois, Mallory terminou seu monólogo. Ela não tinha sido capaz de se controlar. Nem tinha sido capaz de evitar sorrir o tempo todo.

Não foi surpresa quando Vicki se encostou à cadeira, com uma exclamação:

— Eu acho que preciso de outra bebida. Nunca ouvi você falar de nenhum cara do jeito que você fala desse.

Mallory cruzou os braços.

— Ora, me desculpe se entediei você.

— Você sabe que não fez nada disso. Infelizmente, com o estado da minha atual vida amorosa, ouvir a história da sua é muito mais excitante. — A amiga suspirou de novo.

— E aquele contador, o John?

— Jerry. E eu descobri que ele é casado.

— Sinto muito, Vicki. Quer conversar sobre isso?

— Obrigada, mas nós vamos guardar os meus problemas com homens para a nossa próxima noite de *margueritas*. De volta ao meu ponto. Você namorou o Vince por quanto tempo, três anos?

— Tecnicamente, três anos e meio — disse Mallory, ignorando o molho e mastigando uma batatinha pura.

— Mesmo assim, sempre que nós saíamos juntas para tomar *margueritas* e conversas de luluzinhas, o nome dele raramente era mencionado — Vicki comentou.

— Vince era um idiota — Mallory disse, sucintamente.

— Fico feliz que você tenha percebido isso.

— O que havia para perceber? Ele me traiu. — Três palavras que diziam tudo, mas mal raspavam a superfície da dor que Mallory havia sentido quando aparecera no apartamento dele sem avisar em um sábado e havia dado de cara com a prova seminua da traição dele.

— Sim, mas ele era um idiota mesmo antes de pisar na bola — Vicki disse. — Ele era um profissional em se colocar sempre em primeiro lugar, e colocar você em último, e ainda por cima fazer você pensar que a ideia tinha sido sua.

Se fosse qualquer pessoa, exceto Vicki, dizendo aquilo, Mallory teria se sentido envergonhada. Mas, como era Vicki, ela fez uma careta.

— Detesto quando você está certa.

— E eu adoro o fato de você finalmente ter encontrado um cara legal, que abre a porta do carro para você e a leva em lugares que ele sabe que você acha interessantes.

— Logan é ótimo. Quanto mais tempo eu passo com ele... — Ela deu de ombros e sorriu.

— Você está amarrada.

A afirmação satisfeita da amiga fez com que Mallory se endireitasse na cadeira. *Amarrada* era apenas outro nome para uma emoção realmente grande.

— Oh, não. Não, não, não. — Ela sacudiu a cabeça. — Não estou amarrada.

Vicki piscou.

— O quê?

— Não posso estar amarrada.

Os olhos de sua amiga se estreitaram, e seu tom de voz ficou tenso.

— Mas você disse que já tinha decidido que Logan não representa uma história em potencial.

— E decidi. — De fato, Mallory havia desistido daquela ideia, deitada em sua cama com o telefone ao ouvido, escutando Logan falar e confessando alguns de seus demônios internos. — Eu vou achar outro modo de me libertar do inferno de escrever matérias sem graça.

Então, ela franziu o rosto. Era estranho, mas, durante as últimas semanas, sua carreira tinha deixado de ser o centro de sua existência. Ela estava muito concentrada em Logan. Não no homem em si, mas no relacionamento que se desenvolvia entre eles. Para ela, pelo menos, a coisa ia muito além do sexo.

Sexo... durante semanas... sem interrupção de...

Outro pensamento lhe ocorreu enquanto ela considerava aquele período de tempo, e ela sentiu uma onda de náusea invadindo-a. Mallory pressionou a mão em uma têmpora. A sala parecia girar. Ela desejou poder colocar a culpa na tequila, mas não havia bebido nada mais forte do que água gelada. E graças a Deus por aquilo, considerando o que ela estava pensando naquele momento.

— Oh, não — ela gemeu, e se encostou de vez na cadeira.

Os olhos de Vicki se arregalaram.

— Mal, você está bem? Você está branca como um fantasma.

Mallory sacudiu a cabeça.

— Não estou bem.

— Você vai passar mal? — Vicki olhou em volta, em pânico, procurando uma garçonete. — Vou pagar a conta e encontro você lá fora.

— Não, não. — Ela recusou a sugestão, embora um pouco de ar fresco não fosse lhe fazer mal.

— Não estou doente, Vicki. Estou... estou...

Sua amiga se inclinou para frente.

— Você está o quê, querida?

Grávida? Apaixonada?

Ela não conseguia dizer nenhuma das duas palavras em voz alta. Em vez disso, ela murmurou:

— Eu acho que posso estar indo na direção de “amarrada”.

MAIS TARDE, naquela noite, sozinha em seu apartamento, ela leu o mostrador no teste de gravidez que comprara no caminho para casa. Ela ia realmente ter um bebê. O bebê de Logan. Sentada na tampa fechada do vaso sanitário, ela respirou fundo. Estava morrendo de medo e excitada, fora da razão.

Ela estivera fisicamente atraída por Logan desde o começo, mas já fazia algum tempo que suspeitava que havia muito mais em jogo. Talvez fosse por esse motivo que ela não havia contado nada a Vicki, ou a qualquer outra pessoa, sobre o relacionamento. Ela não estava preparada para enfrentar o que estava acontecendo.

Seu coração estava correndo um risco, o mesmo coração que os outros homens em sua vida, aqueles realmente importantes, tinham o hábito de quebrar.

Agora, havia mais em risco do que simplesmente seu coração. Como Logan iria se sentir quando ela lhe contasse que ele iria ser pai?

LOGAN ASSOBIAVA enquanto terminava seu dia de trabalho na emissora. O seu programa, *Doutor Sabe Tudo*, havia terminado uma hora antes, com um ótimo momento profissional. De vez em quando, ele sentia que realmente estava fazendo algum bem para os outros. Uma ouvinte havia telefonado para falar sobre o recente comportamento estranho de sua mãe idosa. Infelizmente, o caso parecia se tratar dos primeiros sinais de demência, embora também pudesse ser um efeito de medicamentos ou até mesmo uma deficiência de vitaminas. Fora do ar, ele continuara na linha com ela, sugerindo uma lista de perguntas que a mulher deveria fazer ao médico da mãe.

Talvez ajudar as pessoas que sentiam que não tinham mais ninguém a quem recorrer fosse tão importante quanto atender pacientes em uma clínica particular. Talvez ainda mais importante.

Tudo o que ele tinha a fazer antes de ir aproveitar o fim de semana era terminar algum trabalho burocrático e responder à correspondência dos fãs. Logan fazia questão de limpar sua caixa de *e-mails* ao final de cada semana, e selecionar algumas mensagens de ouvintes que não haviam conseguido falar com ele no ar, para discutir no segmento “caixa do correio” do programa, toda segunda-feira.

Enquanto ele lia os *e-mails*, entretanto, seus pensamentos estavam voltados para Mallory. Eles tinham planos para aquela noite. Não havia nada de especialmente novo naquilo. Eles passavam algum tempo juntos quase todos os dias, se encontrando para almoçar, saindo para jantar, indo velejar ao cair da noite no *Tangled Sheets*. Ele parecia não se cansar dela. E nem queria. Quanto mais tempo ele passava com aquela mulher, mais tempo queria passar com ela. Ela era uma das pessoas mais fascinantes que ele já conhecera. Tantas camadas. E ele estava adorando descobrir cada uma e ver o que era revelado.

Seu interesse não era o de um psiquiatra, embora seu treinamento médico tornasse mais fácil entender por que ela podia ser tão confiante em alguns aspectos de sua vida e tão terrivelmente vulnerável em outros. Se algum dia ele se encontrasse com o pai dela (não que parecesse que havia muita chance daquilo acontecer), Logan achava mais provável que fosse dar um murro no queixo do homem do que apertar a mão dele. Aquilo dizia muita coisa, porque ele geralmente condenava a violência e a considerava como uma substituição pobre para o diálogo civilizado. Mas, se ele tivesse dez minutos a sós com Mitchell Stevens, Logan faria bom uso de seus punhos.

Divorciado ou não, que tipo de homem abandonava seus filhos e deixava de apoiá-los, não apenas financeiramente, mas também emocionalmente? Talvez por causa da forma amorosa com que fora criado, Logan achava aquilo inconcebível e imperdoável. Ele sofria por Mallory, e detestava o dano que uma rejeição tão básica havia causado na psique dela. Mas seu interesse nela não era o de um médico ou terapeuta. Seu interesse em Mallory era puramente o de um homem... Um homem que estava tendo uma dificuldade tremenda de manter as próprias mãos sob controle.

O único obstáculo para sua total paz de espírito era que ele ainda não confiava nela. Não totalmente, e sem reservas. Ele precisava acreditar que o único motivo para Mallory se envolver com ele era pessoal. Ele quase acreditava. Quase.

A hesitação dele tinha menos a ver com a reputação dela, da qual sua agente lhe lembrava todos os dias ao telefone, do que com o seu próprio passado. Quase uma década depois da declaração-bomba de Felicia, de que ela estava saindo com outro homem e iria deixá-lo, seu coração finalmente estava curado. Estava perfeitamente inteiro agora, cada fissura fechada. Não era de surpreender que ele quisesse mantê-lo daquela forma. Mas

relacionamentos, pelo menos os sérios e de longo prazo, exigiam que se corresse um risco. Logan não tinha certeza de que estava pronto, mesmo que aquilo fosse exatamente o que aconselhava alguns de seus ouvintes apaixonados a fazerem, regularmente.

Como no caso de Emily, de Elmhurst, cujo *e-mail* estava aberto na tela do computador dele, naquele momento.

Caro doutor,

eu estou saindo com o meu namorado atual há quase um ano. Eu classificaria o nosso relacionamento como sério, embora ele ainda não tenha falado em casamento. Nós dois estamos na casa dos trinta, e ambos sofremos com rompimentos dolorosos no passado.

A minha preocupação é a seguinte: eu ainda não conheci a família dele. Eles moram perto de nós, e ele os visita regularmente, mas eu nunca fui convidada.

Ele pode estar tentando me dizer alguma coisa com isso?

“Confronte-o sobre o problema, mas sem hostilidade. Discuta a situação com calma”, Logan escreveu. “O seu namorado pode não achar o relacionamento tão sério quanto você, ou pode haver algo completamente diferente causando a hesitação dele. Algo como...”

Ele franziu a testa diante do computador, enquanto sua própria experiência era justaposta à do namorado de Emily. Ele entendia a hesitação do homem. Ele o compreendia completamente.

Logan não havia apresentado uma mulher à sua família desde seu rompimento com Felicia. Eles haviam aceitado sua ex-noiva e a amado, e, quando ela o traía, eles se sentiram traídos também.

Então, da mesma forma como ele havia resguardado seu coração durante todos aqueles anos, era cuidadoso com os deles.

Ele estava pensando nas palavras que usaria para aconselhar Emily, um conselho que ele não tinha certeza de estar preparado para dar, quando seu celular tocou. Era seu irmão.

— Finalmente — disse Luke, ao ouvir a voz de Logan. — Você é um homem difícil de encontrar, ultimamente. Se não fosse por ouvir sua voz no rádio, eu poderia achar que algo de ruim tinha acontecido a você.

— Desculpe. Eu recebi as suas mensagens. — Luke havia deixado três na última semana. Nenhuma parecia urgente, ou Logan as teria respondido imediatamente. — Eu ia telefonar para você hoje.

— Eu tentei falar com você dia e noite. Por onde você andou?

— Por aí.

A resposta monossilábica de Logan provocou uma gargalhada do outro lado da linha.

— Não brinca. — Luke já havia se controlado o suficiente quando perguntou: — Está tudo bem?

— Melhor do que bem, na verdade.

— Humm. — Mais gargalhadas se seguiram. — Então, como ela é?

— Muito engraçado. — Logan se esquivou da pergunta. — Existe um motivo para este telefonema?

— Além da minha preocupação com o bem-estar do meu irmão mais velho, você quer dizer?

Pouco menos de quinze meses os separavam em idade. Quando eram meninos, os dois brigavam sem parar. Depois de homens, tinham se tornado melhores amigos.

— É, além disso — ele respondeu fingindo seriedade.

— Certo. Preciso da sua opinião culinária. Embora você nunca seja capaz de chegar aos meus pés na cozinha, eu confio no seu julgamento.

— Puxa, obrigado. — Logan se recostou na cadeira e começou a desenhar no bloquinho de mesa com sua caneta. — Sobre o quê, exatamente?

— Quero expandir o cardápio do Grill — Luke respondeu, referindo-se ao seu restaurante. — Nós oferecemos uma variedade excelente na hora do almoço. O público eclético que atraímos reflete isso. Mas o movimento cai significativamente de noite. Os mesmos clientes que nos visitam lealmente ao meio-dia por causa dos nossos sanduíches, sopas e saladas, esquecem de nós completamente depois que o sol se põe.

— Os negócios estão indo mal? — Logan perguntou. Com a economia do jeito que estava, vários estabelecimentos que dependiam das rendas supérfluas das pessoas estavam com dificuldades. Se Luke precisasse de dinheiro para se aguentar até que as coisas melhorassem, Logan lhe ofereceria. Sem perguntas feitas e sem cobranças. Eles eram família.

— Eu não classificaria como indo mal — Luke afirmou. — Nós estamos nos virando bem, graças ao movimento no restaurante e de pedidos de entregas na hora do almoço, mas poderíamos contratar alguns dos meus garçons em expediente inteiro se tivéssemos um público melhor no jantar.

Logan colocou a caneta de lado e esfregou o queixo.

— Então, em que tipo de pratos você está pensando?

— Nada cinco estrelas.

— O seu estabelecimento é muito casual para isso — Logan concordou, pensando no interior confortável do Grill. O restaurante não tinha toalhas de linho, candelabros ou talheres sofisticados, mas, com seus pôsteres *vintage* emoldurados e pratos de cerâmica de cores vivas, dificilmente estava no mesmo nível de uma cadeia de *fast-food*.

— Exatamente. Eu tenho alguns pratos de massa que acho que teriam um apelo mais amplo, e estou pensando na ideia de um especial com peixe, para aproveitar nossa proximidade do lago.

— Parece uma ideia interessante. E que tal frango ou carne?

— Eu incluí frango à caçarola no quadro de pratos do dia no jantar semana passada, e deu certo. Carne? — Luke respirou fundo. — Com exceção dos meus hambúrgueres, eu não me decidi ainda.

— Eu tenho algumas ideias.

— Era isso o que eu estava esperando. Então, você acha que pode testar algumas receitas e me dar alguns conselhos? — Luke perguntou.

— Claro. Eu ficaria feliz. É só dizer quando e onde.

— Hoje, no restaurante. Lá pelas oito. O movimento do jantar já vai ter diminuído a essa hora.

— Hoje? — O coração de Logan se apertou. Ele e Mallory tinham feito reservas em um restaurante exclusivo, cujo proprietário era um *chef*-celebridade. Eles tinham levado quase duas semanas para consegui-las.

— Eu já tenho planos para hoje.

— Está tudo bem — disse Luke. Não havia decepção na voz do irmão.

— Fico feliz que você compreenda.

— Oh, é claro. Sem problemas. Não me importo se você levá-la também. Só tenha certeza de que ela esteja com fome.

— Luke — Logan começou, mas já estava falando com um telefone mudo.

MALLORY ABRIU a porta do apartamento naquela noite vestindo um vestido preto “tomara que caia”. A faixa de cetim que lhe envolvia a cintura fazia com que ela parecesse um presente, que Logan estava ansioso para abrir.

Depois de segurar o fôlego, ele disse:

— Olhe só para você.

— E olhe só para você. — Ela abaixou o olhar. Logan havia se esquecido completamente do *jeans* e da camiseta que usava. — Parece que um de nós não recebeu o memorando. Da última vez que eu chequei, o Romeo exigia traje formal.

— E exige. — Ele fez uma careta. — Houve uma mudança de planos. Eu deveria ter telefonado, mas... — Ele deixou as palavras se desvanecerem.

O olhar dela se fixou em um ponto à esquerda do ombro dele.

— Você está cancelando o nosso encontro — ela arriscou.

Aquele tinha sido o plano original dele, e ele ainda poderia segui-lo. Mallory estava lhe oferecendo uma saída, já esperando que ele a desapontasse. Será que ele realmente pensara que os problemas de confiança eram unilaterais?

— Não exatamente.

A ruga apareceu novamente entre os olhos dela, enquanto ela continuava a olhar fixamente para a parede. Ela parecia um pouco pálida, ele pensou. E a vulnerabilidade que ela tentava esconder fez uma reaparição.

— O que isso significa?

— Eu prometi ao meu irmão que iria ao restaurante dele esta noite. Ele está pensando em adicionar alguns itens ao cardápio do jantar, e quer a minha opinião. — Ele engoliu em seco. Uma vez que o convite fosse feito, não haveria caminho de volta. Era aquilo o que ele queria, que ela conhecesse um membro da família dele? Ele respondeu a pergunta fazendo uma para ela: — Você vem comigo?

Mallory o encarou.

— Logan, você tem certeza? Eu vou entender perfeitamente se você quiser ir sozinho.

E entenderia. Ela entenderia a fuga dele, porque já estava miseravelmente acostumada com esse tipo de coisa. Logan se esqueceu de resguardar seu coração. Era o dela que precisava ser protegido.

— Venha comigo esta noite, Mallory. — Ele tomou a mão dela. — Por favor. Eu quero você lá comigo.

O sorriso que iluminou o rosto dela quase acabou com ele.
— Tudo bem. Só me dê um minuto para trocar de roupa.

CAPÍTULO NOVE

O BERKLEY GRILL ficava em uma localização nobre, a poucas quadras do Navy Pier. Logan conseguiu encontrar um local para estacionar em uma rua próxima ao restaurante. Enquanto ele acompanhava Mallory até a porta, seus nervos estavam agitados. Ele estava ansioso a respeito de apresentá-la a seu irmão. Luke gostaria dela, e vice-versa, mas ele esperava que nenhum dos dois entendesse a situação de forma errada.

Um passo para dentro do restaurante lotado, e Logan soube que seu irmão havia entendido tudo errado. O Grill tinha pouco espaço, comportando não mais do que 20 mesas e meia dúzia de pequenos sofás privados. Quase todos os lugares estavam ocupados, incluindo a mesa perto da porta da cozinha. Nela, estavam sentados seu pai, sua mãe e sua irmã, Laurel.

Que Deus o ajudasse. Que Deus o ajudasse, e a Mallory também. Ele poderia ter ficado tentado a agarrar a mão dela e sair correndo pela porta, mas sua mãe já estava se levantando e acenando para eles.

— Logan, aqui! — A voz dela podia ser ouvida sobre o ruído da conversação e da música de fundo.

Mallory lançou um olhar questionador para ele.

— Parece que os meus pais vieram, também. — Ele teve que limpar a garganta antes de completar: — E a minha irmã.

— Aparentemente, o seu irmão quer que eles experimentem algumas receitas, também.

Mas o sorriso forçado dela lhe dizia que ela estava entendendo tudo. O clã Bartholomew havia se reunido para formar opiniões, mas elas não tinham nada a ver com os novos planos de cardápio para o Grill.

— Se você não quiser ficar, eu vou entender — Logan começou. — Nós podemos parar em algum outro lugar para jantar.

— Eu não tenho nenhum problema em conhecer os seus pais. — A linha reapareceu entre as sobrancelhas dela. — Mas talvez não seja isso que você quer dizer. Talvez você não queira que eles me conheçam.

— De forma geral, eu não apresento as minhas namoradas para a minha família — ele admitiu, e observou a linha se aprofundar e formar uma ruga.

— Tudo bem. — Ela começou a caminhar na direção da porta, mas ele lhe segurou a mão, puxando-a para perto.

— Você não me deixou terminar. Eu disse, de modo geral eu não apresento as mulheres com quem eu saio para a minha família, mas eu quero que eles a conheçam, Mallory.

Ele a observou engolir em seco.

— Você quer?

Ele sentiu um pouco de medo, porque foi sincero ao responder:

— Sim.

A ruga desapareceu e um sorriso iluminou os olhos dela. Ela estava tão linda naquele momento que ele precisou se controlar para não tomá-la nos braços e beijá-la.

— Eu quero conhecê-los, também.

— Ótimo. — Ele apertou a mão dela, sorrindo. — Mais tarde, quando eles ainda estiverem roendo os seus ossos, lembre-se de que eu lhe ofereci uma saída.

— Eu não me importo com perguntas. Sou uma repórter.

— Tome notas, então. Minha mãe vai fazer você parecer uma amadora.

Mallory caminhou de mãos dadas com Logan pelo restaurante. Exteriormente, ela sabia que estava apresentável. Por dentro, ela estava uma pilha de nervos. A família de Logan. Ela estaria preparada para aquilo? Ela não podia nem imaginar o que eles iriam pensar dela.

Ela engoliu em seco e se lembrou da fotografia de Logan e Felicia. Mesmo em um preto e branco granulado, a beleza clássica da outra mulher era inegável. E a sua origem combinava muito mais com a posição social dos Bartholomews. Logan insistia que achava Mallory linda, um fato que ajudava muito a melhorar sua autoconfiança agora, mas ela sabia que era um diamante bruto, comparada com a pedra polida que era Felicia. E o que era pior, embora logicamente ela soubesse que ninguém poderia dizer que ela estava grávida, Mallory ainda se sentia como se tivesse um luminoso de neon em sua testa que dizia: Gestante.

Mallory já tinha estado no Berkley Grill antes, embora nunca de noite. O lugar estava lotado de clientes: famílias, casais, amigos que se encontravam para um lanche rápido, turistas debruçados sobre mapas do transporte

público. As únicas pessoas em quem ela estava prestando atenção também a estavam observando, não muito sutilmente.

QUANDO ELES chegaram à mesa, Logan deu um beijo no rosto de sua mãe, apertou a mão de seu pai e deu uma piscadela para sua irmã.

— Olá, todo mundo, eu tenho alguém que gostaria de apresentar a vocês. — A mão dele estava nas costas de Mallory, a pressão firme e reconfortante. — Esta é Mallory Stevens. Mallory, estes são os meus pais, Douglas e Melinda Bartholomew, e a minha irmãzinha, Laurel.

— Irmãzinha — bufou Laurel. — Eu tenho 32 anos. Como mamãe gosta de enfatizar, meu relógio biológico está virando uma bomba-relógio a cada dia que passa.

Logan deu de ombros.

— Até você se formar na faculdade e ter um diploma real, sair da casa da mamãe e do papai e conseguir um emprego remunerado, eu vou chamá-la de irmãzinha.

— Prazer em conhecê-la, Mallory — a jovem apertou a mão dela antes de continuar —, ainda que eu questione o seu gosto em homens.

— Laurel! — Sua mãe lhe disse com tom sério, antes de voltar sua atenção para Mallory. Embora o sorriso da mulher fosse amável, Mallory ainda se sentia como se estivesse sob a mira de um atirador de elite. E com bons motivos, ela decidiu, quando Melinda disse:

— Nós não sabíamos que o nosso filho estava saindo com alguém até que o irmão dele nos telefonou esta tarde e mencionou que Logan e sua namorada estavam vindo ao restaurante.

Namorada. O título espocou na mente de Mallory com a efervescência surpreendente de bolhinhas de champanhe. Ela quis se virar e tentar observar a reação de Logan. Talvez aquilo lhe oferecesse uma pista de como ele iria se sentir quando ela lhe contasse sobre o bebê. Mas ela não se atreveu. Não com aquele público atento.

— Ela não vai querer me ver de novo, se vocês não pararem de interrogá-la — ele comentou, bem-humorado.

— Nós não a estamos interrogando. Ainda — seu pai completou, em um tom comicamente ameaçador. Douglas indicou a cadeira vazia ao seu lado. — Sente-se aqui perto de mim, Mallory.

— Eu tentei avisá-la — ela ouviu Logan resmungar, antes de se sentar em uma cadeira entre sua mãe e sua irmã.

Mallory achou a família dele... interessante. Meia hora na companhia deles, e ela ainda não conseguia formar uma opinião. Usualmente, ela era boa em analisar pessoas, mas, como Logan, o resto do clã Bartholomew não se encaixava em nenhuma de suas ideias preconcebidas. Por exemplo, eles eram ricos, mas não exibiam seu *status*. Passando por eles na rua, ninguém diria que eles estavam entre as famílias mais ricas do país. Os dedos de Melinda tinham apenas dois anéis, uma aliança de casamento elegante em sua mão esquerda e o que Mallory imaginou ser um presente de dia das mães, por causa do trio de pedras preciosas de aniversário, na mão direita. Melinda era uma mulher adorável, mas não abertamente vaidosa. Seus cabelos escuros estavam ficando grisalhos na frente, e as linhas finas ao redor de seus olhos se transformavam em rugas mais profundas quando ela sorria ou gargalhava. Nada de *Botox* para ela.

Os cabelos de Douglas eram uma mistura de louro-escuro e grisalho. Tinham um ondulado natural, como os de seu filho, embora ele usasse um estilo mais curto e mais formal. Seu corpo não era tão atlético quanto o de Logan, mas ele não estava nada fora de forma. Na verdade, embora ele estivesse no final da casa dos sessenta, ainda podia virar a cabeça das mulheres. Mas estava claro, de forma comovente, que ele só tinha olhos para Melinda, sua esposa, havia 40 anos.

Como seu pai e seu irmão mais velho, Luke podia virar cabeças femininas. Ele era mais alto do que Logan, e tinha uma constituição mais forte. Seu sorriso era fácil e simpático. Ele saíra da cozinha pouco depois da chegada deles, e se desculpara por mantê-los esperando. O movimento estava mais intenso do que o esperado, e eles estavam sem uma das garçonetes. Levaria um pouco de tempo até que ele pudesse se juntar a eles. Ele trouxera mais vinho e uma bandeja de aperitivos.

Mallory imaginou se Logan teria notado que ela não havia tocado na taça que ele havia servido para ela mais cedo. Antes de voltar para a cozinha, Luke havia sorrido para Mallory e erguera as sobrancelhas na direção de Logan.

Quanto a Laurel, ela era um tanto enigmática. Tinha herdado os cabelos escuros e as maçãs do rosto altas de sua mãe, os membros compridos de seu pai, e nada do tato deles. Ela observava Mallory com uma curiosidade

aberta, e com certo ceticismo que fazia com que Mallory escolhesse as palavras cuidadosamente sempre que falava.

Mesmo assim, ela estava se divertindo. A família de Logan ajudava a explicar muita coisa sobre ele: seu sorriso fácil, por exemplo, e sua natureza autoconfiante. Ambas as características vinham de uma vida inteira de amor e apoio de seus pais. Como ele era um psiquiatra, ela imaginava que ele entendesse o efeito que essas coisas têm sobre uma pessoa, mas também se perguntava se ele era tão grato por sua boa sorte quanto ela sentia inveja disso. Mesmo agora, o amor da mãe de Mallory permanecia manchado pela amargura de ter de criá-la sozinha. Quanto a apoio, a felicidade e satisfação de Mallory vinham sempre em segundo lugar, depois do desejo de sua mãe de assegurar que ela fosse independente e autossuficiente.

— Então, o que você faz, Mallory? — Melinda perguntou. — Você trabalha na emissora, também?

— Não. Eu sou repórter, trabalho no *Herald*.

— Repórter. — As sobrancelhas de Douglas se ergueram e ele assobiou por entre os dentes.

— No *Herald*, você disse? — Laurel perguntou. Algo nos olhos dela colocou Mallory em alerta.

— Isso mesmo — ela disse, lentamente.

— Você cobre política — disse a irmã dele.

— Eu cobria.

— Agora Mallory trabalha na seção de *Estilo de Vida* — Logan interrompeu. — Foi assim que nós nos conhecemos. Mallory me entrevistou para uma matéria sobre um discurso que eu fiz.

— Ser uma repórter parece uma carreira bem excitante — disse Melinda. — Eu imagino que você tenha conhecido muitas pessoas interessantes no seu trabalho.

— Conheci, sim — ela concordou.

— Eu, por exemplo — disse Logan, provocando gargalhadas que ajudaram a dissipar a tensão de Mallory. Que voltou com força total quando Laurel disse:

— Me parece uma mudança estranha, deixar de cobrir a política da cidade para escrever matérias especiais de estilo de vida.

— Laurel — o tom de Melinda era reprovador —, você está sendo indelicada.

A jovem deu de ombros.

— Não pretendi ser rude. Só acho estranho. — O olhar dela encontrou o de Mallory. — O que fez você ser transferida? Se você não se importa que eu pergunte — ela completou, provavelmente para acalmar sua mãe, cujos olhos estavam soltando faíscas. Quanto a Logan, ele parecia querer torcer o pescoço da irmã.

Mallory não se importava de ser colocada na berlinda, embora admirasse a técnica de Laurel, de atacar direto na garganta. Objetividade deveria ser respondida com honestidade. Evasão apenas causaria mais perguntas.

— As matérias especiais, como você bem observou, não são o meu forte. — Ela olhou para Logan. — Embora eu deva admitir que escrever algumas delas tenha sido inesperadamente recompensador. — Ele sorriu, e aquilo lhe deu coragem. — A verdade é que eu não pedi para ser transferida do meu posto na prefeitura. Eu fui removida dele. Cometi um erro. — Admitir aquilo na frente de Logan não era tão constrangedor quanto Mallory achou que seria, talvez porque seu trabalho não fosse mais o epicentro de sua vida.

— Houve um processo — Laurel murmurou, embora seu tom de voz deixasse claro que ela não estava a par dos detalhes. Mallory decidiu esclarecê-los agora.

— Sim. Um processo grande, que custou uma fortuna ao jornal, por causa de um acordo no tribunal. E foi minha culpa. Eu recebi uma informação sobre uma suspeita de corrupção, de alguém que eu acreditava ser uma fonte confiável. Eu publiquei a história, embora devesse ter checado os fatos com outras fontes. E usei uma citação do prefeito, que me foi fornecida por um de seus assessores.

Ela estivera tão ansiosa para ser a primeira a publicar a notícia, especialmente quando sua fonte afirmara que repórteres de outras agências estavam investigando o fato. Mas fora uma tola em acreditar nele, e fora feita de idiota quando ele afirmara, sob juramento durante um depoimento, que nunca tinha dito as coisas que Mallory alegara. Ela não tinha gravações das conversas, apenas anotações feitas apressadamente. Era a palavra dela contra a dele, e, embora o seu editor a tivesse apoiado, a falta de outras fontes e a sua insistência em publicar a notícia haviam selado o seu destino.

— Eu deixei a ambição passar por cima do meu julgamento — ela completou.

— Isto acontece com todo mundo de vez em quando — Douglas concedeu com um gesto de simpatia.

Melinda foi mais direta.

— E você obviamente pagou pelo seu erro.

Mallory riu, sem humor.

— O meu editor não viu as coisas desse jeito. Mas eu acho que não posso culpá-lo, já que ele foi parar no banco dos réus junto comigo. — Barry Daniels tinha conseguido manter sua posição de editor, mas, pelos termos do acordo, o *Herald* fora obrigado a publicar um pedido de desculpas e uma retratação na primeira página. Não podia ficar muito pior do que aquilo, para um jornalista.

— Ele não pode estar muito zangado com você. Você ainda tem um emprego — Laurel comentou. A expressão no olhar da jovem dizia que ela se arrependia de ter aberto aquela caixa de Pandora.

Estranhamente, Mallory estava quase feliz por Laurel tê-lo feito. Ela olhou para Logan. Além de contar a ele sobre o bebê, havia outras coisas que precisavam ser ditas, confissões a serem feitas. Não era nem a hora, nem o lugar certos, mas ela se sentiu obrigada a admitir:

— Eu tenho tentado voltar às boas com ele, lembrá-lo das minhas habilidades em produzir uma boa história, mas é difícil pensar em alguma coisa digna da primeira página, quando as minhas pautas não são nem de longe tão interessantes quanto as matérias que eu escrevi como caloura para o jornal da faculdade.

— Eu não sei. Acho que me lembro de um ótimo artigo que você escreveu sobre aquele discurso que eu fiz no mês passado — ele provocou.

Sua mãe sorriu indulgentemente.

— Eu o recortei do jornal depois de lê-lo.

— Sim, e ainda está pregado no refrigerador — Laurel interrompeu, rolando os olhos.

— Da mesma forma que a carta anunciando que você entrou na lista “A” do reitor no semestre passado — Melinda lembrou a ela. — E da mesma forma que a cotação de cinco estrelas que um crítico de gastronomia deu para o hambúrguer de cogumelos de Luke. — Para Mallory, ela confidenciou: — Eu não acredito em favoritismo. Tenho orgulho de todos os três.

Era óbvio que ela sentia mesmo orgulho dos três. Eles podiam ser todos adultos, mas cada um era bem-sucedido de seu próprio jeito. E todos podiam contar com o apoio incansável de Melinda e Douglas. Sortudos, Mallory pensou novamente. Tão sortudos! Seu último telefonema para a mãe tinha sido cheio de cobranças e reclamações.

— Você deveria escrever mais artigos sobre Logan — disse Laurel. — As pessoas, e eu quero dizer as mulheres, adoram ler sobre ele. Ele é o solteiro mais cobiçado da cidade, ou uma bobagem do tipo.

O olhar de Mallory encontrou o dele, por cima da mesa. Ele estava sorrindo. O clima na mesa não estava mais tenso. Mas ela esperava que ele compreendesse o que ela quis dizer quando afirmou:

— Vou deixar as histórias sobre o seu irmão para outra pessoa escrever.

PASSAVA UM pouco da meia-noite quando Mallory e Logan saíram do Berkley Grill. Tecnicamente, o restaurante fechava às 11h, mas, mesmo depois que todos os clientes haviam saído e os funcionários haviam encerrado o expediente, os Bartholomews tinham ficado, bebendo vinho e café e beliscando a comida. Mallory havia se limitado a beber água, e evitara comer algo muito picante. Ela ficou impressionada com o serviço, e estava simplesmente abismada com a afeição que havia testemunhado. Com seu pai ausente e sua mãe amarga, ela havia se esquecido de que famílias poderiam ser assim: afetuosas e próximas. Será que o seu bebê teria essa sorte?

— Os seus pais são realmente ótimos — ela disse a Logan enquanto eles caminhavam de mãos dadas para o carro. — E o resto da sua família também.

— Você não vai me ver discutir esse assunto. Eu gosto até mesmo da minha irmãzinha, na maior parte do tempo.

— Ora, vamos, você a adora.

Ele deu de ombros.

— Nem é preciso dizer. Somos uma família.

— Não, na verdade é preciso dizer — Mallory objetou, pensando em seu pai. — O amor não é uma coisa automática, só porque alguém é seu parente.

— Você está certa. Não é.

— Várias vezes, esta noite, eu me vi pensando em como vocês têm sorte. Espero que vocês saibam disso.

— Eu sei. Eu sinto muito sobre o seu pai, Mallory. E sinto não apenas pelo que ele perdeu quando você era mais nova, mas pelo que ele está perdendo agora. — Eles haviam chegado ao carro, e agora estavam junto da porta do passageiro. Em vez de estender a mão para o trinco, Logan puxou-a para si. — Você é uma mulher maravilhosa — ele murmurou contra os cabelos dela.

Se ela já não soubesse que estava apaixonada por ele, teria percebido naquele momento. Ela ainda não estava certa sobre o que fazer a respeito de suas emoções, ou para onde o relacionamento deles estava indo, mas ela sabia de uma coisa, com certeza: ela e Logan precisavam conversar.

CAPÍTULO DEZ

LOGAN ESTAVA inclinado para frente, sentado no sofá de Mallory, seu pé direito batendo no chão de madeira polida enquanto ele esperava que ela retornasse da cozinha, onde estava servindo uma bebida para os dois.

Havia algo errado.

Ele havia sentido uma sensação estranha, que ia e vinha, durante toda a noite. Talvez ele a tivesse atribuído ao encontro com sua família, ou ao interrogatório constrangedor de sua irmã, mas Mallory andava agindo de um jeito esquisito mesmo antes de eles chegarem ao restaurante. E depois, no caminho para casa, ela dissera as palavras que nenhum homem queria ouvir:

— Eu preciso lhe contar uma coisa.

Ele imaginava que a bomba que ela iria lhe contar, e não tinha dúvidas de que o que ela estava reunindo coragem para lhe dizer ia abalar as suas estruturas, só podia ser uma de duas coisas. Ou ela estava se preparando para lhe contar que não queria vê-lo mais, ou iria dizer-lhe que estava se apaixonando por ele.

Logicamente, nenhuma das duas hipóteses era muito exagerada. Ela conhecera a família inteira dele naquela noite. As coisas estavam ficando mais sérias entre os dois, o que talvez assustasse Mallory o suficiente para que ela decidisse correr. Ou que talvez lhe desse a coragem de declarar a profundidade de seus sentimentos por ele. As duas possibilidades faziam a boca de Logan ficar seca.

Logan não queria perder Mallory. Ele podia não estar pronto para o que estava acontecendo entre eles, mas não era tolo. Aqueles últimos dois meses com ela haviam sido nada menos que espetaculares. Ela havia reacendido nele sentimentos que ele havia negado por muito tempo. Mas, amor? Era uma palavra grande, que tendia a levar a compromissos ainda maiores, e ele não estava certo de querer assumir um novamente.

— Aqui está o seu vinho — ela disse, sorrindo nervosamente, quando voltou. Ele percebeu que ela estava bebendo água. Tentando manter a

cabeça no lugar?

Ela lhe entregou a sua taça e colocou o copo na mesinha de centro. Antes de se sentar ao lado dele no sofá, ela tirou os sapatos e ajeitou os pés descalços sob o corpo. Mesmo assim, ela parecia tudo, menos relaxada.

Ele bebericou o vinho e esperou. Passaram-se alguns instantes antes que ela quebrasse o silêncio. Quando ela o fez, foi com o comentário amável:

— Eu realmente me diverti esta noite.

— Ótimo. Fico feliz. Eu me diverti, também.

— Vocês se reúnem com frequência? Como família, quero dizer?

Ainda que se perguntasse para onde aquela conversa estava indo, Logan assentiu.

— Não com tanta frequência quanto minha mãe gostaria, porque todos nós andamos muito ocupados ultimamente. Mas nós tentamos marcar um jantar de domingo na casa dos meus pais pelo menos uma vez por mês.

— E quem cozinha? — Ela inclinou a cabeça para um lado, com uma expressão quase melancólica no rosto. Era uma visão e tanto, levando em consideração que havia poucas semanas que sua agente usara o adjetivo “insensível” para descrever Mallory .

— Minha mãe, embora ela nos coloque a todos para trabalhar na cozinha quando precisa de ajuda.

— Até mesmo o seu pai?

— Principalmente o meu pai. — Ele riu.

— Que legal. — Ela sorriu e bebeu um gole d’água. — Eu tenho uma confissão a fazer. — Oh-oh, aqui vamos nós. — Eu pensei que, como seus pais estão bem de vida, eles teriam vários empregados.

Certo, aquela não era exatamente a confissão que Logan esperava que Mallory fosse fazer. Ele relaxou um pouco. Pensar em sua família costumava ter aquele efeito.

— Quando eu era garoto, nós tínhamos uma faxineira uma vez por semana, mas de modo geral minha mãe prefere cozinhar e fazer o que ela chama de “manutenção da casa”. — Desta vez, foi o sorriso dele que pareceu melancólico. — A minha mãe é a prova de que manter uma casa bonita e organizada, criar filhos e planejar as coisas para otimizar o tempo é uma arte.

— Ela já trabalhou fora?

Ele assentiu.

— Ela ainda trabalha. Depois de se aposentar do trabalho de contadora, ela começou a trabalhar como voluntária no Projeto Água Limpa.

— Já ouvi falar desse projeto. Ele promove responsabilidade ambiental, não é?

— Isso mesmo. A nova cor preferida da minha mãe é verde.

Como a conversa já estava começando a assumir as características de uma entrevista, ele decidiu fazer algumas perguntas, também.

— E a sua mãe? O que ela faz?

A expressão de Mallory não era mais melancólica.

— Bem, ela era a dona de casa e mãe perfeita, antes do divórcio. Ela costumava assar bolos maravilhosos aproveitando qualquer coisa que houvesse na cozinha. Era como uma Martha Stewart sem o talento empresarial. Muito meticulosa com a casa, com a limpeza, com a organização. Eu costumava pensar que era por isso que o meu pai ficava trabalhando até tarde com tanta frequência. Ele não queria ser repreendido sobre onde tinha deixado os sapatos ou por que tinha se esquecido de pendurar as roupas. — Ela sacudiu a cabeça e ele se perguntou se ela sabia como parecia triste, quando completou: — A verdade é que ele estava passando as noites com alguém que não se importava nem um pouco se ele deixava as roupas no chão do quarto.

— Eu sinto muito. — Ele já havia dito aquilo uma vez, naquela noite, a respeito do pai dela.

Ela sacudiu a cabeça de novo.

— Eu compreendo por que meu pai nos deixou. Foi errado, e não estou arrumando desculpas para o comportamento dele, mas compreendo. O que eu não entendo é que a minha mãe sabia, e tolerou a situação. Finalmente, foi ele quem acabou tendo que pedir o divórcio.

— Quer me parecer que, financeiramente, fazia sentido para ela continuar no relacionamento, ainda que as coisas não estivessem bem.

— Eu sei, mas... — Mallory deu de ombros — o meu último namorado me traiu. Eu terminei tudo assim que descobri. Eu não esperei por explicações. Não queria ouvir nenhuma.

— Ações falam mais alto que palavras — ele concordou.

— Eu sei a respeito da sua noiva.

Logan não estava esperando por essa. Era sobre aquilo que ela queria falar? Com um tom cauteloso, ele perguntou:

— O que você sabe?

— Que vocês dois estavam noivos e de casamento marcado, há uma década, e que a cerimônia seria no outono. Felícia se casou com outro homem, entretanto.

— A minha mãe lhe contou isso naquela hora em que eu me ausentei para ir ao banheiro?

Mallory tinha uma expressão embaraçada no rosto.

— Não. Eu fiz algumas investigações. Logo depois que você me convidou para velejar pela primeira vez. — Meras semanas haviam se passado, e parecia uma eternidade.

— Entendo — ele disse com a voz firme, embora sua pressão começasse a subir e seu coração a acelerar.

— Não, não acho que você entenda.

— Você queria uma história. — Desta vez, a voz dele não estava tão firme. Estava ríspida com a raiva, dirigida a ela, mas, na maior parte, a si mesmo. Quantas vezes a sua agente tinha lhe advertido que era aquilo que Mallory queria? E, ainda assim, ele tinha seguido em frente, ousadamente. No começo, ele pensara que sabia o que estava fazendo: mantendo os inimigos mais próximos que os amigos, toda aquela bobagem. Mas depois, quando as coisas entre Mallory e ele haviam mudado, se aprofundado, ele tentara se convencer de que ela não o usaria, não o trairia.

Bem, ele estava pagando pelo seu erro agora. Ele suspirou internamente, sentiu a faca do desapontamento cortar-lhe o coração. Ele tinha realmente pensado que podia separar a mulher de seu trabalho? Especialmente sabendo o quanto a carreira era importante para ela?

Ele não se importava, na verdade, que seu rompimento fosse do conhecimento do público. Toda a cidade de Chicago podia ler sobre aquilo e zombar do fato de que ele tinha sido feito de tolo. O que o incomodava, agora, era saber que Mallory havia saído com ele, dormido com ele, dito que as coisas que ele lhe contava eram extraoficiais, quando aparentemente ela o considerara como uma história o tempo todo.

— Logan...

Ele soltou um palavrão em voz alta, cortando as palavras dela.

— Isso é o melhor que você pode fazer? — ele perguntou. — Você mencionou esta noite que queria voltar às boas com os editores do jornal. Eu duvido que este seja o tipo de história que irá ajudá-la muito. Minha ex-

noiva me abandonou por outro cara. — Ele deu de ombros, mesmo que no passado aquele simples fato tivesse perfurado sua alma. — Não sou o primeiro homem a ter o coração partido.

— Eu sinto muito.

Logan terminou de beber seu vinho e colocou a taça de volta na mesa, antes de se levantar.

— O que você fez para descobrir isso? Pesquisou o meu nome num banco de dados, ou algo do tipo?

— Nada tão sofisticado. Eu só tive que procurar em algumas pastas de recortes do jornal.

Ele colocou as mãos nos bolsos da calça para esconder os punhos cerrados. Seu tom de voz era neutro quando comentou:

— Isso deve ter levado um bocado de tempo.

— Levou alguns dias.

— O que fez você procurar nessas pastas, em primeiro lugar?

Mallory deu de ombros.

— Você parecia, bem, perfeito demais para ser solteiro.

— Este é um comentário interessante.

— Interessante ou não, é verdade.

— E você não pôde resistir — ele retrucou.

— Eu...

— Não me entenda mal. Que homem não quer ser considerado irresistível? É só que eu preferiria ser chamado assim por motivos diferentes. Mas, afinal de contas, você é uma repórter. — Ele praticamente cuspiu a palavra. — Então... o quê? Você somou dois e dois, quando não encontrou um anúncio de casamento?

— Sim — Mallory limpou a garganta e esclareceu: — Bem, não para você.

— Ah. — Virando-se, ele tirou as mãos dos bolsos e afastou os cabelos da testa. Ele nunca se sentira tão zangado, ou tão exposto. A voz dele estava enganadoramente calma quando ele disse: — Você encontrou o anúncio do casamento de Felicia e... qual é mesmo o nome dele?

— Sinto muito — ela murmurou novamente.

Logan não tinha certeza se Mallory estava se desculpando por bisbilhotar em seu passado, ou pela dor que ele experimentara nas mãos de sua “ex”, uma dor que lhe parecia pequena em comparação ao que ele estava sentindo

agora. Ele não podia acreditar que, mais uma vez, havia acreditado nas mentiras de uma linda mulher.

Ele estava mais velho agora, mais experiente. Ou, pelo menos, pensara assim. Além de se sentir traído, ele se sentia como um perfeito idiota. Normalmente, ele era inteligente, astuto. Ele era um profissional treinado, com um diploma que levava anos para conseguir. Não lhe fazia muito bem descobrir que tinha um ponto cego, e que Mallory o percebera bem depressa.

Quando ela lhe dissera que eles precisavam conversar, Logan jamais imaginara ouvir aquela revelação em particular. Ele estava preocupado com desfechos, ou talvez novos começos, e aparentemente tudo o que ela queria era uma maldita entrevista. Bem, ele lhe daria uma.

— Então, e agora? — Ele precisou fazer um esforço para evitar que a amargura invadisse sua voz. — Do que mais você precisa para fazer com que essa história tão comum que você descobriu se torne algo publicável?

— Não é uma história.

— Não, não é ainda — ele concordou calmamente. — Você tem que adicionar o fato de eu estar questionando a minha atual carreira, e a informação sobre o contrato para o programa de TV, para dar mais apelo à matéria.

— Essas coisas todas foram ditas extraoficialmente — ela disse, parecendo espantada.

— Nós não concordamos sobre isso até que as revelações já tinham sido feitas. Tenho certeza de que isso representa algum tipo de vantagem em seu favor.

— Logan...

Ele desviou o olhar, determinado a não se abalar.

— Você quer uma citação minha?

— Não. Não! — ela gritou, e se levantou. Ele lhe deu pontos por parecer, ao mesmo tempo, sincera e indignada. — Eu não estou lhe pedindo uma maldita citação, Logan.

Longe de se sentir aliviado quando ela lhe deu essa notícia, ele se preparou para o pior.

— Por quê? Você já tem uma? Você entrou em contato com a minha agente?

Nina iria ter um ataque histérico na frente dele se Mallory tivesse telefonado para ela.

— Não.

— Felicia, ou a família dela, então? — Aquela possibilidade fez o estômago dele se contrair.

— Eu não falei com Felicia.

— Bem, sinto muito, mas não posso ajudá-la quanto a isso. Ela saiu da cidade não muito tempo depois do casamento, e nunca me mandou o endereço novo. Não tenho a menor ideia de onde ela mora atualmente, e não tenho contato nenhum com a família dela para perguntar isso. — Ele ergueu as sobrancelhas e esperou um instante antes de completar: — Por motivos óbvios.

— Na verdade, eu sei onde Felicia está.

A declaração direta de Mallory cortou o sarcasmo dele com a força e a eficiência de uma lâmina de machado. Depois, ele se sentiu totalmente exposto.

— Você... você sabe onde... onde Felicia... mas é claro que sabe. — Ele riu sem humor, enquanto tentava se controlar, e sacudiu um dedo na direção dela. — *Pitbull*. Claro, como eu poderia esquecer?

Mallory fez uma careta. No passado, ela havia apreciado aquela descrição. Que inferno, ela havia feito um grande esforço para ganhar aquela reputação. Mas estava envergonhada disso agora. Da mesma maneira que estava incomodada com a forma com que Logan estava olhando para ela, embora centenas de outras pessoas que ela havia entrevistado para artigos para o jornal tivessem olhado para ela exatamente do mesmo jeito: com total desprezo.

No passado, ela não havia se incomodado nem um pouco. O que lhe importavam as opiniões das pessoas sobre ela? Algumas delas, na verdade, a maioria delas, estava simplesmente recebendo o que merecia. Seus segredinhos sujos mereciam ser expostos, e o público tinha o direito de saber. Naquele momento, entretanto, nada, e certamente nenhuma história, era mais importante do que fazer Logan entender. Ele tinha que acreditar nela. Tinha que confiar nela.

Ele tinha que *perdoá-la*. Se não quisesse, ou não pudesse, como ela iria contar a ele sobre o bebê?

— Eu sei onde Felicia está, mas não entrei em contato com ela.

— Ainda.

— Pare com isso, Logan. Eu finalmente decidi parar de me subestimar. Não comece você, agora. — Quando havia tanto em jogo. — Eu não tenho a menor intenção de telefonar para Felicia, para conseguir um depoimento ou qualquer outra coisa.

Ele não disse nada, mas a tensão em seus ombros dizia a Mallory que ele não acreditava nela. Ela estendeu a mão para ele, mas ele estava longe demais... Fisicamente e emocionalmente. O coração que ela se esforçara tanto para proteger e impedir que se quebrasse começou a mostrar as primeiras fissuras e a doer.

Ela insistiu.

— Você não estava ouvindo hoje no restaurante quando eu lhe disse que não escreveria nenhuma história que o envolvesse?

— Por quê? — ele perguntou.

— Eu acho que você sabe.

— Pois solete, Mallory. — O tom dele estava pouco acima de um sussurro quando ele fez a exigência. — Seja bem clara.

— Existem várias razões. Uma delas é que fazer isso seria um conflito de interesses.

A testa dele se franziu enquanto ele a examinava, e ele cruzou os braços sobre o peito.

— Um conflito de interesses? Como assim?

— Não é óbvio?

— Eu lhe disse para ser clara — ele lembrou a ela, embora nem seu tom nem sua postura fossem tão rígidos quanto um momento antes.

— Eu... eu... — era uma palavra grande, que definia uma emoção ainda maior. Ela deu um passo hesitante na direção dele, reunindo a coragem quando ele não recuou. — Eu amo você, Logan.

Ele não disse nada inicialmente, mas piscou algumas vezes e engoliu em seco. Ela estava certa de que o havia surpreendido com aquela declaração, e, embora quisesse ouvi-lo dizer a mesma coisa, Deus, como queria aquilo, ela sabia que não era justo colocá-lo contra a parede.

— Eu não espero que você diga qualquer coisa agora. Eu só... — ela torcia e retorcia as mãos. — Eu só queria que você soubesse.

— Há algo mais que você quer que eu saiba?

Estou esperando um filho seu.

Mas ela decidira manter aquela informação confidencial. Compartilhá-la agora, com aquela outra grande questão não resolvida entre eles, iria apenas complicar as coisas. Mallory sacudiu a cabeça.

— Quando convidei você a ir comigo ao restaurante esta noite, posso honestamente dizer que não esperava que as coisas fossem terminar desta forma — ele disse, depois de um instante.

— Não. — Ele estaria dizendo adeus? Nem sua expressão nem sua linguagem corporal davam uma dica sobre sua intenção.

— Sinto muito, Mallory.

Não era exatamente aquilo que ela esperava ouvir. Com os braços cruzados na cintura, como se protegesse a vida que crescia dentro dela da rejeição, ela se preparou para a despedida.

— Está tudo bem. — As palavras lhe custaram um grande esforço.

— Não, não está. — Ele atravessou a distância entre os dois e levantou o queixo dela com o dedo. — Sinto muito por duvidar de você. Por tirar conclusões precipitadas. Você me perdoa?

Ele estava pedindo perdão?

— Eu não entendo. Pensei... pensei que você iria dizer que está tudo acabado entre nós.

— Eu posso ser um tolo, mas não sou um idiota tão grande assim.

— Eu deveria ter contado a você sobre as informações que descobri. Eu não tive a intenção de manter um segredo. Mas eu as consegui antes de as coisas realmente acontecerem entre nós, e, bem, depois, quando eu decidi que você era mais importante para mim do que qualquer história...

— Porque você me ama. — Ele parecia satisfeito agora.

— Sim.

— Bem, eu tenho um furo para você, e não me importo com quem saiba disso. — As mãos dele encontraram os quadris dela e a puxaram para perto. Pouco antes de beijá-la, ele disse: — Eu amo você, também.

CAPÍTULO ONZE

AS SEMANAS seguintes passaram rápido, como um sonho maravilhoso. Mallory não conseguia se lembrar de estar mais feliz ou mais completa, o que era estranho, levando em consideração que ela ainda estava escrevendo artigos insossos, dignos de uma estagiária, para a seção de *Estilos de Vida* do *Herald*, e tinha que tolerar os comentários sarcásticos de Sandra sempre que seus caminhos se cruzavam no trabalho. Recentemente, Sandra andava não apenas sarcástica; ela parecia satisfeita. Mallory a ignorava. Sua colega era a última pessoa em sua mente.

De fato, o trabalho em geral continuava a ficar em segundo plano. Ela estava passando menos tempo na redação, trabalhando o expediente padrão, e nada de horas extras, a menos que o editor do caderno lhe pedisse especificamente que o fizesse. Poucos meses antes, ela teria passado a maior parte das horas de seu dia respirando tinta de impressão e examinando os boletins das agências de notícias, mas agora passava o tempo livre com Logan, na casa dela, ou no barco dele, ou no apartamento sofisticado que ele tinha, e onde estava tentando ensinar a ela as noções básicas de culinária, em sua esplêndida cozinha *gourmet*.

Ela estava aprendendo muito, não apenas sobre grelhar, assar e fritar, mas principalmente sobre si mesma. Como tinha dito a ele naquela noite em seu apartamento, ela havia parado de se subestimar.

Mallory gostava da pessoa que era quando estava com Logan. Ela não sentia necessidade de ser perfeita, nem de se envolver em um manto rígido. Cheia de defeitos como ela era, ele ainda gostava de passar seu tempo com ela. E tinha lhe dito que a amava.

Mesmo assim, ela ainda não havia contado a ele sobre o bebê, cuja existência tinha agora sido confirmada pelo médico. Embora continuasse a dizer a si mesma que não havia motivos para isso, ela estava um pouco receosa. Qual seria a reação dele? Ela precisava acreditar que ele ficaria feliz, e a apoiaria, apesar das circunstâncias.

E era claro que ele seria o extremo oposto do pai dela, em todos os sentidos. Além disso, ela teria tempo. Mal estava com dois meses de gravidez. E tudo entre ela e Logan era tão novo, tão perfeito. Ela queria dar aos dois um tempo para se ajustarem a ser um casal, antes de lidarem com o fato de que iriam ser pais.

Mallory estava atarefada em seu apartamento, colocando as roupas na máquina de lavar e tentando se lembrar o que havia feito com o avental branco de *chef* que havia comprado quando o telefone tocou. Ela presumiu que fosse Logan, já que eles iriam jantar no apartamento dele naquela noite. Ele iria ensinar a ela como preparar uma autêntica fritada chinesa.

Ela sorriu ao atender ao telefone.

— Seja paciente, querido — ela disse, rindo.

— Mallory? É você? — Além da agitação usual em sua voz, Maude parecia perplexa. Mallory se arrependeu amargamente de não ter checado o identificador de chamadas. Aquela conversa fatalmente seria, além de depressiva, muito longa.

— Sim, mamãe. Desculpe pelo modo com que atendi. Pensei que era outra pessoa.

— Isso deu pra deduzir — Maude disse, secamente e com uma ponta de censura.

— Eu... eu estava para sair, mamãe. Tenho um compromisso e já estou um pouco atrasada. Posso ligar para você mais tarde?

— Esse “mais tarde” quer dizer amanhã, presumo. — Não havia uma ponta de censura agora, mas uma tonelada, e isso foi antes de Maude completar: — Eu achei que você tinha desistido de homens, depois do último. Qual era mesmo o nome dele?

Mallory nem se deu ao trabalho de responder. O passado era irrelevante.

— Eu conheci alguém especial, mamãe.

— Oh, não. — Aquilo não era exatamente o que uma mulher queria ouvir de sua mãe em resposta a uma afirmação como aquela. — Você soa como se achasse que está apaixonada.

— Eu não acho. — Mallory não acrescentou mais nada, já arrependida de mencionar seu relacionamento com Logan. Graças a Deus sua mãe não tinha a menor ideia sobre o bebê.

— Não caia na mesma armadilha que eu — Maude alertou-a, antes de começar a velha ladainha. — Eu desperdicei 14 anos da minha vida com o

seu pai, construindo um lar para ele e colocando as necessidades dele acima das minhas. E você sabe o que me sobrou quando ele me deixou? Nada.

Você tinha a mim, Mallory quis dizer a ela. Você tinha uma filha que se sentiu abandonada não apenas por um, mas pelos dois pais. Mas ela sabia da inutilidade de tentar racionalizar ou argumentar. Maude queria simpatia e concordância. Mallory não conseguia se forçar a oferecer nem uma nem outra coisa, e se limitou ao silêncio.

Sua mãe pareceu não perceber.

— Você ganha um bom salário no jornal — ela continuou. — Você tem uma carreira, dinheiro, um objetivo, tudo o que eu deveria ter tido e que teria tido quando era jovem, se não tivesse deixado seu pai me convencer a me casar com ele e deixá-lo me sustentar. Eu pensava que estava apaixonada, naquele tempo, também.

Novamente, Mallory teve que morder a língua, já que, se seus pais nunca tivessem se conhecido, ela não teria nascido. A amargura de sua mãe a deixava cega a respeito dos comentários ofensivos e dolorosos que fazia.

— Você tem uma boa vida, Mallory. Eu vou ficar muito decepcionada com você se você deixar um homem arruiná-la — Maude concluiu.

Aquela não era uma frase nova no repertório de sua mãe. Ela lhe dizia mais ou menos a mesma coisa desde o primeiro encontro de Mallory, aos quinze anos. Pela primeira vez, entretanto, em vez de rolar os olhos e deixar passar sem comentários, Mallory ficou zangada. Zangada o suficiente para quebrar uma de suas regras fundamentais e discutir.

— Uma boa vida, mamãe? Isso é o que você acha que eu tenho? — Até recentemente, sua vida tinha sido tão pateticamente vazia, tão focada no trabalho, e tão unidimensional. Passar algum tempo com Logan, se apaixonar por ele, a fizera ver aquilo bem claramente. — Só porque eu sou solteira, não significa que minha vida seja boa.

A resposta, tanto as palavras quanto o tom de voz ríspido que as acompanhara, deveria ter espantado Maude. Mallory imaginou a boca de sua mãe se movendo sem emitir um som, do outro lado da linha. Foi um momento maravilhoso, um momento incrivelmente liberador, especialmente porque Mallory não havia sequer percebido que estava tão atrelada ao passado quanto sua mãe.

Mas todas as coisas boas chegam a um fim, e o silêncio de sua mãe foi uma dessas coisas.

— É dessa maneira que você fala comigo? Depois de todos os sacrifícios que eu fiz durante todos esses anos para que você pudesse ter tudo o que eu não tive e não pude?

Mallory quase pediu desculpas, não porque se sentia culpada, mas porque poderia terminar aquela conversa muito mais rapidamente se cedesse, desistisse. Uma olhada rápida para o relógio lhe mostrou que ela já iria se atrasar para chegar ao apartamento de Logan. Bem, pouco atrasada ou muito atrasada, aquilo não podia esperar. Uma vez na vida, ela iria colocar as coisas em pratos limpos.

— Eu reconheço os seus sacrifícios, mamãe. Sempre reconheci. O que eu não aprecio é o jeito como você os usa como um disco arranhado, tentando garantir que eu sempre me sinta em dívida com você. Você fez o que se espera de qualquer pai ou mãe, e mais ainda desde que o papai se esqueceu de suas obrigações depois que nos deixou.

— Depois que nos deixou?! — Maude praticamente cuspiu as palavras. — Ele já não era muita coisa como pai, mesmo quando ainda estava em casa. Você não tem ideia dos sacrifícios que eu fiz — ela disse uma segunda vez.

Mallory decidiu tentar uma abordagem diferente.

— Você poderia ter muito mais agora, mamãe. Você poderia voltar a estudar, fazer alguns cursos para poder conseguir um emprego de que gostasse.

Maude deu uma risadinha sarcástica.

— Na minha idade?

— Você tem 54 anos. Ninguém a chamaria de idosa.

— Ele realmente virou a sua cabeça, não foi? Este homem que você está correndo para ver. — A voz de sua mãe estava cheia de desprezo.

— Ele é um bom homem. — O melhor. E ele seria um bom pai. Ela acreditava nisso. E não deixaria seu passado envenenar seu futuro.

— Todos começam assim.

— Não. Nem todos. — A verdade atingiu Mallory com tanta força, que ela teve que se apoiar na parede da cozinha. — Nenhum dos homens com quem eu saí no passado começaram me tratando muito bem. E talvez fosse isso que eu quisesse — ela murmurou, meio que para si mesma. — Talvez, depois do que aconteceu entre você e o papai, eu não quisesse ser tentada a ter um relacionamento sério, com possibilidades em longo prazo.

Ela estava tentada agora. Mais do que tentada, ela decidiu. E o bebê que crescia dentro dela não era o único motivo.

— Mallory...

Sua mãe estava se preparando para disparar outra bomba depressiva, mas Mallory já tinha ouvido o bastante. Nada que ela pudesse dizer a Maude iria mudar a opinião de sua mãe, mas, pelo menos, Mallory tinha desabafado, e tido uma epifania.

— Mamãe, eu preciso ir. Logan está me esperando.

— VOCÊ PARECE diferente — disse Logan, enquanto ela picava um pimentão vermelho na bancada da cozinha. Ela estava usando a faca *Santoku* do jeito que ele a ensinara, encostando a ponta da lâmina na tábua de cortar e levantando e abaixando o instrumento para cortar o legume. Mallory já tinha feito a mesma coisa com uma cebola e alguns talos de aipo, para a fritada de camarão que eles estavam preparando.

— É a iluminação sofisticada da cozinha. — Ela usou a faca para apontar para o trio de lâmpadas de âmbar penduradas sobre a bancada, mas uma parte de seu coração entrou em pânico, imaginando se ele podia perceber que ela estava grávida só de olhar para ela.

— Não. — Os olhos dele se estreitaram especulativamente. — Tem alguma coisa a mais.

— Você está me deixando constrangida — ela disse, quando ele continuou a olhar fixamente para ela. — Eu posso até cortar um dedo se você continuar a me inspecionar desse jeito.

Ele não foi abalado pela perspectiva de derramamento de sangue.

— Você parece... mais leve.

Mallory piscou ao ouvir aquilo, antes de colocar a faca na mesa e cruzar os braços sobre o peito.

— Você está me dizendo que achava que eu era gorda?

Ele riu.

— Não quero dizer mais leve nesse sentido. Mais leve em espírito, eu acho que é o que eu quero dizer.

Ela fez um som desaprovador.

— Observe. Você está chegando terrivelmente perto de me analisar.

— Não estou chegando perto. Estou mesmo analisando você — ele apanhou um cubinho de pimentão vermelho na tábua de cortar e o colocou

na boca. — Então, o que aconteceu?

Por onde começar?, pensou Mallory. Ela descruzou os braços e decidiu se limitar ao acontecimento mais recente.

— Eu falei com a minha mãe pouco antes de vir para cá.

— Oh — ele assentiu —, foi por isso que você se atrasou?

— Foi. — Ela esfregou as mãos na frente de seu avental branco de *chef*, não porque elas estivessem sujas, mas porque suas palmas ficaram subitamente úmidas.

— Ela está bem?

— Sim. — Mas então Mallory sacudiu a cabeça. — Não, não realmente. Eu sinto pena dela.

— Por quê?

Logan estava agindo como médico agora, mas Mallory não se importou. Ela havia começado a apreciar aquele lado dele. Suas avaliações calmas e intuições certas. Ela decidiu oferecer as suas próprias.

— Meu pai realmente causou um trauma nela, mas isso já faz anos.

— Às vezes, a passagem do tempo é irrelevante, se a mágoa foi substancial o suficiente. — Quando ela franziu o rosto, ele disse em voz baixa: — Eu deixei que dez anos se passassem antes de me envolver em outro relacionamento sério.

— Por causa de Felicia.

Ele assentiu, e a revelação fez com que Mallory engolisse em seco. Eles haviam conversado sobre muitas coisas desde aquela noite no apartamento dela, mas, por um acordo não verbalizado, haviam evitado aquele assunto.

— É um pouco irônico, não é? — A expressão dele se tornou irônica. — Eu aconselho as pessoas sobre relacionamentos, sobre seguir adiante com suas vidas, apesar da adversidade ou da dor. E, mesmo assim, passei a maior parte de uma década em um limbo emocional.

— Você não está no limbo agora. — Ela ficou na ponta dos pés e o beijou.

— Não. — Ele mordiscou o lábio inferior dela.

— Você seguiu em frente com a sua vida.

— A todo vapor — ele concordou. E então ficou sério. — Você sabe, ainda não tenho certeza se prefiro o que estou fazendo a ter minha clínica particular, mas, pela primeira vez desde que entrei no ar, não estou me sentindo uma fraude.

— Eu fico feliz.

— E então, o que aconteceu com a sua mãe?

— Ela precisa seguir em frente. Esqueça o limbo. A mulher está no purgatório, e se sente feliz em tentar me arrastar para lá, também. Ela está sozinha, amarga, e absolutamente decidida a continuar assim.

— E você já aceitou que a infelicidade dela não é sua culpa, nem sua responsabilidade?

— Oh, aceitei isso há muito tempo. O que me ocorreu hoje quando ela começou a me passar um sermão sobre os males dos homens e dos relacionamentos... — Quando as sobranças de Logan se ergueram, Mallory completou: — Sim, minha mãe acha que a sua espécie não tem redenção. De qualquer modo, quando ela veio com a mesma ladainha de sempre hoje, fiquei tão zangada que terminei discutindo com ela.

— Você nunca tinha discutido com a sua mãe antes? Você? — Ele disse de novo, seus lábios começando a tremer.

— Você está insinuando que eu sou briguenta?

Ele se inclinou para beijar a ponta do nariz de Mallory.

— Eu não ousaria. Agora, continue com sua história.

— Eu já discuti com a minha mãe a respeito de muitas coisas, mas nunca sobre homens em geral, ou o meu pai em particular. Eu sempre deixei que ela tivesse a última palavra — Mallory admitiu.

— Negação — ele murmurou.

— Talvez. Provavelmente. — Ela deu de ombros. — Mas eu não achava que desse qualquer importância para as palavras dela, ou que elas tivessem qualquer impacto sobre a minha vida. Até hoje.

— O que mudou? — ele perguntou suavemente, tomando-lhe a mão. Seus dedos se entrelaçaram aos dela, um símbolo do laço que havia se formado entre os dois. Aquilo lhe dava forças, e Mallory sorriu.

— Eu mudei. Eu percebi que, até recentemente, era viciada em trabalho. Eu não gostava do meu trabalho, simplesmente; eu fazia dele o foco da minha vida, excluindo todo o resto. Bem, com a exceção de homens idiotas.

— A companhia atual está excluída deste grupo, eu espero.

— Definitivamente. Os homens que eu namorei no passado eram... completamente errados para mim. Eu sabia disso, inconscientemente pelo menos, mas não queria me envolver seriamente com ninguém. Eu não queria correr o risco de repetir a vida da minha mãe. — Ela sacudiu a

cabeça lentamente. — O engraçado é que eu já estava vivendo a vida dela. Claro que as circunstâncias eram diferentes; nada de ex-marido problemático, nem uma filha para criar sem apoio. — O coração dela se apertou ao dizer aquilo, mas ela continuou. — Nem um emprego medíocre para tolerar porque eu não tinha um diploma de faculdade ou habilidades para entrar no mercado de trabalho. Mas eu havia me tornado tão solitária e insensível como ela.

— Uau — ele assentiu, admirado. — Não é de espantar que você pareça tão leve. Você se livrou de uma tonelada de peso.

— Sim — ela sorriu. — Me liberei. — Ambos haviam se livrado.

— E você fez tudo sozinha. — Ele fingiu uma careta. — Sabe, se a maioria das pessoas pudesse fazer o que você acabou de fazer, eu perderia meu emprego.

— Mas eu ainda precisaria de você, Logan. — Ela levantou as mãos entrelaçadas dos dois e beijou as costas da mão dele. — Obrigada.

— Pelo quê?

— Por não ser um idiota.

Ele riu.

— Obrigado, eu acho.

— Estou morrendo de fome. — Ela soltou a mão dele, mas, em vez de voltar a picar legumes, Mallory começou a desamarrar seu avental.

— O que você está fazendo?

Em vez de responder à pergunta dele, ela lhe fez uma:

— Já fez amor em uma cozinha?

— Nesta cozinha? — A voz dele estava rouca, e seus olhos se escureceram quando ela jogou o avental para o lado e começou a desabotoar os botões da blusa.

— Em qualquer cozinha.

— Não.

— Nem eu. — A blusa dela se juntou ao avental no chão. O sutiã que ela usava era novo, uma peça elegante e sensual que aumentava o decote com a ajuda de uma armação de arame. O estômago dela ainda estava liso, mas seus seios estavam mais cheios, e ela estava linda com o sutiã, e com a calcinha combinando, por sob a saia. Ela desabotoou a saia de algodão e deixou que ela lhe escorregasse pelas pernas. Se ela tivesse qualquer dúvida

a respeito de sua aparência, um olhar para a expressão de Logan a dissiparia completamente.

— Pergunte novamente em uma hora. — Ele puxou a camisa para fora do *jeans* e começou a desabotoá-la. Ela podia vislumbrar seu peito musculoso e os pelos que o cobriam.

— Uma hora, hein? Isso é muito tempo. Você deve estar se sentindo bem confiante.

Logan gemeu.

— Estou sentindo várias coisas.

Enquanto ela estava quase nua, ele estava quase totalmente vestido. Mallory apreciava o fato de que Logan gostava de ir devagar na intimidade, mas seu progresso com a camisa estava lento demais para o gosto dela. Ela afastou as mãos dele e cuidou rapidamente dos botões que faltavam. O desejo estava crescendo, pulsando perigosamente entre eles como uma corrente elétrica num fio exposto.

— Muita coisa pode acontecer em uma hora — ele disse, enquanto ela puxava a camisa de seus ombros largos.

— É com isso que eu estou contando.

— UMA REPÓRTER do *Herald* está ao telefone. Ela insiste em falar com você — a secretária de Logan lhe informou pouco depois de ele terminar o programa matutino. — Devo anotar um recado?

— Não — ele sorriu, lembrando-se da cena em sua cozinha algumas noites antes. E da cena em seu quarto mais tarde, naquela mesma noite. E da cena no chuveiro na manhã seguinte. Se eles continuassem com aquilo, iriam terminar se matando. Mas que modo de morrer! — Pode passar a ligação.

— Eu estava mesmo pensando em você — ele disse, em vez de um simples “alô”.

— Mesmo? Isso é uma surpresa.

Bem, a voz do outro lado da linha também foi uma surpresa para Logan. Aquela voz não pertencia a Mallory.

Logan se endireitou na cadeira.

— Minhas desculpas. Eu pensei que fosse outra pessoa — ele respondeu, tensamente.

— Obviamente. Eu acho que sei exatamente a quem você se refere. Sou Sandra Hutchins. Nós nos encontramos rapidamente em um jantar beneficente há alguns meses.

— Eu me lembro. Por que você está me telefonando?

— Eu gostaria de confirmar algumas informações com você — ela começou. — Eu soube recentemente que você esteve noivo de uma Felicia Grant há uns 10 anos.

Logan sentiu uma náusea repentina, mas conseguiu manter o tom de voz firme quando respondeu:

— Sim, e daí?

— Vocês não se casaram.

— Não, não nos casamos.

— Por quê? — A mulher teve a audácia de perguntar.

— Você sabe, eu não vejo realmente como isso pode ser da sua conta, senhorita Hutchins.

— Infidelidade, eu acredito, foi a causa — ela continuou, como se ele não tivesse falado. — A srta. Grant casou-se com outro homem poucos meses depois do seu casamento ser cancelado.

— Notícias velhas — ele disse, displicentemente.

— Talvez. — O tom satisfeito na voz dela o preocupava. — Presumo que você entenda perfeitamente o motivo pelo qual a senhorita Grant se divorciou de seu marido menos de um ano depois do casamento.

— Eu não sabia que ela havia se divorciado. Ela saiu da cidade quase imediatamente depois de se casar, e eu não vi nenhum motivo para manter contato com a família dela.

— Mesmo? *Nenhum* motivo?

Alguma coisa estava errada ali. Muito errada. Mallory havia descoberto aquelas mesmas informações, mas Sandra estava agindo como se tivesse uma verdadeira bomba nas mãos. Logan não conseguia imaginar o que poderia ser.

— Sinto muito em saber que o casamento de Felicia acabou. Ao contrário do que você aparentemente pensa, eu não guardo mágoas dela, especialmente depois de todo esse tempo.

E especialmente agora, que ele havia se apaixonado por Mallory. O passado era o passado.

Era no presente e no futuro que ele queria se concentrar agora.

— E quanto ao seu filho? Que sentimentos você tem por ele?

CAPÍTULO DOZE

LOGAN NÃO conseguia respirar. Ele inspirou pela boca, mas o ar não parecia alcançar seus pulmões.

— Do que você está falando? — ele perguntou depois de uma longa pausa durante a qual imaginou Sandra sorrindo alegremente no outro lado da linha.

— O pequeno Devon Michael Getty. Bem, ele não é mais tão pequeno. Se, por um lado, o “ex” de Felicia foi gentil o suficiente para dar ao garoto o seu sobrenome, por outro lado, fica óbvio que você providenciou o DNA. Ele tem uma forte semelhança com você, doutor Bartholomew.

Uma criança? Um filho? Não. Não era verdade. Não poderia ser. Poderia?

Ainda que nada fizesse sentido naquele momento, uma coisa estava bem clara: Logan não iria continuar a ter uma conversa gravada com a repórter, especialmente quando não sabia do que ela estava falando.

Ele se esforçou para se recompor e conseguiu parecer assertivo quando anunciou:

— Esta conversa acabou.

Mesmo antes de deixar o saguão da emissora de rádio, ele falou ao telefone com sua agente. Em poucas palavras, explicou a situação, esperando que Nina o ajudasse com algum sábio conselho. Mas a resposta dela foi tudo, menos tranquilizadora.

— Eu sabia que seu envolvimento com Mallory Stevens não seria uma boa ideia.

— Isso não tem nenhuma relação com Mallory.

— Pode ter sido uma jornalista diferente que ligou para você hoje, mas trabalha no mesmo jornal. Não seja ingênuo, Logan. Escreva o que estou dizendo, tem um dedo dela nisso. O que você disse a ela sobre sua ex-noiva?

— Nada. Quer dizer, muito pouco. Há algum tempo, ela admitiu que conhecia minha história com Felicia e que soube quando nós rompemos. Mas nunca mais tocou no assunto, e a história morreu aí.

— Bem, não para ela — assinalou a agente. — Ela continuou pesquisando e escrevendo sobre essa história, usando uma colega como fachada.

Logan se impacientou. Não. Ele não podia acreditar naquilo.

— Isso não tem nada a ver com Mallory. Aliás, também não tem nada a ver com essa maldita matéria sobre mim.

— A pessoa em questão poderia muito bem prejudicar a sua carreira, para não dizer que isso custaria a você o programa em rede nacional — Nina ressaltou. — O contrato foi assinado, mas os termos são claros ao permitir que eles voltem atrás em determinadas circunstâncias. E eu acho que esse é o caso.

A agente era paga para cuidar de seus negócios e de sua imagem, e por isso Logan ligara para ela, esperando que Nina controlasse os possíveis danos. Ele tinha coisas mais importantes com as quais se preocupar. Meu Deus, o que Mallory iria pensar quando lesse a notícia? Outro pensamento o atingiu como um golpe. Será que ela já tinha lido?

— Faça o que você achar que deve ser feito. Entro em contato mais tarde. Tenho que ir a fundo nisso — ele disse, desligando o telefone no meio do sermão que Nina estava lhe passando.

Será que ele tinha um filho, um garoto com idade suficiente para ficar tão atordoado e magoado por seu abandono quanto Mallory ficara pelo desprezo de seu pai? Ele precisava saber a verdade. Para isso, tinha que falar com Felicia. Infelizmente, Logan não sabia onde encontrá-la. Mas Mallory sabia.

APESAR DA chuva, Logan ficou no deque de seu veleiro esperando Mallory chegar. Depois da ligação em código, ele deixara o telefone na secretária eletrônica. Ele teria que entender se Mallory não aparecesse.

Logan deveria ter parecido desequilibrado ao chamá-la para se encontrar com ele, trazendo consigo as anotações que possuía a respeito de Felicia e ainda pedindo a ela que não contasse a ninguém no jornal onde estava indo. Quando a viu andando apressada pelo píer, protegida sob um guarda-chuva de bolinhas, Logan suspirou aliviado.

MALLORY NÃO sabia o que fazer sobre a mensagem desesperada de Logan nem com o encontro secreto deles. Mas em nenhum momento pensou em

faltar ao compromisso. Eles tinham ingressos para um jogo do *Sox* naquela noite, mas ele não pediria a ela para deixar o trabalho no meio do dia e encontrá-lo em seu veleiro sem uma boa razão.

Quando se aproximou de Logan, Mallory notou que o cabelo dele estava molhado e sua camisa de manga comprida estava encharcada. Algo parecia incomodá-lo, embora ele estivesse gentil como sempre. Ele a ajudou a subir a bordo do *Tangled Sheets* e a levou até a parte debaixo do convés.

— Deus do céu, você está ensopado. — Ainda assim, ela não protestou quando ele a puxou contra seu corpo. Ele precisava dela. Isso estava muito claro.

— Desculpe — ele murmurou, se afastando um pouco dela. — Agora você está molhada também.

— Não se preocupe comigo.

— Não me preocupar com você? — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Não posso deixar de me preocupar com você. Amar você é me preocupar com você, sempre. — Ele assumiu uma expressão intensa ao dizer: — Eu amo você, Mallory.

— Eu sei. Eu também amo você.

— Lembre-se de que você disse isso.

Ela franziu a testa diante dessa observação estranha. Uma voz em sua cabeça, convenientemente parecida com a voz de sua mãe, ecoava velhas dúvidas. E, apesar dessa voz não se calar, ela se recusou a continuar escutando.

— Logan, você está me assustando. Por favor, diga por que você pediu para eu vir até aqui.

— Você ainda não falou com Sandra, então.

Mallory sentiu um leve enjoo. Isto vinha acontecendo toda vez que ela recebia uma mensagem de Logan. Ela não estava certa se era o estresse ou a gravidez que causava aquela sensação.

— Sandra Hutchens? Eu a evito de todas as formas que posso. O que a Sandra tem a ver com isso?

— É exatamente isso que precisamos discutir.

Mallory não poderia concordar mais. Ela já havia decidido que iria contar a ele sobre sua gravidez. Havia planejado fazê-lo à noite, depois do jogo. Estava na hora de ele saber. Com o passar do dia, Mallory foi ficando cada vez mais empolgada. Queria compartilhar com ele essa novidade

maravilhosa. Além disso, ele era um homem inteligente, um médico. Ele descobriria em breve se ela continuasse a evitar álcool e mastigar biscoitos de água e sal para diminuir o enjoo. E teria todo o direito de ficar irritado com ela.

— Você trouxe suas anotações, não é?

— Sim — Mallory alcançou sua bolsa e pegou seus papéis. Além de seu editor, ninguém tinha conhecimento do que havia naquela caderneta. Ela não hesitou antes de perguntar a Logan o que ele queria.

— Preciso falar com Felicia.

Mallory tropeçou ao dar um passo para trás. Quando se deu conta, ele a amparava com os braços.

— Você quer o número de telefone de Felicia?

— Eu não pediria se isto não fosse importante. Algo aconteceu — ele riu nervoso. — Na verdade, Sandra trouxe um assunto à tona. E eu preciso saber se é verdade.

— Mas o quê...?

Ela deixou as palavras morrerem e venceu o impulso de enchê-lo de perguntas. Não era hora de ativar o seu lado repórter. Em vez disso, arrancou um pedaço de folha do caderno e deu a ele.

— Aqui está.

— Fácil assim?

Ela engoliu em seco e concordou com um gesto.

— Sem perguntas.

Ele a beijou profunda e rapidamente.

— Vou responder a todas as perguntas que você quiser fazer... depois. Agora, preciso ir a fundo em algumas questões. Isto pode levar um tempo.

Ela assentiu, determinada a se manter firme.

— Tudo bem. De qualquer forma, tenho que voltar para o escritório. Você pode me encontrar no meu apartamento esta noite?

— Eu vou assim que resolver algumas coisas com meu advogado.

— Advogado?! Você está com algum tipo de problema, Logan? — E, sem esperá-lo responder, ofereceu: — O que eu posso fazer? O que você precisa?

— Eu preciso de você — ele disse, docemente. — Vou vê-la à noite?

— Estarei esperando — “nós dois estaremos”, ela acrescentou, silenciosamente.

MALLORY NÃO conseguiu render muito no trabalho, depois de voltar ao escritório. Como poderia? Por um instante, considerou entrar em contato com a família de Logan. O clã dos Bartholomew era muito unido, então certamente os pais de Logan ou um de seus irmãos saberia o que estava acontecendo. Mas conseguiu se controlar. Ela podia esperar até a noite. Logan explicaria a situação e os dois juntos decidiriam como lidar com o que quer que estivesse acontecendo e que o deixava tão nervoso.

Ela fitava o computador com os olhos vazios quando o telefone tocou. Era seu editor.

— Eu preciso ver você no meu escritório.

No passado, ser chamada ao escritório de Barry não lhe deixaria nem um pouco aflita. Ora bolas, ela havia se enfiado ali muitas vezes, sem nenhum convite, sempre que estava trabalhando em uma boa história. Desta vez, entre o nervosismo e a gravidez, ela estava muito enjoada, e sentiu-se ainda pior quando viu Sandra instalada junto à mesa de Barry.

— Tranque a porta — Barry disse.

Mallory teve o estranho sentimento de que seu destino seria selado ao fechar daquela porta.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, esforçando-se para parecer descontraída.

— Sandra está trabalhando em uma matéria, a qual será um furo de reportagem se conseguirmos terminá-la rapidamente.

— Que empreendedor da sua parte — ela observou. — Mas o que isso tem a ver comigo?

— Ela desencavou algumas informações significativas sobre uma celebridade local. Os fatos são bem sólidos, mas nossos advogados exigem que verifiquemos tudo nos seus mínimos detalhes. Eles se tornaram ligeiramente precavidos nos últimos tempos.

O coração de Mallory batia tão rápido que ela teve que se concentrar para escutar o que Sandra estava dizendo.

— Podemos ir direto ao ponto, não é? Preciso de uma entrevista com Logan Bartholomew e, considerando que vocês se tornaram íntimos, pensei que talvez você pudesse me ajudar a conseguir uma conversa com ele.

— Por que você precisa de uma entrevista com Logan?

Mas ela sabia. Felicia. Tudo começava a fazer sentido.

— Você vai poder ler isso no jornal quando a reportagem for publicada.

Mallory ajeitou a postura.

— Você acha que vou ajudá-la?

— Estamos todos no mesmo time — disse Barry, entrando na conversa.

— Sandra ofereceu dar crédito a você na reportagem, em troca de sua colaboração.

Eles realmente estavam achando que Mallory estava fazendo jogo duro por causa de crédito na reportagem? Talvez a Mallory dos velhos tempos tivesse mesmo feito isso. Aquela que colocava o trabalho acima de tudo, inclusive das relações pessoais.

— Desculpe, mas não posso ajudar.

A resposta fez Sandra se exasperar e Barry também não ficou feliz.

— Tudo bem — Barry disse depois de um tempo. — Vou tirar você da seção *Estilos de Vida*.

Era isso que ela queria quando foi atrás de Logan no começo da história deles.

Ela não conseguia evitar pensar que era parcialmente culpada pelo estado atual das coisas. Qualquer que fosse o osso suculento que Sandra conseguira descobrir, Mallory era a única responsável pela escavação ter começado.

Ignorando a oferta de Barry, ela virou para sua rival:

— Tenho que admitir, Hutchens, você é mais inteligente do que parece. Você me viu vasculhando os arquivos naquela noite no necrotério e conseguiu juntar dois mais dois.

— Espero que você não esteja me acusando de roubar sua matéria. — Olhando o editor, Sandra disse: — Eu simplesmente continuei de onde ela parou, já que ela não parecia querer fazer nada com aquela informação.

— Eu deixei a coisa bem fácil, mesmo para alguém com suas parcas capacidades — Mallory alfinetou.

Sandra ignorou o insulto.

— Você retirou todos aqueles arquivos no seu nome e depois demorou o quanto quis para devolvê-los.

Seu sorriso era um misto de malícia e triunfo.

— Isto me fez pensar no que você pretendia. Então, eu a vi com Logan e me lembrei de tê-la visto lendo o anúncio de casamento dele.

Foi a vez de Mallory perder a paciência.

— Bem, não posso mais ajudá-la.

— Não pode ou não vai? — Sandra perguntou. — Preciso falar com ele.

— Sinto muito.

Ela deu de ombros. Sandra virou-se para Barry.

— Eu quero um furo! Para o jornal, é claro.

— Claro — Mallory murmurou.

Ela havia sido tão monotemática quanto Sandra? Tão cega a tudo e a todos ao redor dela?

— Os advogados querem que nós incluamos uma resposta de Bartholomew ou de alguém autorizado a falar em seu nome — disse Barry.

— Desculpe, Sandra, mas não estou disposto a arriscar meu pescoço de novo.

Ele olhou mais uma vez para Mallory antes de acrescentar:

— Ainda carrego as cicatrizes da última vez.

Um momento antes fora oferecida a Mallory uma forma de sair daquela posição em que tinha que escrever sobre coisas que detestava, mas Barry agora fazia questão de deixar bem claro que, se ela não os ajudasse, continuaria a fazer isso.

Sandra se levantou, apoiou suas mãos sobre a mesa de Barry e se inclinou. A pose era firme, mas a voz vacilava quando disse:

— Mas, Barry, não podemos esperar muito tempo. Se esperarmos, uma das agências de notícias vai roubar nossa matéria. É só uma questão de tempo até a notícia vazar, especialmente desde que a *Venture Media* ofereceu ao Bartholomew um programa de televisão em rede nacional.

Então eles também sabiam. Mallory tentou amenizar a situação.

— Qual o problema com isso? O cara foi abandonado pela “ex” e passou um tempo com dificuldade em confiar nas mulheres. Ele pode ser psiquiatra, mas também é humano.

Sandra se virou, seus olhos faiscando com um prazer quase maníaco.

— Ele não disse a você. Meu Deus, você, a extraordinária Mallory Stevens, a grande jornalista, não sabe de nada! — Ela aplaudiu de contentamento. — Adorei! Eu simplesmente adorei isso!

— Sandra — Barry começou a dizer parecendo estranhamente desconfortável, como se dividido entre as duas mulheres.

Sandra o ignorou.

— Por favor, Barry. Pelo menos, permita-me dar o furo *dessa* história.

— Do que você está falando? — Mallory questionou entredentes.

— Seu querido médico é papai. E é um caloteiro também.

Se não estivesse sentada, Mallory teria perdido o equilíbrio.

— O quê?

— Isso mesmo que você ouviu. Logan tem um filho. Um garoto de 9 anos que ele teve com Felicia. E posso afirmar com autoridade que ele nunca viu o filho, nem sequer tentou entrar em contato com a criança, e nunca pagou pensão alimentícia.

Mallory balançou a cabeça, inconscientemente cobrindo o abdome com a mão trêmula.

— Você está errada. Logan não... e mesmo se ele tivesse... você está enganada.

— Não, não estou. A menos que a certidão de nascimento esteja errada. Você não é só uma repórter desqualificada, Mallory, você é uma completa estúpida.

Sandra saiu do escritório de Barry e deixou Mallory em estado de choque e desnorteada. Sua humilhação se completou quando seu estômago embrulhou e ela foi forçada a vomitar na lixeira do editor.

Barry ofereceu a caixa de lenços de papel sem qualquer gesto de simpatia.

— Não ouse perguntar sobre metade das coisas que Sandra acabou de dizer. Tudo o que eu quero saber é se você vai ajudar.

Mallory limpou os lábios. Ela mataria por uma bala de hortelã naquele momento. Endireitou as costas para responder a Barry.

— Não. Eu achei que já tivesse deixado isso claro.

— Ah, vamos lá... — ele bajulou. — Nós dois sabemos que você fez metade do trabalho duro. Ajude Sandra a terminar isto e você poderá voltar a fazer o que faz melhor.

Notícias incisivas. Histórias reais. Matérias suculentas sobre escândalos, contravenções e fraudes. Ela era uma jornalista. Ela sempre se deliciaria com furos de reportagem. Mas ela não poderia tirar proveito de sua relação com Logan para fazer isto. Especialmente porque ela não achava que isso tudo tivesse a ver com subornos governamentais, ações policiais encobertas e irregularidades na contabilidade da prefeitura. Se o que Sandra havia dito era verdade, aquilo seria o inferno particular de Logan, e ela queria acreditar que ele teria uma explicação. Ele não era um caloteiro. Ele não era como seu pai. E não tinha dado nada a ela além de razões para confiar nele.

Ela não começaria a duvidar dele agora, quando que ele mais precisava de seu apoio.

— Não — disse ela a Barry.

Quando Mallory se levantou, ele perguntou:

— Aonde você está indo?

Dizer ao pai da criança que está na minha barriga que eu o amo. Ajudá-lo a atravessar esta crise. Ela não iria se afastar dele agora e certamente não iria desempenhar um papel ativo nos esforços de destruir a vida do homem que amava.

— Mallory — Barry vociferou quando ela alcançou a porta —, perguntei aonde você vai.

— Para casa. Eu não estou me sentindo bem.

Mas ela sabia o que fazer para se sentir melhor.

ERAM 19H20 quando Logan bateu na porta de Mallory. Ele estava arrasado emocional e fisicamente, sua energia esgotada. Ele havia entrado em contato com Felicia e passara algumas horas no telefone com ela e depois com seus pais. Ele se sentiu melhor por seus pais não conhecerem a verdade a respeito da paternidade de Devon. Como todo mundo, eles haviam assumido que Nigel Getty era o pai da criança. Ao que tudo indicava, apenas Nigel e Felicia sabiam de toda a verdade. E ela descobrira a gravidez depois do rompimento de seu noivado com Logan.

Nigel e Felicia seguiram adiante com os planos de casamento, ambos aguardando a criança que seria considerada filho de Nigel. Mas quase imediatamente após o nascimento de Devon tornou-se aparente sua semelhança com Logan. O casamento deles durara apenas um ano. Ironicamente, enquanto não houvera qualquer problema em se envolver com uma mulher comprometida, a ideia de criar um filho que não era seu parecia estar além de suas possibilidades. Quando o teste de paternidade confirmou que Devon era filho de Logan, Nigel exigiu o divórcio. Com sua insistência, a certidão de nascimento foi mudada para refletir a verdadeira paternidade do menino. Mas nem Logan nem Devon jamais souberam a verdade. Logan estava com raiva, amargo. Ele se sentiu novamente traído por Felicia. Mas desta vez era pior. Ele era pai. Ele tinha um filho. E eles eram absolutamente estranhos um ao outro. Com quase o mesmo pesar, ele pensava sobre a reação de Mallory ao saber da notícia. Ela acreditaria nele?

Ela aceitaria que ele não fazia ideia da gravidez de Felicia quando seus caminhos se separaram? Ou ela analisaria a situação tendo em vista seu passado e pensaria da mesma forma que Sandra: que ele alegremente fugira de suas responsabilidades? Assim como o pai de Mallory fizera anos atrás.

Logan tentou sorrir quando a porta foi aberta.

Mallory estava pálida, mas seus ombros retos. Algo em sua expressão disse a ele que ela já sabia o que ele iria dizer. Mais até do que qualquer coisa que ele quisesse dizer a ela. Ele precisava de sua compreensão tanto quanto precisava de seu conforto e apoio.

Mas ele se controlou, esperando algum sinal de que ela os ofereceria.

— Estava ficando preocupada — ela disse.

— Desculpe, demorou um pouco mais do que eu imaginei.

Após sua conversa com Felicia e seus pais, ele havia passado algum tempo com seu advogado. Não haveria uma batalha para custódia. Logan e seu filho eram estranhos. Seria cruel e traumático demais tentar arrancar o menino de Felicia, ainda que Logan tivesse toda a intenção de ser um pai presente. Um calendário de visitas seria estipulado, assim como um auxílio financeiro.

— Entre — ela disse.

Ao entrar no vestíbulo bem iluminado, ele notou que Mallory estava pálida e parecia esgotada.

— Você parece exatamente com o que eu estou sentindo. Está tudo bem?

— O editor me convocou para ir à sua sala depois que voltei à redação.

O coração de Logan se retraiu.

— Eu posso imaginar por quê.

— Sandra estava bem contente com toda a história.

— Sim. Eu tive essa sensação quando ela me alcançou na estação e jogou a bomba.

Ele se perguntou se os ferimentos causados pelos estilhaços em algum momento cicatrizariam.

— Mallory, com relação ao menino...

— Você não sabia.

Seu tom demonstrava certeza absoluta. E Logan achava que não poderia amá-la ainda mais do que já amava. Considerando seu passado, Mallory tinha todas as razões para não acreditar nele. Mas ela acreditou. Ela o fez.

— Obrigado por entender. Eu estava preocupado se você iria pensar que...

Ela interrompeu suas palavras com um beijo.

— Não. Chega de viver de passado, lembra? Eles querem uma declaração sua. Aliás, eles querem que eu consiga isso. — Ela inclinou a cabeça. — Sandra disse que eles me dariam crédito na matéria. Barry foi ainda mais generoso, disse que me tiraria da seção *Estilos de Vida*.

— Se eu tiver que falar com alguém, prefiro que seja você. E, se você conseguir sua coluna de volta nesse processo, terá valido a pena.

Mallory franziu a testa.

— Você acha que eu concordei em fazer isto? Eu acabei de dizer que não quero mais viver de passado. Meu trabalho não é mais minha vida, Logan. Eu não vou usá-lo para voltar para a redação. Não vale a pena.

— Eu não me importaria.

— Mas eu sim.

— Eu amo você da mesma maneira.

Ele a beijou e Mallory sorriu.

— Viu só? Nenhum emprego pode fazer isso.

Ainda que estivesse aliviado no momento, Logan era realista. Havia mais a discutir, mais decisões a tomar. Ele a levou para o sofá e a acomodou ao lado dele.

— Minha vida está para se tornar um picadeiro — ele começou. — Minha agente me informou no caminho para cá que o meu contrato para o programa no sindicato foi anulado.

— Eu lamento.

— Achei que lamentaria também, mas não. Não era a direção profissional que eu gostaria de tomar. Eles vão liberar um comunicado à imprensa porque já há rumores sobre um acordo circulando na mídia. Vai ficar realmente complicado.

— Você está tentando romper comigo?

— Pelo menos, por enquanto. Eu não quero que você seja atingida por nenhum pinga da lama que vai começar a ser arremessada.

— É muito gentil da sua parte, mas não vou a lugar nenhum. Estamos nisso juntos, Logan.

— Estava esperando que você dissesse isso. Preciso de você, Mallory.

Ele passou a mão pelo cabelo, baixando a guarda.

— Meu Deus, eu tenho um filho. Um filho. Ele tem nove anos e ainda não sabe quem eu sou. E eu não sei nada sobre ele ou, e, já que falamos nisso, nem sobre ser pai.

— Você vai ser um ótimo pai.

Ele gostou da convicção dela, mas sua voz estava estrangulada quando disse:

— Eu não presenciei tanta coisa que deveria ter acompanhado... Vê-lo aprender a andar, falar. Ele já está andando de bicicleta, jogando *baseball*. Eu não acredito que Felicia me privou disso tudo durante todos esses anos.

A dor de Logan era claramente visível. O coração de Mallory doía por ele.

— Eu lamento tanto.

— Felicia e eu conversamos por um bom tempo. Não acredito que ela fez o que fez, especialmente manter Devon longe de mim mesmo sabendo a verdade. Mas já está feito. Discutir sobre esse assunto agora não vai adiantar nada.

— Então, o que você pretende fazer?

— Felicia já estava considerando voltar para Chicago. Os negócios dela em Portland não estão indo bem e, agora que eu sei a verdade, ela não tem nenhuma razão para permanecer lá. Depois que eu me encontrar com Devon e nós nos conhecermos bem o suficiente para ele se sentir à vontade para passar um tempo sozinho comigo, vamos começar a trabalhar em um esquema de visitas. Então, parte do tempo, não seremos só nós dois.

Mallory planejava contar a Logan sobre seu bebê naquela noite, e parte dela ainda queria fazer isso, mas não seria justo. Ele tinha que dar conta de tanta coisa. Sua novidade esperaria. Por mais uns dias ou umas poucas semanas, no máximo. Só até Logan tomar fôlego.

DUAS SEMANAS se passaram. Claro que a imprensa, tanto em Chicago quanto no resto do país, adorou espalhar a notícia do “filho natural” de nove anos de Logan.

Alguns tabloides e *blogs* questionavam as afirmações de Logan dizendo que não sabia a respeito de seu filho, apesar dos testemunhos de Felicia confirmando sua versão.

Mallory não conseguia deixar de imaginar o que seria escrito se alguém tomasse conhecimento de sua gravidez. Ela ainda a mantinha em segredo.

Ela não havia dito nem mesmo a Vicki, apesar de sua amiga ter levantado a sobancelha, desconfiada, depois que ela pedira uma *marguerita* sem álcool da última vez que se encontraram. Logan teria que ser o primeiro a saber. E ele seria. Muito em breve.

ELE ESTAVA voltando naquele dia depois de um final de semana em Oregon. Havia se encontrado com seu filho pela primeira vez no dia anterior. Ele telefonara para Mallory na noite anterior ao encontro com o coração tão apertado e cheio de esperança que ela soube que não poderia aguentar muito mais tempo sem dar a notícia. A hora poderia não ser a melhor, mas era o correto a se fazer. Ela estava a caminho do aeroporto agora e já tinha tudo planejado. Depois que ela o buscase, iria levá-lo de volta ao apartamento, que os aguardava iluminado à luz de velas. Ela havia trapaceado, pedindo a Luke para fazer o jantar. Queria que tudo saísse perfeito, e suas habilidades na cozinha eram, na melhor das hipóteses, duvidosas.

Ela observou Logan no instante em que ele atravessou o portão no O'Hare. Ele parecia cansado, mas curiosamente desperto.

Ela lhe deu um abraço. Quando ela tentou se afastar, ele a abraçou ainda mais forte e terminou com um beijo que fez seus joelhos tremerem.

— Eu acho que você sentiu saudades de mim.

— Eu senti, sim. E isto me fez pensar.

— Ah, é? Em quê?

— Eu digo assim que chegarmos no meu apartamento.

Ele ergueu as sobancelhas.

— Se você não estiver muito cansado, acho que nós deveríamos ir até o meu apartamento em vez de ir ao seu. Tenho jantar pronto e uma pequena surpresa.

— Tudo bem. Eu tenho a minha própria surpresa aqui comigo — ele completou com uma piscadela enigmática.

A última coisa que Mallory esperava era que, ao entrarem no apartamento, Logan tiraria uma caixa de dentro do bolso e se ajoelhasse diante dela.

Ele havia mesmo dito que tinha uma pequena surpresa para ela. Mas 'pequena' não era bem o caso. O diamante brilhando dentro da caixa aparentava ser de três quilates.

— O-o que você está fazendo? — ela perguntou.

— Não consegue imaginar? Você costuma ser mais rápida. — Ele sorriu.

— Você... você quer...

— Eu quero me casar com você — disse ele, para depois tomá-la nos braços quando ela pareceu perder o equilíbrio. Os dois acabaram sentados no chão.

— Eu amo você, Mallory. Eu quero passar a minha vida com você. Mas, se você quiser um tempo para dar uma resposta, não tem problema. Eu sei que as coisas estão um pouco confusas agora, e elas continuarão assim por um tempo. Mas eu tenho paciência.

— Eu não preciso de tempo para pensar. Sim! É claro que eu quero me casar com você. — Ela tocou seu rosto, beijou-o e suspirou enquanto ele a segurou e levou-a até o chão. Algum tempo passou até que ele a ajudasse a se levantar.

— O jantar está com um cheiro bom — ele disse. — Ei, você não disse que tinha uma pequena surpresa para mim também?

Ela mordiscou o lábio inferior e sorriu. Estava cedo demais para sentir o bebê, mas ela podia jurar ter sentido algo maravilhoso se mexendo dentro dela.

— Sim, eu tenho.

EPÍLOGO

Três Anos Depois

— **NÓS** VAMOS ter um bebê? — Logan sorria quando fez a pergunta.

— O médico disse que a data provável é a primeira semana de outubro.

— Mallory sorriu em resposta. — Ela poderia chegar no nosso terceiro aniversário de casamento.

— Esse seria um ótimo presente. — Ele a envolveu com os braços e deu-lhe um beijo nos lábios.

— E quanto à sua referência ao “ela”, parece que você está esperando uma menina desta vez.

— Eu amo os homens na minha vida. Mas você, Devon e o pequeno Patrick estão em maioria. Seria bom ter outra mulher na casa.

Devon ficava com Logan em fins de semana alternados e feriados desde que ele e sua mãe se mudaram de Portland seis meses depois que a paternidade de Logan virara manchete.

O acordo não era o ideal. Nenhum acordo de custódia de criança jamais era. Mas eles estavam se esforçando para fazê-lo funcionar.

Claro, havia sido difícil para todos eles no começo. Não era surpreendente que Devon tivesse ficado irritado, magoado e confuso.

Ele atacara a todos, tendo seu pai como alvo principal.

Mesmo devastado pela animosidade de seu filho e pela dor da rejeição, Logan permanecera paciente e, com ajuda de Mallory, esperançoso de que eventualmente o menino se aproximasse.

E foi isso que ele fez.

Levou mais de um ano para Devon chamar Logan de “pai”. Mallory pensou que fora de propósito que o menino o fizesse no mesmo dia em que Patrick disse seu primeiro Da-Da.

As coisas ficaram mais fáceis depois disso. E uma relação sólida começou a surgir. Nenhum dos embarços que os acompanharam em seus encontros durante os primeiros meses se repetiu. Ela não diria que as coisas estavam perfeitas, mas eles estavam quase lá.

— No que você está pensando? — perguntou Logan, tirando Mallory de suas reflexões.

Ela respondeu do fundo do coração:

— Que eu sou a mulher mais sortuda do mundo.



Doce surpresa

Braun, Jackie

9786586012552

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Morgan Stevens aparece grávida no escritório do rico empresário Bryan Caliborn à procura do pai de seu filho, duas coisas ficam evidentes: ela o confundiu com seu falecido irmão... e está em trabalho de parto! Agora, Morgan é uma mãe solteira, mas com o surpreendente apoio de um autoritário magnata. Bryan, contudo, está apenas seguindo seu senso de dever... Ou não?

[Compre agora e leia](#)

SARAH MORGAN

Simplesmente Nova York

"Narrativa habilidosa, diálogos espirituosos e
uma mistura perfeita de humor e drama."
— RT BOOK REVIEWS



Simplemente Nova York

Morgan, Sarah

9786550990633

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Às vezes, a melhor maneira de encontrar o amor é parando de procurá-lo.

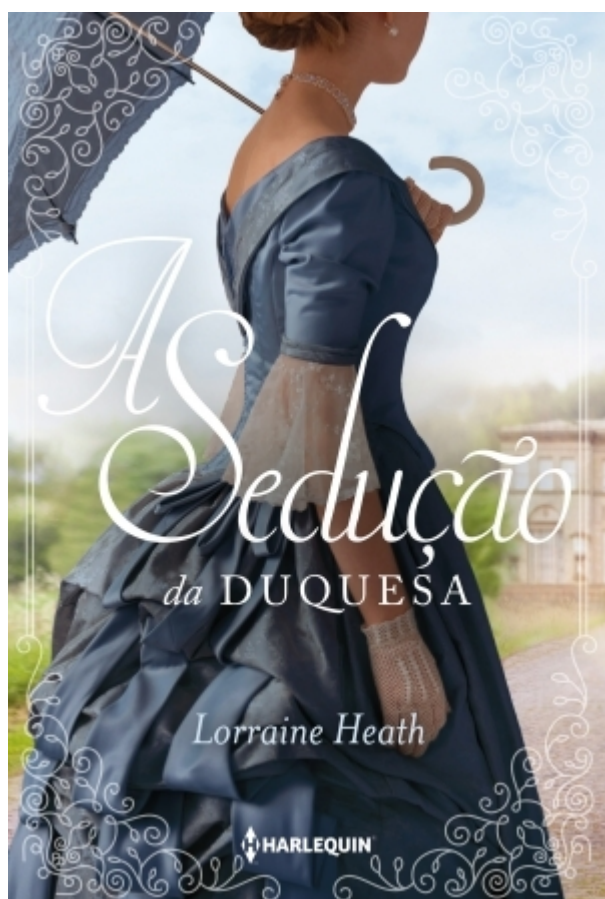
Molly (ou Aggie, nas redes sociais) é a colunista de relacionamentos mais famosa de Nova York, e seu livro sobre como encontrar a pessoa certa vendeu milhões de exemplares. Pena que ela não consegue seguir os próprios ensinamentos. Depois de um término traumático que a levou de Londres para Nova York, Molly decide que relacionamentos não são para ela, e que o único amor de sua vida vai ser seu dálmata, Valentine.

Daniel (ou Rottweiler, para os inimigos) é o advogado especialista em divórcios mais famoso de Nova York, e sabe que sentimentos são a pior coisa que alguém pode trazer para um relacionamento. Um pouco de diversão, porém, não machuca ninguém, e é por isso que ele não vê nada de mais em pegar um cachorro emprestado para conhecer a linda

mulher que cruza seu caminho toda manhã no Central Park. Molly e Daniel acham que sabem tudo sobre relacionamentos. No entanto, à medida que a química poderosa entre eles os aproxima, começam a descobrir que ainda há muito o que aprender sobre o amor...

Após *Amor em Manhattan*, *Pôr do sol no Central Park* e *Milagre na 5ª Avenida*, Sarah Morgan está de volta com mais um romance para renovar sua fé no amor."

[Compre agora e leia](#)



A sedução da duquesa

Heath, Lorraine

9786586012613

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aiden Trewlove está acostumado a apresentar o pecado e o vício às damas mais ousadas da sociedade londrina em seu clube exclusivo para mulheres, mas sempre se mantém a uma distância segura, sem quebrar sua regra de se envolver com a clientela — ou pior, com a nobreza. No entanto, quando uma beldade mascarada aparece em seu clube certa noite, ele não consegue resistir à tentação de se aproximar. E fica ainda mais atraído quando ela lhe faz uma oferta pecaminosa, capaz de fazê-lo esquecer todas as suas regras. Selena Sheffield, duquesa de Lushing, acaba de ser tornar viúva. Em seus seis anos de casada, nunca conheceu paixão ou soube o que era amar. E, apesar das aparências, não está no Clube Elysium para isso. Ela tem um objetivo claro, e o futuro de sua família depende de seu sucesso. Mas, à medida que começa a percorrer uma jornada de

descobertas e prazeres inomináveis com Aiden, fica cada vez mais difícil para Selena lembrar de seus deveres.

[Compre agora e leia](#)



Como encantar um canalha

Enoch, Suzanne

9788539827275

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Evelyn, uma jovem obstinada, promete se vingar de um dos canalhas mais infames de Londres. Mas, quando o cafajeste vira o jogo, quem vai realmente aprender uma lição sobre do que o amor é capaz? Nas ruas, ele é chamado ironicamente de "Santo", mas o marquês de St. Aubyn merece sua reputação como o maior canalha de Londres. Evie sabe que deve evitá-lo, mas ela quer ajudar as crianças do orfanato, e ele preside o conselho dos administradores. Quando Santo nega seu pedido para ser voluntária no Coração da Esperança, ela decide que o homem precisa aprender uma lição. Ela só precisa descobrir como resistir aos encantos daquele mulherengo. Para Santo, a ideia de ceder a uma mulher como Evie é impensável. Ele não quer se tornar outro projeto de caridade em suas mãos, mas a moça se recusa a desistir. Que outra opção ele tem a não ser seduzir a dama? Porém, ele não esperava ser seduzido pelo doce

coração da mulher. A tentação de passar longas noites nos braços dela poderia provocar o impossível? Será que o mais conhecido cafajeste de Londres poderia mudar?

[Compre agora e leia](#)



Sabor de sedução

O'Reilly, Kathleen

9786586012897

180 páginas

[Compre agora e leia](#)

Encontrar um homem lindo e solitário em uma praia deserta foi como ser atingida por um raio. Um fim de semana ardente com Daniel O'Sullivan foi o suficiente para deixar Catherine Montefiori atordoada por um maravilhoso coquetel de sol, mar e sexo. Subitamente, no entanto, a diversão acaba quando a casa de leilões da família dela é envolvida em um escândalo. Catherine está disposta a resolver tudo, mas espera que Daniel a ajude nisso. Afinal, ele é o homem certo para o trabalho, e ela, mesmo contrariando o bom senso, não consegue mais se afastar dele...

[Compre agora e leia](#)